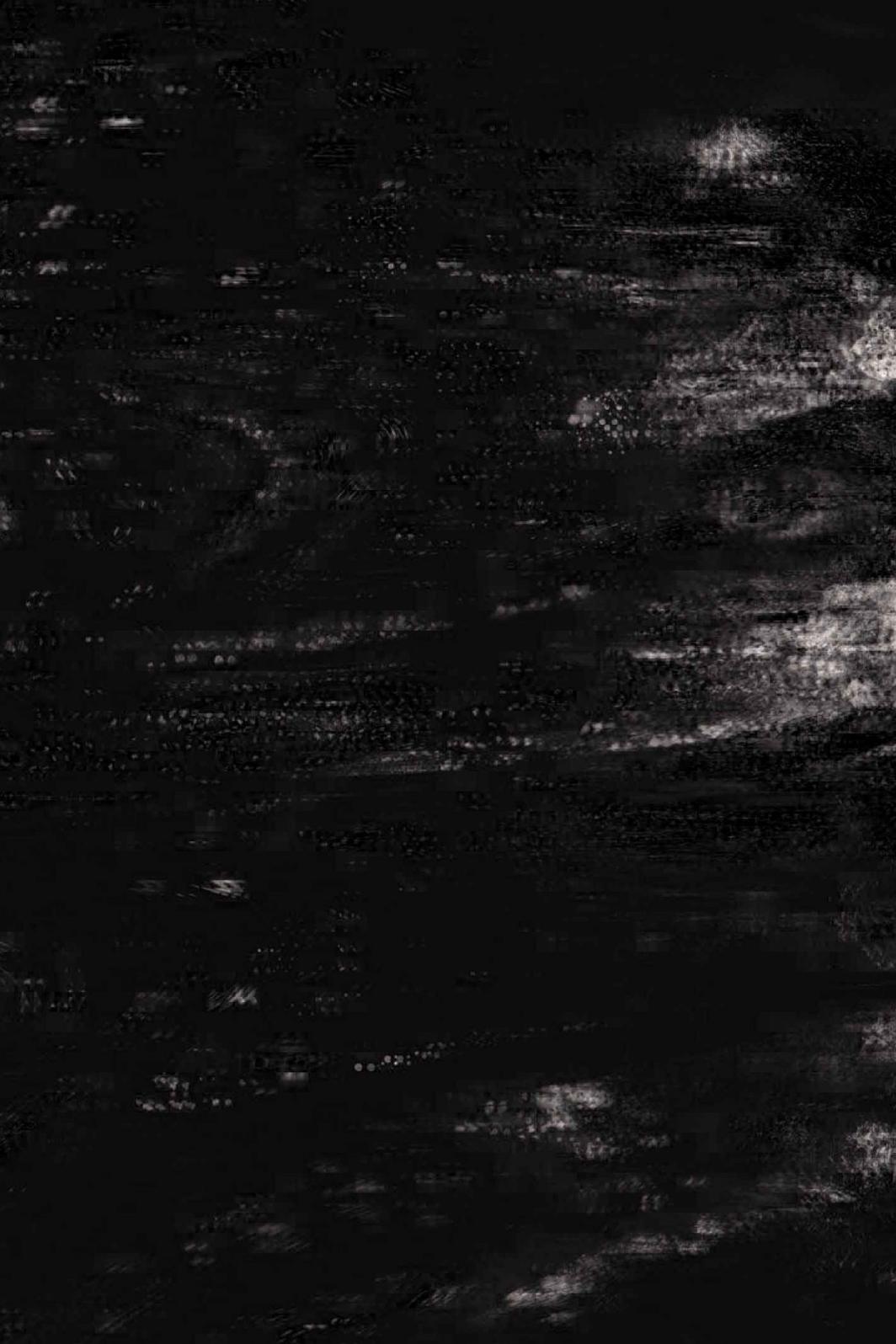




N E M E P H I L E

NEMEPHILE
O TEMPO É APENAS MEMÓRIA





N E M E P H I L E

O TEMPO É APENAS MEMÓRIA

1ª Edição

Coverge
Curitiba
2019

Bem vindo à **MOMENTUM**, um projeto de publicação editorial *indie e colaborativo* voltado para narrativas literárias e expressões artísticas áudio e visuais de cunho fictício.

O coletivo Coverge agradece a todos os autores e colaboradores que fizeram com que a publicação deste livro fosse possível.

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98)

Este é um trabalho de ficção. Nomes, lugares, personagens e acontecimentos são produtos da imaginação dos autores ou são usados ficcionalmente, qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é total coincidência.

Nemephile

Nemefile

— *phile*

1. Usado para criar substantivos e adjetivos que descrevem alguém que ama ou gosta de algo.

No Inglês “*A bibliophile likes books and an oenophile enjoys wine.*”

ETIM. Latim *-phila* Grego Antigo φίλος (*phílos*, “querido, amado”)

Relat. *-philia*, *-philiac*

REF. [Dictionary Cambridge](#)

— *Neme* (Alteração de Mneme “*meme*”)

1. Musa grega que veio a se tornar Mnemosine, deusa da memória.

2. Na biologia, se faz como a percepção da memória evolutiva, o que fica gravado nos genes.

REF. [New Literacies Samplers — Knobel, Lankshear / As Musas — Luis S. Krausz](#)

Nemephile, sentimento de atração pelo tempo, nostalgia. Necessidade e desejo de lembrar, recordar e também reviver memórias em estados de reflexões, sonhos, alucinações, flashbacks, déjà vu e viagem temporal.

Organização
Washington Albuquerque
Cláudia Spíndola

Capa
Hezi Santos

Projeto
Coverge

SUMÁRIO

REMINISCÊNCIA 17

YÉSSA CAVALCANTE

O SOLAR DOS ARRUDA 21

REGINA BEHAR

QUATRO VISÕES 23

DAVID EHRlich

VIDA EM CORES 29

YASMIN CHINELATO

**O CAÇADOR DE
MEMÓRIAS 33**

RENAN FONTELA

**A COLECIONADORA
DE AZULEJOS 37**

MARCELLA LOPES GUIMARÃES

A MEMÓRIA SOBRE OS CAMINHANTES 39

LUÍS AMORIM

ACHO QUE CRESCI, MAS É MENTIRA 41

SCHLEIDEN NUNES PIMENTA

ALGUMAS HISTÓRIAS DE UMA CASA FELIZ 42

SONIA REGINA ROCHA RODRIGUES

ANTES DE PARTIR 47

INFETO

COISAS QUE PERDEMOS NO CAMINHO 49

RICARDO GENTIL

AS MEMÓRIAS DO BAR 52

P. H. LEIGHTON

BOCEJO DA MORTE 56

WILLIAM FONTANA

MEMORABILIA 59

DAGUITO RODRIGUES

DEPOIS DO DESESPERO 62

CORACY BESSA

**A DESTEMIDA
DONA DOCA 66**

HAILTON CORREA

**DORMINDO COM
O INIMIGO 69**

LUCÊMIO LOPES

PASSADO 71

ALDENOR PIMENTEL

FICÇÃO SEM FATOS 72

RODRIGO MINGORI

FÓSFENOS 75

M. D. JUNIOR

VÔ 78

MARCELO BOLZAN LANA

LÁGRIMAS DE UM AMOR PERDIDO 80

THIAGO H. ROZA

**LEMBRANÇAS DE UM
CÔMODO EMPOEIRADO 83**
VICK MUNIZ

MACHADO DO TEMPO 84
ANA PAULA O. GOMES

MEMENTO MORI 85
VICTOR SAID

MEMÓRIA 89
BRENDA SALES

MEMÓRIAS: COMPANHEIRAS DE VIAGEM 91
THIAGO FERNANDES

MEMÓRIAS DE MIM RECANTO 94
TINGA DAS GERAIS

MNEMEPHILES 96
MATHEUS GAMARRA

NOITE AFRICANA 99
ALBERTO ARECCHI

O ESCRITOR 102
PAULO LUÍS FERREIRA

O QUE SOMOS NÓS PARA O TEMPO? 105
YURI DE SOUZA S. QUINTELA

O RELÓGIO MÁGICO 109
MONIZE LUIZ SANTOS

**O TEMPO PASSEIA NAS RUAS
DA PEQUENA HAVANA 110**
ADNELSON CAMPOS

OLHOS DE BOTÃO, CABELOS DE ALGODÃO 117

GISELA LOPES PEÇANHA

OS ESQUECIDOS 120

MATHEUS GRASSO KAUPPINEM

PARAÍSO PARTICULAR 124

MARIO FEITOSA

**PARECE QUE
FOI ONTEM 127**

ANDRÉA SOUZA CARVALHO

SEU ROMEU 129

MARIA IGNEZ NOVAIS AYALA

**SOB A ILUSÃO
DO ETERNO 131**

RODRIGO MENDONÇA

TELA MINHA 132

BRUNA EIRAS

**UM RELÓGIO
PARA VIRGÍNIA 133**

THIAGO ORTH

**UMA SEGUNDA
OPORTUNIDADE 135**

DAVI M. GONZALES

EU VIM DO PAMPA 139

ATHOS RONALDO MIRALHA DA CUNHA

A ONÇA 145

EMANOEL SANTOS FERNANDES

“AT SOME POINT IN LIFE THE WORLD’S BEAUTY BECOMES ENOUGH. YOU DON’T NEED TO PHOTOGRAPH, PAINT, OR EVEN REMEMBER IT. IT IS ENOUGH.”

— Toni Morrison

No encontro das ruas 6 e 7 tem um senhorzinho que se senta em uma cadeira dobrável todas as noites. Ele fica lá, parado, encarando o nada como se realmente pudesse ver o tempo passar. Certo dia, quando voltava da faculdade após uma aula e um ônibus estressantes, resolvi parar por alguns segundos ao seu lado e perguntar se ele precisava de algo.

— Não, estou bem, obrigado. — ele disse.

Permaneci alguns segundos em silêncio. Eu realmente não estava com a cabeça boa naquele momento, tudo que queria era chegar em casa e tomar um banho gelado para ver se isso me afastava da rotina, mas quando me dei conta de que ir para casa era exatamente o que *rotina* significava, e quando vi o contraste do brilho com a pálpebra caída nos olhos daquele senhor, decidi insistir mais um pouco.

— O senhor está esperando alguém? — perguntei.

Ele olhou para mim de maneira que me fez parecer nu. Seu rosto enrugado era manchado por sinais e pelo sol. Ele não tinha a imagem da simpatia, mas também não parecia que estava me expulsando, para variar.

— Todos nós estamos, não é mesmo? — ele disse — Todos nós esperamos por algo ou alguém.

Ele não desviou os olhos, e isso me intimidou um pouco. Coloquei as mãos nos bolsos da calça e concordei levemente com a cabeça.

— O que você está esperando? — ele perguntou quando eu não disse nada.

Virei levemente a cabeça e o observei me olhar com expectativa. O que eu esperava? Bem, eu esperava chegar em casa e conseguir ler toda a terceira apostila da semana e terminar a resenha do livro da professora de ética, ao passo que queria ficar ali, comprar um lanche para aquele senhor e me certificar de que as coisas iriam ficar bem. Respirei profundamente e respondi:

— Acho que tempo.

Ele continuou me encarando, agora com um leve sorriso no rosto que me fazia sentir como se eu não soubesse de nada. Como ele não falou, continuei:

— E o senhor? O que o senhor espera?

Ele olhou para a parede do outro lado da rua.

— Tempo... — ele disse, claramente ignorando a minha pergunta — Cronos... acho que a cronologia nos mata. — ele voltou a encarar meus olhos, dessa vez com um brilho diferente — Sabe o que eu quero? Pois bem, quero que o tempo chegue ao fim.

Franzi o cenho. Não sei que resposta esperava, mas acreditava que teria mais

a ver com família ou algo do tipo. Passei um momento analisando o velho antes de voltar a falar.

— O senhor quer morrer? — perguntei com cuidado.

Ele sorriu. Me intriguei com o som áspero de sua gargalhada.

— Longe disso. — ele disse — Eu quero viver, mas sem ter que ficar preso ao tempo.

Relaxe um pouco mais minha postura.

— Ah, mas isso todos nós queremos. — falei.

— Não. — ele afirmou — Vocês não sabem o que querem. Vocês abrem a boca para dizerem que querem mais tempo porque não sabem administrar o que têm, e tudo sempre acaba sendo insuficiente.

— Então o que eu deveria querer? — perguntei.

— Bom, que nunca tivesse existido o tempo, para início de conversa.

— Desculpa, mas não estou compreendendo.

— Ninguém compreende. — ele disse — Porque só é possível compreender o tempo quando compreendemos sua história, e isso é algo que a maioria das pessoas fogem.

— Eu estou bem aqui. — falei.

O velho me analisou como se procurasse descobrir se eu era alguém que valia o esforço. Permaneci no meu lugar indo para frente e para trás sobre meus calcanhares. Estar ali não fazia parte dos meus planos, mas já que estava, precisava chegar à completude do momento. O senhor estava na minha frente. Uma vida que esbarrou na minha. Mais uma história para me constituir. Sentei-me no chão e esperei.

— Então... você gosta de histórias. — ele comentou.

— Um pouco. — falei.

— Tudo bem, mas, só para deixar claro, isso não é uma história, é uma verdade.

*

Quando o mundo era um bebê, lá no início da sua respiração, havia o Kairós com toda a sua peculiaridade que envergonhava a perfeição. Cobria a existência como um rio que aos olhos dos homens aparentava desconexo, mas sua profundidade abrigava águas tranquilas que seguiam o fluxo na maneira que deveria seguir.

O Kairós não podia ser considerado tempo, uma vez que não havia início, meio ou fim, só havia o Existir, em sua plenitude.

O homem, aqui na Terra, pertencia ao Kairós, uma vez que era puro e inocente, e, da mesma forma, era agraciado pela ausência do fim, sendo assim, seus dias eram apenas caminhos que levavam à perfeição.

Até que a inocência foi corrompida pela ambição do saber, e o homem antes puro e inocente, passou a ser dominado pela ciência dos caminhos perigosos a serem explorados.

Um homem que conhece o mal tem o risco de cometê-lo, e essa mancha em sua essência o tornou inapto para viver submerso em uma realidade na qual o fim

era desconhecido, pois enquanto há vida em um homem, há a chance do mal existir. E foi exatamente por isso que as águas tranquilas de Kairós deram lugar para que as águas passageiras de Cronos tivessem a chance de no final do dia sempre levar o lixo consigo.

O problema é que ninguém pode controlar a correnteza. Cronos é indomável, não tem limite no que toma, arrasta tudo que encontra pela frente para um fim desgastante, até não haver mais esperanças. E assim continua, dia após dia, com a terrível certeza de que tudo que abriga um momento terá um fim.

E assim seguirá até que Kairós retome seu lugar de direito, quando toda sujeira for aniquilada a ponto de ninguém mais conhecer o sofrimento. Até que Cronos seja dominado pela inutilidade.

*

O senhor respirou fundo quando terminou a história. Era um relato interessante, elaborado. Seus olhos sempre brilhantes desenhavam cada palavra como se fizessem parte de si. Ele não parecia cansado, muito menos abalado pela idade, parecia alguém firme, como se conhecesse mistérios.

— Seria um sonho viver em um mundo assim, com o Kairós. — falei para instigá-lo, quando percebi que ele não continuaria a falar.

— Nenhum sonho consegue alcançar a grandiosidade do que se é viver a plenitude. — ele disse.

O encarei novamente, dessa vez por mais tempo. Ele parecia tão firme e ao mesmo tempo tão frágil. Se você observasse direitinho, poderia até dizer que ele tinha as marcas de Cronos em seu corpo e a marca de Kairós em seus olhos. Ele era tão convicto que parecia até que a narrativa fazia parte da sua realidade.

— E como o senhor sabe dessa história? — perguntei, intrigado pela origem de algo tão fantástico e ao mesmo tempo tão real na voz grossa daquele senhor.

— A memória também é uma sabedoria. A maior delas. — ele disse, apenas.

— O que o senhor quer dizer com isso? — perguntei.

Ele respirou fundo, pensativo, antes de responder.

— A memória é uma das duas únicas coisas que possuem o poder de desafiar o tempo. Repare, quando o Cronos exerce o seu domínio, quando ele decide limitar a vida dividindo-a em períodos de tempo que são denominados *dias*, quando ele faz com que cada ciclo tenha um fim, é a memória que faz com que o que passou permaneça vivo, mesmo que não exista mais.

Permaneço um tempo em silêncio, refletindo sobre suas palavras.

— O quê mais? — pergunto.

Ele franziu o cenho, levemente confuso.

— O senhor disse que a memória é uma das duas únicas coisas que podem desafiar o tempo. Qual é a segunda coisa.

— Você quer dizer a primeira. — ele disse.

Dei de ombros, sem compreender o que ele queria dizer.

— A primeira coisa que pode desafiar o tempo é quem o criou, é claro. — ele

disse com convicção — quem tem Cronos e Kairós nas palmas das mãos.

Estava prestes a perguntar algo que me ajudasse a compreender melhor o que ele queria dizer quando o velho se levantou, pegou a pequena cadeira e dobrou-a. Atordoado com a rápida mudança, fiquei sem saber o que falar, pelo que acabei perguntando:

— Qual é mesmo o seu nome?

Ele sorriu levemente para mim sem dizer nada e seguiu seu caminho, ainda em silêncio.

Depois dessa noite, nunca mais o vi, ele se fora para sempre, me deixando com nada mais além dessa memória.

O SOLAR DOS ARRUDA

Regina Behar

Conta-se que elas sempre moraram lá, naquele velho sobrado em estilo colonial com jeito de casa assombrada. Dizem que as casas se parecem com seus donos e, nesse caso, devo dizer, parecia mesmo verdade.

Ninguém na rua tinha memória de quando elas se mudaram para o Solar dos Arruda, nem se eram parentes herdeiras ou compraram o imóvel. Elas apenas estavam ali, *ad eternum*. Faziam parte da paisagem e do tricotar das fofoqueiras.

Selma e Joelma eram os nomes daquela duas senhoras esquisitas, cinquenta-nas, e muito estranhas, que se vestiam como se estivessem no século XIX, e falavam um português embolado.

As mulheres desocupadas (ou menos ocupadas consigo mesmas) da Rua da Consolação, começaram a espalhar que as irmãs, ou amantes (ninguém tinha certeza), eram práticas feiticeiras e os barulhos e bruxulear das luzes de velas, em noites de lua cheia, eram parte de seus rituais satânicos.

Nenhuma mãe deixava suas crianças se aproximarem do Solar dos Arruda e a imaginação dos pequenos os mantinha entre o medo e a curiosidade. Uns desafiavam outros a violar o quintal do solar ou pular pela janela, sempre aberta, do primeiro andar. Ninguém jamais ganhou a aposta.

As mães, quando queriam impor a ordem aos meninos, os ameaçavam com um improvável chamado às bruxas do Solar dos Arruda, e ninguém desafiava uma ordem proferida sob tal ameaça.

As irmãs (ou amantes, como já disse, as teses não eram conclusivas) pouco se davam a ver, a não ser em passeios matinais entre 5 e 6 da manhã, pelo jardim, ou pela rua, pra cima e pra baixo. Fora isso, nunca saiam de casa. Um empregado do Mercadinho Santos trazia compras de mercearia e carne, e havia um menino quase adolescente, morador da rua de baixo que ia comprar pão, leite e coisas de feira. Esse mesmo rapazote pagava contas uma vez por mês e elas o gratificavam com um tanto de dinheiro.

Um dia vi um grupo de mulheres apertando o menino em busca de informações sobre as moradoras do Solar. Ele mostrou as poucas contas, todas no nome de Joelma Freire de Alcântara: água, luz, telefone. Ninguém sabia como o dinheiro lhes chegava às mãos, mas sempre o tinham para pagar as contas e providenciar alimentos, e em espécie.

As estranhas mulheres que usavam espartilho, longas roupas de renda e chapéus esquisitos de outros tempos, estiveram durante anos em nossas vidas, alimentando fantasias de crianças e adultos, como se fossem fantasmas encarnados que

desafiaram a ordem dos mortos e estavam ali, naquela rua transversal do centro da cidade. Um tempo depois, minha família mudou do centro como tantas outras e as deixamos no mundo esquecido daquele solar do século XIX.

Nunca mais soube delas, até a semana passada, quando passei próxima à rua de minha infância e a percorri de cima abaixo. Quase tudo virou casa de comércio, mas parei em frente ao solar e, debruçadas na janela do primeiro andar, vi as duas velhinhas enrugadas e centenárias, como numa fotografia de livro de época, compondo uma cena em plena harmonia com o solar decadente, o jardim abandonado e o muro rachado.

Não sei se me reconheceram, mas seus olhos cruzaram os meus e, naquele momento, todo o estranhamento se desfez. Foi como se nos conhecêssemos de uma longa convivência, doce e inocente, sem nenhuma magia negra. Cumprimentei-as com um menear de cabeça e elas me devolveram o cumprimento com um sorriso nos olhos e um leve esgarçar de lábios.

Continuei rua abaixo sem conseguir deixar de pensar na questão das fantasias que construímos sobre os outros, na nossa incapacidade de lidar com o estranho, com o diferente, como se a esquisitice não estivesse em nós na versão alheia. Depois, me peguei matutando sobre a velha questão: seriam irmãs ou amantes?

Pensar que minha filha teria agora dezesseis anos é o que mais dói.

Foi com dezesseis anos que conheci Luiz pela primeira vez. Começou como uma amizade, afinal ele já era um jornalista em ascensão e eu era só uma adolescente. Mas foi Luiz que me inspirou a entrar para a carreira jornalística. Ele no jornal diário, eu na tevê. A amizade evoluiu para um romance quando eu tinha vinte anos. Engravidei aos vinte e três. Desesperei-me pensando que ele me abandonaria, mas Luiz apenas sorriu e respondeu que já estava mais que na hora de morarmos juntos. Casamo-nos oficialmente algum tempo depois de Júlia nascer.

Ser mãe, esposa e repórter ao mesmo tempo foi cinco anos de uma maravilhosa aventura. Amava minha pequena Júlia, mas por vezes me preocupava que estava sendo uma mãe ausente, de tanto que o trabalho me exigia. Foi Luiz que insistiu para eu não largar minha carreira. A censura do governo militar tinha acabado, e se havia um momento para ser jornalista era aquele.

E então...

Queria poder me lembrar de cada palavra que dissemos naquele dia. De cada sorriso que dei, que Luiz deu, que Júlia deu. Mas não me lembro de nenhum detalhe. Só que estávamos comemorando um ano do lançamento do jornal de Luiz. Ele estava tão feliz que sua aventura de ter seu próprio jornal estava dando certo.

Então a campanha toca, abro a porta... E tudo se apaga. Quando acordo, estou na minha cama, nua e muito dolorida. Todos que acompanharam os jornais na época sabem que fui estuprada. O que nenhum jornal seria capaz de dizer é o que senti ao perceber o que tinha acontecido comigo. Muito menos o que senti ao encontrar meu marido e filha ensanguentados no banheiro.

Júlia já havia morrido quando recuperei a consciência, porém Luiz ainda segurava um último fio de vida enquanto o socorro não chegava. A última palavra que ele disse é tão conhecida quanto o restante da história:

— Rosa.

A polícia foi surpreendentemente atenciosa, mesmo considerando todas as reportagens que eu já havia feito denunciando seus abusos. Em pouco tempo encontraram o machado usado para matar meu marido e minha filha. Ele pertencia à Rosa Carpintaria. Um dos funcionários, Ivan, tinha justamente naquela noite saído para beber, e ninguém o vira depois disso. Mais ainda, ele tinha saído direto do trabalho, sem tirar seu uniforme — onde o nome Rosa Carpintaria estava escrito em letras grandes.

Estive presente no julgamento. Olhei para aquele homem que insistia em di-

zer que era inocente. Ele olhou de volta para mim. Quando ele olhava para mim, tudo que eu conseguia ver era o corpo mutilado da minha filha de cinco anos. Teria feito o mesmo com ele e muito mais se tivesse tido a oportunidade.

Foram necessários dez anos após a prisão dele para eu finalmente criar coragem e fazer este documentário. A ideia surgiu como uma forma de finalmente deixar meu passado para trás. De encerrar este capítulo da minha vida e seguir em frente. Imaginava que assim que o filme terminasse e os créditos finais comesçassem a subir, o mesmo aconteceria com minha memória.

Retornar ao caso foi quase tão doloroso quanto passar por ele. Porém a maior dor não foi a do luto, e sim a da dúvida.

Quando comecei a juntar os fatos para o documentário e ver quanta informação a acusação de fato tinha, percebi que eles tinham pouca coisa. Nenhuma digital, nenhum fio de cabelo, nada. Um julgamento com tão poucas evidências não deveria ter sido tão rápido.

O psiquiatra forense que analisou Ivan disse que ele seria uma ameaça contínua se mantido solto. Durante o julgamento, acreditei fielmente que aquilo era verdade. Aquele homem que dizia ser inocente não devia passar de um trapaceiro, um mentiroso. Porém Ivan não tinha qualquer ficha anterior ao caso, e até onde consegui pesquisar não tinha sequer qualquer histórico de violência que fosse.

Passei dias sem conseguir dormir. No começo queria ignorar, achava que era apenas por estar revirando o passado. Mas no fundo sabia que estava mentindo para mim mesma. Sempre que me deitava, me perguntava: “Por que ele faria aquilo? Ele não tinha qualquer histórico que levaria ao que fez comigo”.

Poderia ser que, por onze anos, odiei a pessoa errada?

*

É uma sensação estranha: Quando todo mundo te acusa de ter cometido um crime, você quase chega a acreditar que de fato o cometeu. Que sua memória está te pregando uma peça. É preciso uma quantidade absurda de autoconfiança para se manter firme e repetir até o fim que não fez nada.

Qual foi minha reação ao ver o que aconteceu no noticiário? Acho que a mesma que todo mundo tem quando vê uma notícia horrível dessas. Quero dizer, estupra-la e ainda matar o marido e a filha pequena, quem que faz isso?! Mas não era ninguém que eu conhecesse pessoalmente, então a gente mantém certa... Distância emocional, é assim que se diz? Talvez nem tanto, afinal era uma pessoa famosa, vira e mexe via ela na tevê. Mas é só isso. Como eu disse, minha vida não tinha nada a ver com a dela. Até que todo mundo começou a insistir que tinha, sim.

Não me lembro tão bem assim de como foi o momento da apreensão. O choque foi tão grande que tudo passou como um borrão, estava confuso... Desculpe-me o linguajar, mas estava confuso pra caralho, posso dizer isso no documentário? Certo. Foi tudo um borrão, meio como um sonho. Só acordei pra realidade quando me fizeram subir uma escada na delegacia, me colocaram em uma sala e já tinha lá uma confissão prontinha que queriam que eu assinasse. Foi bem como quando você está dormindo e de repente acorda, sabe? Minha reação foi tipo, “espera, vocês estão

falando sério?! Eu vou ser preso?!”. Ainda nem tinha entendido direito pelo que, e já queria que eu assinasse uma confissão. Lógico que falei que não assinaria, não conseguiria fazer aquilo de jeito nenhum. Mas eles pouco se importavam com o que eu dissesse.

Do julgamento... A pior parte do julgamento nem foi as pessoas dizendo que fiz isso, que fiz aquilo. Já estava acostumado às pessoas me olharem e acharem que sabem o que sou, na época do AI-5 foi assim. Por causa da minha ascendência, né, no bar todo mundo chega e pergunta “ah, então seus pais eram comunistas?”. Isso não foi a pior parte. A pior parte foi o olhar dela. Ela estava fora de si. Sei que seria de se esperar isso depois do que aconteceu com ela, mas ainda assim, sempre que eu reparava nela me olhando... Ela só queria que quem quer que tenha sido culpado pelo que aconteceu fosse punido, e na cabeça dela qualquer gesto, qualquer respiração que eu dava era um sinal de que *eu* era esse culpado. Nada que eu dissesse mudaria isso. E aquele psiquiatra, ele realmente achava que eu seria capaz de matar metade da cidade a machadadas, e ela tomava cada palavra dele como se fosse fato.

Não, nem mesmo depois de tudo que me aconteceu eu seria capaz de me vingar. Mas pode ter certeza que assim que por os pés pra fora da prisão eu vou embora dessa cidade. Quem sabe economizo e saio do país. Se há um inferno na Terra, é aqui.

Não. De jeito nenhum. Pensei a esse respeito assim que fiquei sabendo dessa entrevista. Não quero vê-la. Nem é por raiva, longe disso! Tenho pena dela, pelo que passou. Mas é que... Eu não tinha nada a ver com ela antes, e quero continuar não tendo nada a ver com ela depois, sabe? Minha vida e a dela, têm nada a ver uma com a outra. Ela é repórter da tevê, toda famosa, e eu sou um carpinteiro! Ela só sabe da minha existência por causa de um engano, ou armação, ou sei lá o que aconteceu! Não, não seria capaz de sentar e conversar com ela. E acho que ela sabe disso, senão não teria te enviado aqui no lugar dela para fazer essa entrevista.

Acho que essa é a pergunta que todo mundo quer saber, né? Lembro-me de ter enchido a cara depois do trabalho. Não costumo fazer isso porque geralmente bebo sozinho, aí não gosto de ficar bêbado sozinho, bate uma tristeza. Mas aquele dia tinha um cara sentado do meu lado, começou a puxar conversa, era simpático ele. Aí, né, entre prosa e cerveja eu fiquei tonto antes mesmo de me dar conta do que estava fazendo. Mas a conversa estava boa e continuei nessa até perceber que não dava mais. Felizmente ele tinha carro, então contei onde morava e ele me levou para casa. É, meio idiota da minha parte confiar em um estranho desse jeito, mas todo mundo é meio idiota quando bêbado. Aí eu estava lá no carro dele, naquele banco confortável, a rua toda silenciosa de noite, nem rádio ele ligou. Foi só apoiar a cabeça na janela e capotei, acordei no sofá de casa. Ele pegou a chave que guardo na carteira pra abrir a porta, fiquei surpreso que não pegou nenhum dinheiro também.

Infelizmente, não. Não sou capaz de me lembrar do nome dele. Para falar a verdade, não me lembro nem se ele em algum momento chegou a dizer qual era.

*

Este país está podre. Os comunistas venceram. Foram eles que colocaram o Collor no poder, um completo idiota, apenas para deixar os brasileiros desesperan-

çados com o capitalismo. E agora temos o FHC como presidente. Não sou capaz de confiar nele. Nunca confiem em sociólogos, era o que nos diziam na academia de polícia. Agora elegeram um. Não há mais esperança para o futuro, nem para mim e nem para o Brasil. Mas pelo menos parto com um consolo: Eu a tive. Por uma única noite, eu a tive.

Desde o momento em que vi ela pela primeira vez na tevê, algo ascendeu em mim. Como pode haver no mundo uma mulher tão assombrosamente bonita? Não conseguia fazer mais nada, perdi todo o interesse em outras mulheres. Era só ela. Dia após dia, às oito da noite eu aguardava ansiosamente que ela chegasse. Era um momento sagrado, eu tinha que estar em casa, mesmo que estivesse no meio de uma investigação. Eu ia para casa, ligava a tevê e, na maioria das vezes, lá estava ela. A mera visão dela já me deixava em um estado que nunca antes senti. Eu *precisava* abrir a calça e me aliviar. Ouvia aquela doce voz dizendo que me adorava, via a mão dela segurando o microfone e imaginava ela me segurando da mesma forma, olhava por baixo da blusa dela, onde via os mamilos dela ficando durinhos diante da minha presença... Aquele era nosso momento, só nosso. E ao final, ela sempre dava aquele sorrisinho no canto da boca. Aquele sorriso era a aprovação que ela dava para mim.

Às vezes, acontecia de ela não aparecer para o nosso encontro. Quando isso acontecia, eu ficava furioso. Batia nos suspeitos, plantava evidências. Se alguma vez prendi um inocente, a culpa foi dela, não minha.

O dia mais triste da minha vida foi quando descobri que ela era casada e tinha uma criança. Desde a morte da minha mãe, aquele foi o único dia em que chorei. Quando imaginava ela se entregando a outro, engravidando dele... Isso era inadmissível. Ela era minha. Não podia deixar isso continuar acontecendo. Aquele foi o meu chamado. Não podia mais apenas tê-la só pela tevê. Iria libertá-la desse marido dela, e iria tê-la de verdade. Iria tocar nela. Só de pensar nisso passei a noite inteira acordado, me aliviando.

Se usei aquele carpinteiro comunista para esconder minha identidade, não foi por covardia. Que ninguém jamais pense isso. Mas eu sabia que a sociedade jamais aceitaria o que sinto por ela. Ouvia meus colegas rindo às minhas custas quando me viam admirando ela em alguma revista. Minha noite de amor com ela seria nosso segredo. O carpinteiro veio a calhar, um comunista como ele já devia ter sido preso havia muito tempo.

Aproximei-me dele, embebedei-o e, quando ele desmaiou, peguei seu uniforme emprestado. Com o uniforme, foi fácil entrar na carpintaria e pegar também o machado.

Fui para a casa dela e bati na porta, com o machado na mão. Não queria ter batido com o cabo na cabeça dela, era para o marido atender a porta. Aquilo me deixou furioso, o imbecil ainda ousou fugir do meu roteiro!

Mas pelo menos depois que ela desmaiou foi fácil matar o marido dela. Não queria fazer aquilo na frente dela, então daquele jeito isso não foi problema. A filha também. Foi satisfatório matar ela, a cria daquele homem. Tinha a cara dele, impossível olhar para ela e pensar na mãe.

E então, era agora só eu e ela. Queria ter tido ela acordada, mas não importa.

Eu a tive. Pude tocar o corpo nu dela, cada centímetro dela, com a mão, com a boca, com cada centímetro meu. Pude entrar em cada orifício dela, mais de uma vez. Foi uma noite inteira, só nós dois. Pena que ela estava desacordada. Queria poder a ver dando aquele sorrisinho no canto da boca para mim mais uma vez.

Depois disso, tudo correu bem. Por mais que rissem às minhas custas, na época ainda tinha muitos amigos na polícia. Eles me ajudaram a prender o comunista. E assim os anos passaram. Eu me aposentei, e ela se afastou dos noticiários. Mesmo não a vendo mais na tevê, ainda me alivio toda noite pensando nela, lembrando-me da sensação de entrar nela. Até hoje, a memória daquela noite é das mais vívidas que tenho.

Não importa o quanto ela tenha dito naquele documentário que eu sou um monstro, eu sei que ela teria aprovado se estivesse acordada. Não fui um monstro, fui gentil em nossa noite de amor. Se ela disse isso, é porque caso contrário a sociedade não teria a deixado fazer o filme. Mas machucou mesmo assim ser chamado de monstro. E é por isso que aqui me despeço.

*

O filme não foi um sucesso de bilheteria, mas esse nunca foi o propósito dele. Críticos, entretanto, o elogiaram como sendo a obra mais política do cinema brasileiro recente, e muitos foram os que o colocaram entre os melhores filmes do ano, mas ele também nunca foi feito para eles. Era apenas algo que precisava ser feito, algo entre ela e seu passado.

Mesmo após o lançamento do documentário, o caso permaneceu no limbo judicial por um bom tempo, até a carta de suicídio do verdadeiro criminoso ser encontrada. Os policiais que a encontraram quando os vizinhos relataram um barulho de tiro não conheciam o ex-detetive, e, portanto, não tentaram esconder a evidência. Diversos jornais publicaram a carta na íntegra, gerando enorme escândalo e lançando ainda mais dúvida quanto à culpa de Ivan. Uma vez que sua veracidade foi confirmada, ele teve sua condenação anulada com base na malfeitoria da acusação e inconsistências no testemunho dos policiais que realizaram a investigação inicial. Ivan foi solto pouco depois, após doze anos de prisão — mesmo com o juiz mais tarde afirmando que nada nas entrevistas gravadas para o documentário dizia qualquer coisa que tenha sido relevante ao caso. Ele jamais recebeu qualquer indenização do Estado por ter sido erroneamente encarcerado.

Além de detalhar muitas das inconsistências na linha de raciocínio da acusação, a investigação da diretora sugeriu que pelo menos cinco testemunhas, incluindo o psiquiatra forense que analisou Ivan, cometeram perjuro de tal forma a inocentar o verdadeiro criminoso, do qual a maioria era colega de trabalho no departamento de polícia. Nenhuma dessas testemunhas foi sentenciada por isso.

Ao contrário do que Ivan afirmou que tentaria fazer em entrevista dada para o documentário, ele não saiu do país; ao invés disso, casou-se e atualmente é ativista de uma ONG que ajuda outras pessoas em processos judiciais contra a polícia, além de ter também escrito um livro sobre sua história. Como prometido, porém, Ivan jamais voltou a ver pessoalmente a diretora do documentário. Ela, porém, garantiu

a Ivan direito exclusivo sobre qualquer coisa que tivesse sido escrita ou feita sobre sua vida. Não foi por mera indenização; era a forma dela de enfim seguir em frente e encerrar este capítulo de sua história.

Ao final, a memória não funciona exatamente como um filme: É impossível fazer um *fade-out* e deixar o passado para trás conforme os créditos sobem na tela. Para ela, foi necessário fazer um documentário inteiro para perceber isso, e mais alguns anos para aceitar. Ao final, percebeu que há pelo menos uma semelhança entre a memória e um filme marcante: Sempre que o revemos, ele nos impacta; porém isso não significa que não possamos assistir a outros filmes.

Ela voltou ao jornalismo, e o noticiário do qual é âncora é dos mais conceituados da tevê brasileira. De vez em quando ainda realiza documentários independentes, geralmente sobre figuras de autoridade e pessoas excepcionais. Em entrevistas, fala que não pretende algum dia se casar novamente, que visita os túmulos de Luiz e Júlia apenas em aniversários, e que recentemente recebeu enfim alta de sua psicanalista. Atualmente está em processo de adotar um menino de seis anos.

Sou a ruga que, sem ser percebida, nasce no canto dos olhos.

Os dias têm sido assim. Desperta sempre com o despertar da manhã. Permite que os primeiros raios de sol entrem pela janela. Gosta da luz. Não, *precisa* dela. Lava o rosto como por costume. Então, deixa-se estar alguns instantes. Parada em frente ao espelho, encarando cuidadosamente as marcas que a vida trouxe. Tem as bordas douradas, o espelho. Trabalhadas em detalhes ornamentais. Você sabe, ao gosto dos antigos... Talvez tenha sido uma relíquia. Ou possa, no futuro, ser herança. Agora, é um objeto na parede de uma casa muito vazia, refletindo o semblante de uma mulher velha.

Velha, sim. Não teme a palavra. Há muito a abraçou, tomou-a como sua. Permite que a defina: suas marcas, suas rugas, os olhos que, profundos, contam suas próprias histórias. Quando os olhos se tornaram tão cansados? Quando a leveza da vida deu lugar a essa solidão toda?

Sou o fio branco dos cabelos.

Abraçou também o visual avelhantado. Deixou que o branco se espalhasse pela superfície dos cabelos, longos. Sempre gostou de usá-los assim. Extensos, caindo-lhe sobre os ombros, estendendo-se até o começo das costas. Penteados. Ou rebeldes. Ouviu de outros, algumas vezes, a sugestão de pintá-los. Que ficavam feios os fios assim, *desbotados*. Mas há muito aprendera que o branco não era *ausência* de cor, e sim uma *mistura* de todas as cores. Não havia metáfora melhor do que essa para defini-la: já tivera muitas cores. Tingiu-se de tons sobre tons ao longo da vida. Experimentando e experienciando. O vermelho ardente das paixões da adolescência. O amarelo alegre decorando o dia do seu casamento. O verde, como aquele que revestia paisagens inacreditáveis durante a lua-de-mel. O azul calmo com o qual tingiu o quarto dos filhos.

Também a casa havia sido pintada recentemente. Escolheu cores alegres, tons quentes em sua maioria. Gostava de poder selecionar cores, formar paletas que se integrassem a sua vida de alguma forma. Sempre foi assim. Uma vez fora chamada de artista, quando as depositava todas nos quadros, uma por uma ou muitas de uma vez só. Sobre a tela, riscava contornos com o pincel de cerdas grossas. Nem sempre os preenchia. Às vezes, os deixava recostados num canto da parede. Não esquecidos, mas componentes de um todo, formado por partes de muitos outros perdidos em

alguma parte do processo criativo.

O ateliê era agora um pequeno cômodo, por ironia, todo branco. Mas ainda tinha janelas altas, que permitiam que ele todo se banhasse em luz. Quanto tempo faria agora?

Sou a lembrança de tempos melhores que ficaram para trás.

Quanto tempo desde a última vez que pegara um pincel nas mãos? Que se permitira embarcar nessa aventura, sem preocupações ou compromissos? A vida lá fora passava pelas bancas de jornais, ostentando notícias velhas em uma edição recém-lançada. Passava pelas frutas da estação, dispostas enfileiradas nas barracas da feira. Pelo café coado esfriando no bule, a espera de um ombro amigo e uma conversa casual, como as que há muito tempo encheram aquela cozinha, ocuparam as cadeiras brancas, abarrotaram o ambiente com o som de seu riso contagiante. Passava, também, pelos vidros de remédio empilhados em um nicho do armário. Saúde em frascos. Decepção.

Além disso, as mãos também já não eram mais as mesmas. Nem a disposição. Não era mais aquela garota que um dia quis conquistar o mundo. Que com determinação, prendia os longos cabelos no topo da cabeça e saía em busca de tudo aquilo que sabia que poderia ter, se tentasse. O tempo levou um pouco de si, da sua essência. Levou um pouco daquela mulher. Deixou apenas as lembranças. Frações.

Lembranças do marido, sentado em um canto do ateliê lendo seu jornal matinal. Enquanto ela, do outro lado, esboçava pela enésima vez uma nova versão de alguma outra obra não terminada. Lembrança dos filhos ainda pequenos, correndo por entre os quadros e as latas de tinta que se espalham pelo chão. Riem e às vezes caem. Juntos, criavam sua própria versão caótica de felicidade ali, entre quatro paredes, num tumulto que respingava, manchava e, por fim, acaba que se pendurava junto aos outros quadros *sérios* nas paredes de tijolinhos alaranjados da galeria.

Sou a mãe de novas musas, mortas.

O que acontecia com os filhos, agora? O que se tornaram aqueles garotos alegres e baderneiros? Qual obra do destino os afastara dali, dos braços cálidos de sua mãe, dos seus beijos doces? Beijos de boa noite, acompanhados de uma história para dormir. Beijos alegres, precedendo cada bolo de aniversário. Beijos condoídos, sempre que machucavam o joelho no quintal...

Distantes, se resumiam agora aos quadros pendurados ao longo das paredes. Pequenos troféus, coleções de momentos. Frutos de um tempo que não volta mais. Que, tão longe, parece se envolver em bruma, vir em pedaços, para logo voltar a se apagar.

Sombras de rostos felizes correndo pelo jardim. Sorrisos posados sob a árvore de natal. Enfileirados, junto a outras crianças na apresentação de fim de ano do colégio. Vestidos de beca, sem os chapéus. Se fechasse os olhos e se concentrasse por um instante sentia que podia voltar a esses momentos. Revisitá-los. Respirar de novo

o ar puro e aroma fresco que exalava das plantas que por muito tempo se dedicou a conservar. Ouvir o som dos embrulhos, feitos com esmero, sendo rasgados, seguido de exclamações de alegria. Lembrava-se da torta de cereja que fizera na noite anterior àquela festa, e que acordou com um pedaço roubado por um gatuno de pijamas e pantufas. Se via abrindo novamente o armário e escolhendo seu melhor vestido, formal ou casual, e indo de encontro a outras tantas mães, que agora em pensamento se tornavam sem face, uma massa de mulheres reunidas e representadas pela emoção que tentavam, de um jeito ou de outro, disfarçar.

Sou a história.

Momentos. Páginas de sua história. Vindos de algum lugar profundo onde, adormecidos, há muito repousam em silêncio. Na superfície, ganham cor. Outros, muito mais distantes, continuam submersos, desbotando aos poucos. Tornam-se esquecidos. Vagos. Aqueles aos quais podia se agarrar eram tudo o que lhe restavam, agora. Eram o que a mantinha sã sempre que olhava para dentro e não podia ver nada.

Mas dessa vez, não era o nada que via.

Despiu o robe. Vestiu uma de suas antigas calças cáqui, o modelo largo que gostava de usar para pintar. Não se importava se era um tom claro. Caia-lhe perfeitamente bem, embora ainda agora pudesse encontrar algumas manchas de tinta espalhadas. A antiga camisa também teria de servir.

O breu ganhou cor. Como quando com os olhos fechados, encaramos fixamente uma fonte de luz. Tingiu-se de tons alaranjados, pontos amarelos movendo-se esparsamente de maneira vaga, numa imensidão de vazio. Prendeu os longos cabelos brancos em um coque improvisado. Um pouco frouxo, deixava que alguns fios rebeldes lhe escapassem. Mas ela parecia não perceber. Ou se importar.

Os olhos verde-oliva se mesclavam com a paleta de cores que imergia em sua mente. Ganhavam vivacidade. Agora, procuravam ansiosos pela extensão da sala iluminada, buscando o antigo avental. O encontra, pendurado em um gancho num canto esquecido do ambiente. Parecia a encarar de volta. Um pouco de cor contra a parede pálida. Pedia para que o vestisse, para que o resgatasse, que tornasse reais o que agora para ambos eram apenas fragmentos soltos de memória.

Sou o tempo.

Deixou de lado o estranhamento de vestir as roupas de outros tempos. Há muito guardadas nas gavetas, esquecidas. Um por um, trouxe os baldes de tinta do porão. O que restou do líquido pigmentado que utilizara na reforma. Serviriam perfeitamente ao propósito. Dariam forma a explosão que acontecia em sua cabeça.

A energia do vermelho.

Manuseou-os como antigamente. Misturando. Criando. Recriando. Vivendo. Concebendo novas cores, cada uma única em sua perspectiva. Precisava sentir. Sentir aquela emoção, deixar com que tomasse conta do seu ser.

A alegria do amarelo.

Quanto tempo fazia desde que sentira aquilo? Aquela onda de inspiração, a necessidade de externalizar esse sentimento, de torná-lo arte.

A vitalidade do laranja.

Seu eu de agora sentia que podia se conectar com o de muitos anos antes, o que se deixava estar em meio as telas, dispostas em cavaletes ou vertidas sobre o chão. Permitiu-se reviver cada um daqueles momentos. Os bons, aqueles com os quais construíra sua vida naquele lugar.

Calor, liberdade.

Confortável, tingia os pinceis antigos, suas cerdas espanadas, com o resultado das cores que criava. Se conectava também com elas. Com cada tom, seus toques, suas nuances. O todo abstrato que ia tomando forma. Os olhos cansados haviam se tornado obstinados. Por um momento, pensou esquecer a dor acumulada de muitos anos. Mas ela ainda estava ali. Latente. Mas agora entendia: fazia parte dela.

A vida fora extraordinária.

Assim, nasceu uma tela.

Essa, capaz de atravessar o tempo, o último suspiro de um ateliê cansado.

Sou memória.

O CAÇADOR DE MEMÓRIAS

Renan Fontela

As mãos trêmulas mal conseguem segurar o volante, suas pupilas dilatadas refletem o neon da placa holográfica ao fim da estrada; “atenção! ponte em construção”. Sem controle, o automóvel perfura o grande aviso translúcido, fundindo o rastro do farol traseiro ao neon holográfico. Seguido por um grito de adrenalina, o homem acelera até chegar a beira da ponte incompleta. O veículo é projetado cerca de 15 metros até atingir a superfície gélida do rio, em poucos segundos a água escura cobre todo o carro.

Apesar das pálpebras pesadas, o homem finalmente abre os olhos, iluminado apenas por alguns monitores de LCD operados por um jovem magro e tatuado.

— Bonjour Alex, essa memória é boa, acho que eu posso pagar uns 80 créditos por ela — diz o jovem de sotaque francês carregado.

— Eu quase morri por 80 créditos? — Alex se levanta do Espelho e retira bruscamente os eletrodos ligados à sua cabeça raspada — é melhor que isso seja só mais uma de suas viagens, D’arc.

— Foi mal, mas essa root se enquadra na categoria acidentes de carro, e o preço por esse tipo de memória é esse, c’est la vie, talvez eu consiga uns 250 ou 300 créditos em uma boa memória envolvendo auto mutilação ou tentativa de suicídio — enquanto fala, D’arc expele uma fumaça densa, proveniente da droga em seus dedos.

— Isso ainda é muito pouco! — transtornado, Alex altera sua voz agarrando as mãos de D’arc — tenho algo muito importante em minhas mãos, não posso falhar. Tem certeza que não há um trabalho melhor?

— Calminha bien-aimé, minhas mãozinhas são delicadas. Olha, eu tenho um trabalho peu commun, devo conseguir uns 2.000 créditos. — mesmo com as mãos imobilizadas, D’arc reclina sua cadeira e cruza as pernas sobre a bancada.

— E o que é?

— A memória de um assassino! — o sorriso cínico de D’arc paralisa Alex — mort, meurtre.

— Wow, wow, wow! Pode esquecer, isso é bizarro até para mim — Alex se afasta de D’arc derrubando acidentalmente alguns monitores.

— Bizarro? Entenda, algumas pessoas vêm em busca de memórias simples, o amor do primeiro cachorro, um filho que nunca foi concebido, o primeiro beijo de baixo da chuva, mas isso não dá dinheiro pois a maioria das pessoas querem vivenciar no Espelho algo intenso, algo o qual nunca teriam coragem de fazer. Quer saber o que é bizarro? Um dos meus compradores veio em busca da memória de um

abuso sexual — D'arc pausa para tragar a fumaça — mas ele não queria a memória do abusador, e sim a da vítima! Comparado com o trabalho desse Seeder, esse é mole.

— Eu sei que as memórias são esquecidas depois de retiradas, mas prefero ficar com o trabalho de automutilação — pensativo, Alex sai pela porta, mas não antes de D'arc se despedir.

— Volte sempre, “cirque de miroirs, coragem que falta em seu passado”.

...

O martelo sobre a mesa é alvo constante do olhar assombrado de Alex. Ele põe a mão esquerda próxima à ferramenta, com a outra agarra o martelo e prepara um golpe. Relutante, o homem ensaia o ato de automutilação, quando é interrompido pela campainha. Suspirando de alívio, Alex espalha o suor de seu rosto, tenta se consertar e abre uma pequena fresta da porta.

— O que você quer? — ofegante, ele indaga com cautela.

— Você não lembra de mim, né? — impaciente, a mulher de cabelos cacheados mostra sua identificação — me chamo agente Riley Montoia, trabalho para o serviço social, preciso lhe fazer umas perguntas, e antes que questione, eu tenho um mandato.

A contra gosto Alex abre a porta do pequeno apartamento.

— Alex, eu estou cansada de encobrir as suas aventuras. Brigas, abuso de drogas e agora esse acidente de carro? Os federais estão começando a suspeitar sobre envolvimento no mercado negro de vendas de memórias. Tem algo que eu precise saber? — seu olhar se volta ao martelo na mesa.

— Não faço idéia que papo é esse. Se já acabou, agente, tô meio ocupado aqui. — o homem responde afastando o martelo sobre a mesa.

— Eu já estou de saída, mas antes quero que veja isso — A agente entrega uma fotografia nas mãos de Alex.

— Linda menininha, mas o quê quer que tenha acontecido com ela, eu não tenho nada a ver com isso — o retrato mostra a imagem de uma menina de olhos azuis com cerca de 8 anos — Tenho algo muito importante para fazer, então se puder fazer a gentileza.

Riley desiste da interrogação, arranca a fotografia das mãos do homem e sai sem se despedir. Através da porta, a agente Riley ouve o som de marteladas em carne, que quase é abafado por um grito de ódio.

...

Protegendo com o corpo o braço enfaixado, Alex sobe as escadas do que parece uma boate, após alguns corredores escuros o vermelho da inscrição holográfica ilumina um deles “Cirque de Miroirs”.

— Bienvenue, você parece mais paranóico que o normal monsieur Alex, o que aconteceu com meu Seeder favorito? — D'arc cumprimenta Alex, preparando seu fumo.

— Estou sendo seguido novamente, um homem de preto que não parava de

me encarar, acho que consegui despistá-lo — inquieto ele olha pelas persianas.

— Fica tranquilo, respira fundo. Isso deve ser só efeito colateral — D'arc ajuda seu Seeder à sentar no Espelho, tenta o acalmar enquanto instala eletrodos em sua cabeça

— Não estou louco ainda. Pode ser um federal, eles estão de olho em mim, já estou sendo investigado.

— Paranóia, náuseas, insônia e perda de memória, são alguns dos efeitos colaterais. Quando se é Seeder por muito tempo, a mente está tão acostumada a ser apagada que começa a abrir mão até mesmo das memórias que não foram vendidas. Agora fique quietinho petit Alex, e se concentre na memória a ser vendida.

O corpo de Alex tem alguns espasmos, os dedos contorcem entre seus curativos. Após 5 segundos, o próprio grito agonizante o desperta.

— Cadê meu dinheiro? — Ainda lento do sono induzido.

— Merd! Não posso usar essa Root, sinto muito mas você estava de olhos fechados.

— Você só pode estar de brincadeira, tenta aproveitar alguma coisa dessa root, quem sabe completar a parte escura com simulações! — o Seeder tenta vir com algo desesperado.

— A mente rejeita simulações por mais reais que sejam, até posso vender como está, mas o máximo que eu posso lhe oferecer por ela são 30 créditos.

D'arc prepara a máquina de transações monetárias e é surpreendido por Alex socando as paredes desesperadamente. Após o ataque de fúria ele apoia sua testa em um dos monitores. — isso é bem menos do que recebi na última vez. Sou um inútil, vou falhar em meu objetivo.

— Não fique assim, você tem uma chance para mudar isso, aquele trabalho ainda está disponível, se seus objetivos são tão importantes, acho que vale a pena. Afinal, você nem vai lembrar mesmo.

— Você venceu D'arc, eu aceito o trabalho. — responde sem manter nenhum contato visual.

— Très bien, eu sabia que você era capaz, mas antes de ir tome isso — D'arc o entrega uma pílula de cápsula brilhosa — essa droga irá aguçar os seus sentidos, a qualidade da memória será muito melhor, de quebra ainda vai te encorajar ao trabalho.

O efeito da pílula é instantâneo, o som ao descer os degraus é ensurdecedor, nas ruas as cores das placas e outdoors tomam vida, por alguns minutos Alex esquece do trabalho e até de seu objetivo. Mas um gatilho o lembra para o que veio, um homem de casaco negro o espreita silenciosamente. Mesmo apertando o passo a figura misteriosa persiste, Alex finalmente o despista ao chegar em uma praça pouco movimentada.

Sentado no banco da praça, o Seeder analisa as suas vítimas em potencial. Um morador de rua descansa entre jornais velhos e um casal de jovens anda de mãos dadas, esses chamariam muita atenção. Os olhos azuis de Alex estão mais focados que o normal, o efeito da droga ainda é perceptível em sua respiração, som de passos se aproximando chama sua atenção, é uma menina.

A criança persegue uma bola que rolou para detrás do banco, o homem parece ter encontrado a sua vítima, ele visualiza uma pedra no canteiro próximo, e articula uma maneira rápida e eficaz de dar cabo na criança — Skye! Volte aqui filha — a mãe chama. É a agente Riley, com o susto ao vê-la, Alex se levanta e esbarra o ombro em alguém.

— Se lembra de mim? — O homem veste roupas longas e pretas, por fim o perseguidor alcança o Seeder.

— Melhor se afastar, não sei quem é você — esquivo e nervoso, Alex se aproxima da pedra no canteiro.

— Talvez isso o ajude a lembrar.

O perseguidor põe uma de suas mãos dentro do casaco para tirar algo, os reflexos aprimorados pela pílula fazem Alex reagir muito rápido, ele pega a pedra e acerta a cabeça do homem misterioso, que cai sem pulsações, o objeto retirado de seu casaco é apenas uma fotografia.

Na fotografia Alex mais jovem está ao lado do homem que acabou de matar. A pedra manchada de sangue, tem um peso maior ainda em suas mãos, ele pausa por um segundo até se dar conta do que fez, o Seeder solta a pedra, e atordoado volta ao Cirque De Miroir.

...

Imovél no Espelho por horas, Alex está em estado de choque. D'arc impaciente olha seus monitores, em umas das telas, a janela de aviso é bem clara “erro ao retirar root”.

— Você está muito nervoso, não consigo retirar a root. Preciso que lembere com clareza — o jovem tatuado respira por um minuto, e após alguns tragos em sua droga ele tem uma idéia — descobri como te acalmar. Aqui, tome uma memória por conta da casa, escolha um momento feliz, isso vai te fazer melhor.

No catálogo de memórias, Alex desliza sua mão pelas palavras holográficas, sexo, amizade, drogas, até chegar na categoria família, ele seleciona um arquivo aleatório. Por algum motivo D'arc parece surpreso, pouco antes de Alex fechar os olhos, D'arc diz — não sabia que ainda tinham memórias suas aqui! Afinal, Alex Montoia qual é o seu objectif, porque arrisca sua vida e mente caçando memórias? O que há de tão importante? — Alex abre os olhos novamente e pouco antes de cair no sono induzido responde:

Eu não me lembro!

A vela do bolo de aniversário tem o formato do número 3. Alex carrega orgulhoso a linda menininha de olhos azuis em seu colo, Riley se aproxima e beija a boca sorridente de Alex.

A COLECIONADORA DE AZULEJOS

Marcella Lopes Guimarães

O médico lhe havia recomendado fazer caminhadas. Como caminhadas? Por onde? Por toda parte. Ir ao mercado, à lavanderia, à missa é considerado caminhada? É. Mas tente ir mais longe, de tênis, alongar antes os músculos, aquecer as articulações. Como eu faço isso? Assim.

Assim, ela encompridou os trajetos. Saía mais cedo de casa e, ao invés de ir direto ao mercado, desviava-se, atrasava o almoço. Mas como não tinha mais a responsabilidade de colocar a comida na mesa ao meio dia em ponto, acolheu aquela nova meia hora que suava a roupa, refrescava com um banho na volta e atiçava a fome. A fome foi uma redescoberta, pois a sentira arrefecer nos últimos tempos e até tinha relatado isso ao doutor. Pois as caminhadas vão despertar a fome e você vai comer com vontade! Ele tinha razão. Voltara a cozinhar o feijão com mais empenho e a melhorar a salada, como um pintor de galeria. E o tamanho do prato?!? Sentiu a saia apertada na cintura de surpresa... Mas era também ganho de massa muscular! Sorriu.

As caminhadas até a missa eram mais longas. Então não era preciso desviar-se. Um dia disse isso aos filhos e eles riram. Afinal, mãe, não é bom se desviar quando se vai rezar, né? Novas risadas. Ela compreendeu muito bem. Mas o que mudou, tanto nos desvios, quanto nos caminhos certos, foi a aplicação no gesto. Tudo começava com aqueles movimentos engraçados dos tais aquecimentos e alongamentos. Aqui dizia ao corpo: vou andar e, aos olhos, atenção. Atenção para não virar o pé, mas não podia ficar voltada ao chão o tempo todo, aquilo cansava demais. Levantar os olhos, ensaiar um bom dia tímido à vizinha desconhecida de longa data e olhar à volta eram redescobertas também, como a fome.

Não gostava quando via um estabelecimento fechar as portas. Imaginava desempregos, lembrava-se do marido, sempre para lá e para cá, perseverante até a doença, naquela instabilidade geral. Ela, mais tranquila na precariedade, desde a aprovação no concurso para professora da rede municipal, tentava encorajar. Aquilo de fechar as portas, colocar aviso aos clientes, obrigado pelos anos, vamos continuar lutando... acordava a memória dele, sempre banhado e barbeado para as suas buscas, para muitos boa-sortes e para os abraços de conforto dos filhos nas voltas.

Gostava mesmo era de ver os jardins e as obras que os vizinhos inventavam, achava umas coisas tão feias que ria a valer, passando de fininho. Essas iniciativas de obras às vezes podiam ser desagradáveis para as suas andanças, quando caminhões e caçambas a empurravam para a rua, em desafio ao tráfego. Percebia, porém, que com o passar dos tempos, podia até ensaiar umas corridinhas sem botar os bofes para fora. Você vai ficando mais forte com as caminhadas! As novidades que não eram

feias a valer davam uma vontade de mudar em casa algumas coisas também e foi aí que entreviu um prazer novo.

Não era como remexer o lixo, era mais como ser um arqueólogo. Foi assim que explicou aos filhos. As caçambas reuniam um monte de coisas inúteis a quem despejava, mas não necessariamente inaproveitáveis a quem desconhecia os projetos de mudança dos outros. O que mais a encantava no despejo alheio eram os azulejos. Achava azulejos inteiros nos sítios arqueológicos das caçambas! Como percorria trajetos conhecidos na maioria das vezes, conseguia acompanhar as demolições e os descartes. Sabia, portanto, de onde provinham certas peças. Sabia que eram de cozinhas, banheiros, áreas de serviços e varandas. Pelo caminho, imaginava bolos assados, cozidos e panos de prato queimados; imaginava os choques das velhas máquinas de lavar contra azulejos valentes; quase podia ver os pés de quem buscava apoio para embalar as redes e sentia acordar uma sensação bem antiga, quando reconhecia que algumas peças provinham de banheiros, de banhos demorados, não solitários. Eram peças que reuniam jarras, tigelas e copos de barros, a imitar antigas cozinhas; frutas coloridas de diferentes estações; formas geométricas de uma moda que também a capturou. Flores, muitas flores! E isso a fez percorrer velhos livros da sua aposentada docência. Passava tardes comparando os miosótis dos banhos demorados e quase podia sentir uma alfazema e o perfume do velho creme de barbear dele; as frutas que talvez tivessem convidado a compotas ou caldas bem reais; os perímetros e os ângulos que fizeram seus alunos tremerem.

Assim começou a revestir o muro dos fundos. Era uma atividade de bricolagem, como a filha aprovou. Fazia aquilo quando chovia e as caminhadas ficavam interdidas. Mas depois também começou a fazer quando não era possível concorrer com sois ameaçadores. Comprou materiais aos poucos, planejou encontros entre os azulejos, colocando-os lado a lado no chão. Perguntava aos filhos quando eles iam visitá-la: qual dessas flores combinava com o Amor Perfeito? É muito exagerado colocar a Boca de Leão entre a Dália e a Calêndula? Também era possível intrometer esses arabescos portugueses, desafiando as combinações... O muro ganhava cor.

Nunca ficou pronto. A dedicação não incluía um projeto de encerramento, um dia de inauguração. Antes que sua própria casa fosse demolida, salvei vários azulejos da caçamba, na clandestinidade. Tenho aqui em casa a bandeja onde apliquei com calma e imaginação os miosótis que a fizeram acordar sensações esquecidas e sobre a qual deposito xicrinhas de café para as vizinhas, com toda a educação.

A MEMÓRIA SOBRE OS CAMINHANTES

Luís Amorim

O chefe disse, se bem me recordo, para chegar no mais que possível fosse, antes da hora marcada. Portanto, cedo foi lembrança que me sorriu quando bati à porta. Esperava no paciente modo e demorado bem me pareceu quando finalmente me convidaram a entrar. Fez-me sinal para tomar assento à minha escolha, o vulto que percebi no possível da medida devido ao escuro que nos acompanhava. Era nocturna hora mas já não iria refilar como e quando fizera no antes, então perante o chefe. Mas como assim teria de ser, ali estava para o meu trabalho de exclusiva reportagem. Perguntei como era a vida do meu interlocutor durante o dia ao que resposta obtive de ser no descanso ocasional talvez mais para o frequente, ao que eu dei por escrito ser constante sem opção que fosse distinta. Pausa fiz para reparar na sala e seus adornos mas a escuridão não me deixava perceber muito para além de móveis alguns e biblioteca de grande dimensão. Foi-me oferecida uma bebida, à qual pensei dar recusa mas que no derradeiro instante me levou a antecipar o seguinte fingir no dar golos ocasionais sem beber sequer o que estaria no interior do copo. O chefe havia prevenido minha pessoa no referente a esse provável momento que obviamente não faltou. Perguntei qual o tempo preferido e recebi na volta ser a noite por sempre, excepções sem qualquer consideração. Não fiquei surpreendido e arrisquei um pouco mais na dita pretensão por uma foto para ser imprimida no jornal mas obtive a recusa mais aguardada. Para compor o texto inquiri pela memória selectiva dele por episódio algum dos curiosos ou fora do comum que lhe possam ter acontecido. Foi-me prevenido no cuidado preparar acerca do que estaria para vir. Ajeitei-me melhor para ficar mais confortável e senti que poderia ter ali um grande assunto que pudesse ser de meu chefe, um digno orgulho. Então de memorizada ocorrência, verídica ou não, indiferença tanto me escrevia na vez aquela em que o meu anfitrião dizia ter integrado grupo de outros como ele, em nocturna ocasião, pois claro, rumo a um imponente castelo de longínquas paragens. Eram muitos, não sabendo precisar quantos nas dezenas que eu ousadamente acrescentei. Sabiam ou pelo menos calculavam haver suficiente recepção no castelo para tamanho agrupamento, o qual seguia alegre o bastante, no eventual vencer das inerentes dificuldades de percurso, íngreme o quanto baste mas que não os afastava do seu prometedor destino, assim mesmo o visualizavam enquanto caminhavam. Aliás, havia quem os designava por caminhantes, não sendo essa vez isolada das restantes quando em grupo estiveram. Outras houve mas aquela do relato em questão foi deveras especial. A memória dele parecia não ser vacilante nem procurar alternativas para o que pudesse ter sucedido, levando-me a acreditar estar a redigir com rapidez controlada na «Imperceptível caligrafia», no

dizer ocasional de chefe. Tentei acompanhar sem tantas abreviaturas a final aproximação ao castelo, onde uma passadeira de tonalidade avermelhada se estendeu com o enorme portão a deixá-los passar, então com ligeiro desconfiar por talvez serem esperados, quando pensavam o contrário no preciso instante que parei de escrever para o fixar, procurando semblante de pormenor algum que previsivelmente não vislumbrei. Quando entraram, na ocasião de enredo que voltei a anotar na rapidez do costume, olharam salão de vistosa dimensão com mesa posta quase a perder de vista e com imensos vultos sentados. Pensaram estarem destinados a eles, cada qual para um dos caminhantes, mas depressa viram o contrário do que desejavam, comigo a deixar a escrita para reter melhor, pelo menos, a forma como seria dita a conclusão que eu deduzia, estaria a chegar admirada ou quiçá e apesar do escuro, de olhos mais arregalados a este tempo do presente e aos de chefe por futuro em modo de «Parabéns pela reportagem!». E assim foi na minha estupefacção com o relembrar de boa memória ao interlocutor meu sobre cada vulto que então confortavelmente sentado no salão do castelo, na pose de impaciente fantasma é que aguardava pelo seu caminhante de vampiresca estirpe para uma prazerosa e interminável noite.

ACHO QUE CRESCI, MAS É MENTIRA

Schleiden Nunes Pimenta

Acho que cresci, mas é mentira. Não é mentira que cresci; só não é verdade o que me disseram que eu seria. Como assim, meus leitores? Tentarei ser mais direto desta vez.

Hoje, longe da casa na qual nasci, vejo o mundo com os olhos maiores, mas também posso ver o meu futuro com sonhos menores do que eu via no passado. Procuro lembrar-me dos meus desejos de infância e me lembro de poucas coisas. Todavia, eu pensava em tantas! Construir prédios era só uma delas...

Abandonei a ideia da arquitetura ao descobrir que, além de desenhar plantas, seria preciso casar-me com a matemática. A medicina foi esquecida quando eu soube que para salvar a vida das pessoas, às vezes, seria preciso abri-las. A ideia de ser professor e dar aulas... Bem, ainda existe, mesmo sendo sinônimo de ganhar pouco (mas isto eu aceitaria).

Não me intriga ser pobre; intriga-me o fato de não ter dinheiro. Parece que tal coisa é pecado, pois o desprovido de ganhos é humilhado; parece ser crime, pois ele também é isolado.

Quando criança, ouvia votos de que eu seria bem-sucedido, amado e rico. Hoje, percebo que essas três coisas, para muitos, são sinônimas. Não sei para quantas pessoas, mas é assim para tantas!

Penso que todos, em algum dia da vida, tenham recebido aqueles votos, e hoje me dou a refletir: todos querem o melhor carro, todos querem a melhor casa, todos querem ser felizes... como se o melhor fosse aquilo que é mais caro.

Fui enganado quando criança. Não por pessoas específicas e sim pelo fluxo social. É evidente que, se todos querem o mais caro, o mais caro será de ninguém, ou, então, será apenas de alguns enquanto os outros nada ou pouco terão. Porém, não falo especificamente disto.

Meu engano se deu porque meu sonho se apequenou, assim como o meu olhar. Eu não queria crescer para ser doutor e ter o mais caro; o que eu queria mesmo era encontrar uma profissão na qual, mesmo crescido, pudesse continuar a desenhar, a escrever, a cantar e a brincar.

Do que sou e do que poderei ser, prefiro refletir sobre o que eu vi antes dos meus olhos aumentarem, lá na minha casa do passado; não era preciso ter nada caro para ser feliz ou para ser amado.

Não é mentira que cresci. Acho que cresci, mas é de mentira. Quem sabe, essas possam ser apenas reflexões de um “eu adulto” que ainda não conheci... Ou de um dia desempregado.

ALGUMAS HISTÓRIAS DE UMA CASA FELIZ

Sonia Regina Rocha Rodrigues

Algumas histórias de uma casa feliz

A casa estava às escuras. Pela janela aberta, no crepúsculo da tarde, a paisagem chuvosa esfumava-se em um dégradé de tons cinzentos — mar, céu, nuvens, areia. Silêncio.

As duas moças avançaram silenciosamente escada acima. Em breve ouviram a voz da mãe, a gesticular, entre sussurros e suspiros.

Catarina acendeu a luz. Carolina censurou:

— De novo, mamãe, falando sozinha!

A senhora sorriu, murmurando:

— Quem disse que estou sozinha, querida? Estou aqui conversando com meu passado... com meus mortos queridos... meus fantasma... — piscou um olho, para que a filha percebesse que estava a brincar, não fossem pensar que a mãe delirasse. — Esta casa está tão cheia de lembranças....

As moças, ao mesmo tempo:

— É verdade, lembro-me daquela vez...

Risos.

Eram boas lembranças.

Um minuto de descuido

Mãe não pode mesmo distrair-se.

E nem fora distração, e sim, pressa.

Lúcia correria a recolher a roupa do varal, que verão em Santos é assim: o céu de cartão postal fica preto de repente e a tempestade cai antes mesmo do primeiro trovão; depois a chuvarada pára tão subitamente quanto começou, deixando ruas alagadas, pessoas encharcadas e varais ensopados. Ora, ao ouvir o trovão, Lúcia saiu da copa a correr; ao retornar, não viu a filha, ouviu apenas sua voz alegre a exclamar:

— Areia! Areia! — a pequenina pronunciava ‘aeia’

Uma nuvem de pó claro espalhava-se pelo ar, vinda de debaixo da mesa. Um monte de pó, no chão, em frente à menininha, que sorria para a mãe na maior alegria, a brincar:

— Paia! Painha! — ou seja: praia, prainha...

Leite em pó! Lúcia deixara a lata aberta sobre a mesa e a menina a derrubara.

E Lúcia ficou entre o riso e as lágrimas. A cena era inesperada e engraçada,

mas o trabalhão que teria para limpar a filha, o chão, a mesa....

E por enquanto era apenas uma, logo seriam duas...

Nova luz em nossas vidas

Catarina correu para a mãe, saudosa, e deu um passo atrás ao perceber o novo bebê. Ficou sem fala e sem ar.

Lúcia colocou Carolina no berço e pegou Catarina ao colo. Ficara pela primeira vez longe da filha, quase um dia inteiro. Começou a lembrar a menina das conversas dos últimos meses sobre a irmãzinha que chegara. A angustiada Catarina interrompeu:

— Você não é mais minha mamãe?

— Claro que sou sua mamãe, querida, e sou mamãe da Carolina também.

Catarina pulou do colo de Lúcia e correu para o colo do pai:

— Mas o papai é meu!

Papai explicou:

— Sou seu papai e papai da Carolina também.

Com os olhos vermelhos de lágrimas, a garotinha procurou pelo avô, a cujo pescoço agarrou-se a soluçar em desespero:

— Mas o vovô é meu. Só meu, só meu, só meu.

Ah, o sofrimento infantil!

A voz forte do avô fez-se presente:

— Vovô é só seu!

Como é que ele ia escapar desta afirmação desastrada era uma tarefa que iria mantê-lo ocupado pelos próximos anos.

Leituras familiares

— Família que lê unida permanece unida — exclamava papai, nas manhãs de domingo, estirado em sua cadeira preguiçosa.

Mais que um hábito, ler nesta família era um verdadeiro vício, um vírus que contaminava todas as gerações.

Algumas famílias têm em suas casas um salão de festas, um porão para jogos, uma área para churrascos. A família Rodrigues tinha uma biblioteca.

As histórias começavam no berço, com as cantigas de ninar, em que barcos singravam os mares azuis em noites de luar e gaivotas percorriam os céus nas asas do vento, acalantos diferentes das convencionais canções de terror sobre bichos papões.

As primeiras papinhas eram ilustradas com as histórias do avô, quando o avô era pequenininho e as histórias do tio Juca quando era um garotinho.

Uma borboleta que entrasse pela porta no momento da refeição virava personagem. O jardim foi o nascedouro das histórias da borboleta azul, bailarina vaidosa, e da história da lagarta triste que não sabia que dentro dela escondia-se uma alma de borboleta.

Quando começavam a engatinhar, as meninas ganhavam livros coloridos com histórias de bichos. Catarina preferia as aventuras do elefante que passeava pela

beira do rio, e pedia que lessem para ela a mesma história centenas de vezes, com prazer imenso. Certa tarde, Lúcia encontrou a filha deitada no chão, dormindo sobre a barriga do pai adormecido, com o livro na mão.

Ao crescer, as meninas inventavam suas próprias histórias, como aquela do macaco que comeu uma banana cascada, invenção de Carolina que fez os pais racharem de rir. Para Carolina era tão claro que, se havia frutas descascadas, por força havia também de haver as cascadas....

E houve a noite em que Lúcia, exausta, sentou-se para adormecer as filhas com a história do momento, Branca de Neve e os sete anões, e, a certa altura, surpreendeu-se com os protestos das meninas:

— Não, mamãe, não!

Sonolenta, ela esfregou os olhos, dando-se conta de que ferrara no sono, e escutou, com espanto, o que as meninas diziam:

— Mamãe, a Branca de Neve não entrou no disco voador!

Pensamento positivo

Certa tarde Lúcia foi surpreendida pelos gritos de Carolina:

— Socorro, mamãe, tem um troço duro na minha boca!

Era o primeiro dente de leite que caía.

Lúcia correu ao banheiro, onde a menina se olhava no espelho.

A pequena, otimista, tinha o hábito de ver a vida sob seu melhor aspecto. Antes que a mãe chegasse perto ela já estava a sorrir, olhando o líquido vermelho que escorria de seus lábios e tirando lá suas conclusões:

— Não se preocupa, não, mamãe, meu dente caiu, mas saiu um remedinho junto...

Um almoço engraçado

Era dia dos pais. A casa estava repleta de tios, primos, avós.

No almoço, vovó pergunta a cada criança o que ela queria beber, e a pequena Carolina respondeu :

— Quero pinga.

Papai, entre o riso da situação inusitada e a vergonha ante os olhares espantados dos outros parentes, resolveu a situação pedindo suco de laranja.

— De onde você tirou esta idéia, Carolina? Ninguém toma pinga aqui em casa.

A pequenina explicou, candidamente;

— Quando vamos buscar pizza lá no bar da esquina, sempre tem um homem pedindo pinga no balcão. Eu queria experimentar.

— Ora essa....

Aquele dia, Carolina resolveu mesmo surpreender os parentes. No momento de brindar aos pais, ela exclamou:

— Eu sou mesmo uma menina de sorte. Eu tenho três pais! O meu papai, o papai Noel e o papai do céu!

Enfeite de porta

Todo ano, pela Páscoa, as meninas ganhavam, junto com chocolates, coelhinhos de pelúcia; havia vários deles no saco de brinquedos.

Ora, certo ano, vovó resolveu colocar um coelhinho na porta, para enfeitar a entrada da casa, e perguntou para as crianças se poderia pegar algum dos coelhinhos delas. Havia um monte de coelhinhos no saco de brinquedos, pois todos os anos, as meninas ganhavam algum, acompanhando alguma cesta ou ovo.

Quando chegaram da escola, na quarta feira à tarde, as meninas caíram na gargalhada. A vovó, cuja vista andava fraca, pendurara do lado de fora da porta o Leitão, amigo do ursinho Puff...

— Vovó, este ano vai haver um porquinho de Páscoa!

E vovó custou a entender...

A avó que morava longe

Catarina, depois de cada visita da vovó materna, que morava em outra cidade, esperava ansiosamente pelo seu telefonema. Ora, certa vez, vovó plantou pés de couve no quintal, e disse para as netinhas regarem e cuidarem das mudas.

Duas semanas depois de sua partida, ela ainda não havia telefonado, e, quando finalmente o fez, e Carolina atendeu, vovó falou:

— Querida, estou ligando para saber notícias de minhas couves.

Era uma brincadeira, é claro, mas Catarina, bobinha, acreditou, e ficou bem brava:

— Ora, vovó, você fica duas semanas sem dar notícias, e quando liga, em vez de perguntar pela sua netinha, pergunta pelos pés de couve?

Depois disso, toda vez que vovó vinha visitar as netas, dizia, ao chegar no portão:

— Meninas, vim ver como estão meus pés de couve... E Catarina ria... pois sabia que era para mexer com ela.

A vida tem um significado

Lúcia acreditava em um bem precioso chamado infância. Ela não pressionava as crianças para estudar ou trabalhar, ou, como alguns costumam dizer: pensar no futuro.

Lúcia realmente acreditava que cada coisa tem a sua hora, e que crianças são como flores, que desabrocham na época certa, e não vingam se a rega for exagerada, ou se o solo for impróprio.

Uma tarde preguiçosa de verão, Catarina voltou da escola com uma novidade: muitas pessoas iriam no colégio conversar com os estudantes sobre o seu trabalho, e porque haviam escolhido suas profissões. E a menina falou:

— Sabe, mãe, eu acho que, antes de escolher o que vou fazer de minha vida, eu preciso saber quem eu sou. Eu ainda não sei para o que é que eu nasci.

Vem então Carolina e sai-se com essa gostosa afirmação:

— Pois eu sei bem para o que é que eu nasci, mamãe.

— É mesmo? Para que? — e, conhecendo a tendência para comediante da caçulinha da família, papai, ali perto, também ficou atento.

— Ora, eu nasci para trazer alegria para esta família.

Ah, a sabedoria das crianças!

Epílogo

A casa das doces memórias hoje não existe mais. As crianças que nela comeram bolinhos de chuva recheados com banana e polvilhados com canela, hoje são também avós, que enriquecem suas vidas com a alegria de seus netinhos. É o ciclo do amor, o bem mais precioso da vida.

Seu Biga, figura ilustre da cidade de Muquiabá, no sul da Bahia, aos sete anos, abandonou a escola para ajudar o pai no trabalho, mas nunca mostrou desinteresse ou preguiça em aprender, principalmente a ler e a escrever, que aprendeu com sua avó, entre os batiques e ferramentas da pequena marcenaria do pai. Depois de adulto, ficou conhecido por seus serviços de qualidade e pelos causos e histórias que lia nos livros e contava à sua forma e também pelas poesias que recitava e cantarolava enquanto exercia seus mais diversos ofícios. Homem sábio e inteligente, durante toda sua vida de trabalho, sempre levava consigo, no meio das ferramentas, um livro, para na hora do almoço ler e partilhar com quem tivesse interesse. Era comum, em obras que trabalhava, ver a peãozada substituir a hora da sesta, por uma roda atenta à leitura ou contação de história de seu Biga. Seu amor aos livros lhe rendeu o merecido apelido de “Pedreiro Poeta”. Levava para casa todos os livros e manuscritos que encontrava ou lhe era concedido. Infelizmente achava grande parte dos livros nos lixos da cidade e das casas em que prestava serviço. Isso o deixava bastante triste, não entendia como as pessoas podiam se desfazer da sabedoria e sentimentos transcritos neles. Seu Biga continuou juntando livros até não ter mais onde colocá-los. Então, pouco antes de se aposentar por falta de força para o serviço pesado, construiu um vão no fundo de sua humilde casa para armazená-los. Aos poucos, o lugar começou a ser frequentado por pessoas de várias idades e classes sociais, que, em vez de jogarem os livros no lixo, agora os doavam e ajudavam na organização do lugar. Ele sentia-se realizado ao receber mais e mais livros e ver aquele lugar cheio de pessoas compartilhando o prazer e o saber por meio da leitura. Porém, com o passar do tempo, o fluxo de pessoas e as doações diminuíram, e os livros voltaram a ir parar nos lixos. Toda aquela movimentação inicial se mostrou ser apenas um frisson, causado pela novidade numa cidadezinha tão pequena como aquela. Ver as pessoas abandonando uma das poucas coisas da vida que tanto lhes dão sem nada cobrar machucava Seu Biga e causava-lhe um aperto no peito.

Debilidado devido à idade, passava os dias com seus livros e Nenéu, seu neto mais novo. Varavam as tardes em leituras regradas a chá e broa de milho, feitos por ele mesmo, que, com ajuda dos livros, tornou-se ótimo cozinheiro. Além do aprendizado culinário, seu Biga também, se tornou conhecedor — por meio dos livros e do conhecimento passado a ele, por seus pais — e até escreveu, de forma manuscrita em um caderninho, inúmeras receitas de remédios caseiros, feitos com mistura de ervas, raízes e grãos. Esse “livro” era um dos mais procurados na sua casa, e até o médico da cidade, Dr. Jacinto, recorria a ele quando faltava medicamento no posto de saúde.

Numa tarde fria, presentindo algo, disse a Nenéu:

— Filho, não pare de ler como os outros. Se puder, mantenha o carinho que tem hoje pelos livros e por mim, pois se o homem continuar assim, sem respeitar o sentimento e a sabedoria escrita, não sei o que vai acontecer.

— Tá bom, vô. Mas vô... me diz uma coisa? O que vai acontecer com o livro?

— O futuro do livro?

— É, vô, lá longe. Bem longe — disse fazendo gesto de lonjura com as mãos.

— Eita! menino esperto e curioso, esse meu nêgo! — disse rindo, enquanto dava um cheiro em Nenéu. — Seu avô, apesar de ler bastante, não tem esta astúcia toda. O que sei é que, certamente, o futuro de quem leu livros e com eles aprendeu a gostar de aprender e os teve e os têm como companheiros para todos os momentos será bem mais bonito e menos solitário do que o de quem nunca os teve ou gostou deles — disse o velho Biga, antes de dar um grande suspiro e cerrar os olhos, adormecendo para sempre, tendo em mãos duas coisas que jamais iria esquecer e que mais lhes deram prazer em vida: o livro, recaído sobre seu peito; e o amor do seu neto que, por cima dele, ensaiava um cochilo.

Nenéu escutou seu avô e, até a vida adulta, manteve o local reservado aos livros no fundo da casa. Na primeira oportunidade que teve, conseguiu apoio político e da comunidade para transferir o acervo para um espaço maior e mais adequado, o qual foi a primeira e, até então, única biblioteca da cidade, que foi batizada: Biblioteca Bartolomeu Geronço dos Santos. Pouco frequentada, mas muito resistente e respeitada.

COISAS QUE PERDEMOS NO CAMINHO

Ricardo Gentil

Ele vestia trapos e andava em meio ao caos. Mãos, dedos, cabelos sujos, desgrenhados com a poeira e imundície de mil cidades.

Não sabia há quanto tempo andava. Nem o último dia que se sentara, que comera alguma coisa. Nem se precisava comer.

Suas lembranças iam mais longe, iam para além do tempo e espaço.

Se lembrava do começo. Da explosão. De partículas de átomos se unindo e do nada dando espaço a... alguma coisa. Uma nova ideia.

Se lembrava de estar nu. De uma mulher ao seu lado, apesar de não a denominar mulher na época.

Apenas sabia que era diferente. Que eles se completavam. Que se amavam.

Mas eles tampouco sabiam o que era amor.

Se lembra da fruta, da cobra. Da expulsão.

Mas não foi assim, foi? Era realmente ele? Ou era ela o enxergando? De repente outros lapsos surgem. Asas. Sim... asas. Brilhantes à luz do sol, ou seriam feitas de fogo? Do que eram feitas suas asas? Se é que as tinha?

Couro ou penas. Houve um tempo em que tudo que enxergava era couro e penas. Mas não sabia para que lado torcer, onde se assentou. Onde sacrificou-se para o bem ou mal maior.

Não importava. Não durou muito tempo, certo? Talvez fosse os dois. Ou tivesse sido um num tempo para depois tornar-se outro. Tempo era confuso para ele de qualquer forma. Lembra de cair. De ser abandonado e cair pelo que pareceu uma eternidade. Talvez tenha sido. Novamente o tempo...

Sentiu-se abandonado. Criou algo, não? Um lugar, abaixo de tudo e todos para exercer sua justa fúria. Sabia que o lugar tinha que existir, ele tinha que existir.

Então não... a maçã, a mulher, isso veio depois. Muito, muito depois. Sua mente resolve viajar mais, a lembrança da queda ainda dói, então vai para depois dos Primeiros. Depois de ter se tornado uma estrela matinal.

Se lembra da aparição dos outros. De ferro, fogo.

De desenhos em cavernas úmidas. Do balbuciar das primeiras palavras.

Agora eles tinham nome para as coisas. Não todas, mas aos poucos iam se ajustando.

Ele para, finalmente, na frente de uma loja de conveniências. Vê as propagandas tentadoras. As mulheres seminuas anunciando cerveja, os variados sabores de sorvete, os energéticos que prometiam força, vitalidade, energia.

Olha para seu reflexo no espelho, todo um mundo de consumo à frente. O

que vê além de um homem (ou uma sombra de um) com vestes esfarrapadas? Seriam asas? Quais? Ainda não sabe.

Mas se lembra de qualquer forma.

Lembra de cidades enormes nascendo e morrendo, nascendo e morrendo, um movimento tão orgânico quanto o respirar de um ser vivo se visto com paciência.

Lembra de cheiros exóticos. De lutas sangrentas, de belos poemas, de belas mulheres. Ele se lembra de copular violentamente, de lutar com graciosidade. E vice e versa, e vaivém.

Ele é todos, foi todos. Todos os pensamentos que querem esconder, ele está lá. Com asas de couro chamuscadas que já abrigaram penas.

E tudo se mistura em inúmeros corpos e ele não sabe mais diferenciar uma coisa da outra. Tudo se funde em uma dança em vermelho, rosas e sangue.

E corpos. Ele vê corpos em valas, muitos corpos. Dessa vez não vermelhos, mas cinzas, sujos. Corpos de mortais infantes chamados para uma guerra que não lhes dizia respeito.

Sujos como ele. Às vezes mais, às vezes menos.

Ele se identifica com os corpos na mesma medida em que parecem tão distantes. Ele simpatiza e simultaneamente os inveja.

Ele é eles e ao mesmo tempo sabe que é ingenuidade pensar que será como eles um dia. Ele é seu Desejo e seu Carrasco. É seu destino e sua sina.

Ele sabe mais que isso. Sabe tudo. Sabe de paradoxos, sabe como criá-los e evitá-los.

Talvez tenha criado a palavra paradoxo. Disso não se lembra com exatidão.

Distraído por um estouro de escapamento, ele logo mergulha na bomba, e sabe que tudo mudaria e nada mudaria a partir daí.

Os respiros orgânicos apenas seriam entrecortados por violentas tosses vez ou outra. O mundo continuaria. Seu bom senso imunológico não permitiria um câncer, não antes do fim.

E ele conseguia ver vislumbres disso também. Via cidades grandiosas, veículos voadores, pessoas, máquinas, pessoas-máquinas.

E vislumbrava o fim. O barulho ensurdecedor, a cacofonia de metal e corpos.

O vermelho e o cinza.

O sangue e o metal retorcido.

Daí, a maçã, a cobra comendo o próprio rabo. Ourobouros.

As asas, por que se preocupara tanto sobre seu formato ou composição? Sabia que se engalfinhariam e que, independente do resultado, fogo e luz raramente se diferenciavam no fim de todas as coisas.

Ele não sabia há quanto tempo andava porque sabia que estava andando em círculos.

Mas sabia que estaria lá.

O último suspiro seria seu. Seriam seus os últimos átomos a se partirem. A estrela a se apagar. Fogo e luz misturados. Unos enquanto a luz se extinguia como uma chama ao vento.

Ele perdeu coisas no caminho e ganhou outras. No final, sabia que estaria

quite.

E depois, havia o nada.

AS MEMÓRIAS DO BAR

P. H. Leighton

Ao pulsar de uma leve dor, acordava. Achava muito difícil acordar tarde e naquele dia não tinha sido diferente. Levantei da cama, desorientado como sempre, traçando o mesmo caminho pretensioso pelo quarto escuro. De poucos passos precisava para chegar ao pé da sombra gelada da cortina. Enlaçava os meus braços enquanto abria, flutuando, revelando os raios da manhã. E eu suspirava exageradamente, me lembrando de uma coisa.

Mauro era o dono do bar. Muito embora a personalidade não fosse um dos seus primores, sempre tive a impressão que almejava algo semelhante ao que eu buscava: um puro e simples desatamento — se é que possível. Um jeito de escapar o desespero cotidiano.

Nunca poderia esquecer: o encontrei naquele dia, naquela manhã molhada pela chuva madrugadora — o asfalto tinha se transformado num espelho escuro. A certa distância, o vi, à esquina do bar, conversando — ao que parecia — com um homem através da janela de um sedã preto. Parecia se inclinar; agia diferente do que de costume. Falava exaltadamente — pensei ser uma coisa estranha. Mauro, embora frequentemente alegre, o demonstrava sutilmente. Os olhos esbanjavam firmeza o suficiente para intimidar uns, desafiar outros. O homem falava o necessário e logo se encolhia, cruzando os braços, sempre um ritual, prontamente caçando aos olhares a presa que lhe interessaria — certamente gostava de fazer isso.

A curiosidade moveu as minhas pernas: fui ver do que se tratava. Acelerei um pouco mais o passo da caminhada lenta e reflexiva que estava tendo até então e me apressei a caminho do bar. Andei pela sombra dos baixos prédios entre os quais o acanhado esconderijo dos exaustos se projetava, atravessando a rua vazia, reparando no dia ter sido tão escuro que mais parecia fim de tarde, ignorando um gotejo aqui e outro ali.

— Algum problema aí, Mauro? — perguntei ainda em corrida.

— Nenhum — disse, um pouco surpreso com a visita, derrubando rapidamente o sorriso alto que tinha, dissolvendo a intensa alegria que há pouco demonstrava. — Vindo da faculdade? — Mauro adicionou, disfarçando a razão da situação.

— Não; de casa — rebati, pouco desconfortável de estar interrompendo o jeito.

— O Manuel tá lá dentro; vai lá tomar um café, — disse ele, ao olhar de relance à porta do bar, apontando com um movimento rápido da cabeça a entrada; quem sabe exibindo o fato de ter se incomodado com meu súbito interesse na situação, — falo com vocês num momento.

Passaram-se poucos minutos e Mauro adentrou o bar. Pela janela alta que cobria toda a parede de frente da sala mal iluminada, vi ele acenar — mandando um ridículo sinal de “beleza”, um ícone dos anos de convivência — ao veículo que asso-prava uma fumaça branca, desaparecendo pela esquina. A porta era aberta.

— Meus senhores... acabei de receber uma bela de uma notícia, — falava brilhante, sorrindo a um canto da boca, andando aos passos calculados pela entrada do espaço, bem sonoros pelas solas duras. Eu me levantava da cadeira em que repousava meio exausto daquilo tudo, — mas vou precisar tomar conta de umas coisas e por isso vou fechar o bar por um tempo.

A notícia não me alegrou tanto o quanto parecia alegrar àquele cara:

— Como é que é?! — gritei incrédulo. O garçom imediatamente me encarou de reflexo, assentando na mesa a bandeja que segurava.

— Ele ainda não te contou? — perguntou, franzindo a testa dramaticamente como algum ator de novela.

— Claro que não; do que vocês estão falando? — questionei mais calmo, discretamente me arrependendo do pismo.

— Calma, — disse Mauro, reconhecendo meu estresse evidente, talvez também aproveitando o momento para extinguir os próprios nervos aflorados — quero que ouçam...

Ouvi um rugido: virei a cabeça e o tronco depressa. Uma figura. Um homem, vestindo roupas sociais. Estava de costas, fechando a porta que abriu subitamente. Calma e lentamente, talvez para que não fizesse o seu típico estrondo subsequente.

O silêncio tomou conta do salão.

O tal homem virou finalmente. Os outros dois já o encarando de intenso, claramente ansiosos em saber a sua identidade. Notei a expressão do Mauro: começou a mexer os músculos do rosto e abria a boca sutilmente, como se estivesse prestes a se permitir o grito de assombro. Mas, manteve-se estático, esperando pelo que revelaria o sinistro homem de preto-e-branco.

— Seu Mauro, — calmo e em claro português falou o homem, como um médico pronto para dar o inesperado diagnóstico fatal, deixando-se distrair pelo bar vazio e as luzes fracas que deixavam o lugar escuro, — que coisa...

Mauro engoliu seco. Conteve o terror ao desviar rapidamente o olhar para o fundo escuro do bar. Passaram-se alguns instantes, e Mauro virou o rosto lentamente, perfurando com os olhos a vidraça: tinha reparado os lentos pingos de chuva. Mal conseguia vê-lo, mas certamente estava mais calmo. Ouvi o aumento dos pequenos golpes no asfalto e senti o aroma. Lembrei que adorava o cheiro quando garoto e, por um instante, mergulhei nas memórias. Ouvi o estrondo imenso e senti nos pés o piso tremer. Mauro, caído, mantinha, como sempre, os olhos abertos: acusavam qualquer que fosse a figura que lhes atraíram.

A cena me queimou a vista. O homem não estava mais lá; os únicos vestígios da sua presença ali eram as altas notas do sino da porta se aquietando gradativamente. Talvez à mesma medida em que o som dissipava, o salão era possuído por barulhos. Berros. O choro da chuvarada. E concomitante a tudo isso, um peso. Um peso terrível. Toneladas desciam pela garganta e espremiavam o peito. O bar estava mudo;

Mauro estava morto.

Num dia, um amigo havia desaparecido para sempre, uma flama se extinguiu. Mas, por algum motivo, outros passavam rapidamente. A cada giro do planeta, o peso era aliviado até ser ignorável. Passei tais dias da forma de sempre — pensava não haver o que mais fazer. Mas, procurava desesperadamente por algo, uma forma de apagar a mancha na minha carne, a memória daquele temporal.

E a minha angústia assim foi apaziguada; num instante de lucidez, um sentimento que surge. Embaixo do sol castigador, o garçom pouco conhecido, que compartilhou comigo aqueles longos momentos, me abordou. As pedras se encaixavam no chão e eu ouvia o rapaz combater o som do vento correndo pelo asfalto distante.

— Por que não vem pro bar hoje à noite? Acho que precisa.

E assim se passaram mais dias; agora, certamente mais leves. De fúteis pensamentos, frívolas memórias... o que quer que as chamasse: eram o que me restava.

Me sentaria à beira do bendito balcão estreito do bar. Mal conseguia apoiar os cotovelos na superfície. Me restava sempre levantar a cabeça: as luminárias cintilavam tão intensamente que cegavam os meus olhos por um segundo. Os risos repentinos ecoavam, calmantes, viajando através da caixa silenciosa.

O barulho alto de louça ao fundo me causaria um lampejo de imediato. Olhava para trás, virando a cabeça sem pressa, e encarava o passado nos olhos, estranhando a sua barba.

— Fugindo do cotidiano, é? — perguntava o garçom, interrompendo a ponta dos dedos que outrora golpeavam a madeira da mesa como botões de algum teclado.

— Não sou tão poético assim... — Respondo, visando ao copo à frente.

— Então, por quê? — ele perguntava. A curiosidade invasora me aborrecia.

— Não sei ao certo — eu digo. Ele franzia e tocava a mesa; talvez eu fizesse alguma expressão esquisita ao notar. Manuel cuidava do bar, eu me afogava no espaço e nós assim trocávamos histórias.

Sendo garçom do bar, tinha as mãos ligeiras, ainda que tivessem uma mania. Tocavam tanta bossa-nova no bar que às vezes as mãos pareciam se contagiar com a memória do ritmo. Tinham vida brilhante: o balcão tornava-se tanto o violão quanto o cavaquinho. Os choros soavam como Jobim, Gilberto, Toquinho... De qualquer jeito, isso sempre tinha o mesmo fim: “Pára com isso aí, ô!”, estrondava algum, se não eu.

— “Ponderação”... Se eu tivesse que escolher uma palavra para explicar por que tô aqui — falava, em voz alta, quebrando o silêncio da impressão.

— Como assim, “ponderação”? — perguntou Manuel, esbugalhado, deixando clara a confusão em que se encontrava.

— Quer dizer que... Gosto de pensar aqui; não sei... — digo, agarrando o copo e o levando à boca. As palavras se misturavam à bebida: esperto nunca fui.

Manuel visava à mesa à frente e as mãos voltavam a teclar.

Mas os tempos assim tão leves não duraram tanto. O terrível homem voltou ao bar, como o dilúvio daquele dia — súbito; avassalador. Os braços atravessavam a porta meio aberta, e o arrependimento nos meus pulmões voltava a borbulhar. As cenas, os lampejos, os risos, os gritos — as memórias voltavam aos olhos: eu estava aqui e ali

novamente. Me possuía de uma claridade, percebia a caixa preta agarrada pelas mãos do homem. E nesses segundos pensantes, nessas horas longas de meditação, via o homem erguer os braços. Me lembrava. Anos e anos revivi. Os pensamentos pressionavam os joelhos e o bar raiava, ainda mais reluzente, clareando tudo. O horror me pesava a nuca, uma leve dor, mas eu recordava, para mim, as preciosas memórias do bar.

O fim.

BOCEJO DA MORTE

William Fontana

“Sono, essas pequenas fatias de morte, como eu as odeio.”

Edgar Allan Poe

O lugar desolado por um perpétuo inverno de séculos remetia a um mausoléu de gelo. Lá estava sepultado o que teria sido o berço da humanidade, o planeta Terra. Aquele lugar devastado por cataclismos mais parecia com uma maldição que sobreviera à humanidade, por causa de sua arrogância e corrupção na luta do homem contra o homem pelo poder sobre sua própria espécie. Dentre os poucos que sobreviveram ao fatalismo dessa inutilidade, vagaram pelo espaço na busca por planetas que pudessem terraformar, tornar uma Nova Terra. Como os séculos se tornaram milênios para eles, as tenras memórias históricas se tornaram nebulosas e parcas como os mitos. Aquilo pedia uma viagem às origens, onde a aventura humana começara originalmente, uma missão tripulada à Terra com o objetivo de investigar os motivos de sua capitulação de outrora.

Os esparsos relatos iniciais seriam de que o ódio, inveja e ganância dos poderosos ultrapassaram todos os limites morais e legais, do consumismo desenfreado ao monopólio. As altas taxas de criminalidade e discriminação pareciam lançar a humanidade a um passado de barbarismo moral. Assim, os arqueólogos do amanhã eram humanos extraterrenos no encaixe do que seria o pós-modernismo de hoje. Esses arqueólogos, servindo-se dos mais primorosos métodos científicos na busca da verdade no século XXX, na Terra encontram as ruínas de que houvera uma civilização no século XXI. Nas cinzas da decadência da humanidade encontraram esboços de uma primitiva tecnologia, a arcaica internet. Ao pesquisarem mais a fundo o que sobrou dessa internet, isso permitiu que eles reconstituíssem parte do que era o mundo na época para entender o que provocou seu declínio e queda, uma misteriosa pandemia do sono.

As memórias da tecnologia da informação ficaram em grande parte preservadas por séculos no gelo de uma era glacial, permitindo, pelo sofisticado aparato extraterreno, a decifração de uma pálida linguagem binária. Fotos, vídeos, músicas, livros e toda sorte de dados foram recapitulados como parte ulterior da saga da jornada humana, errante de tropeços e quedas como aquela. Todavia, os motivos daquela suposta pandemia onírica que levou ao sono perpétuo os humanos terráqueos permaneciam imprecisos. Sabiam eles da apatia que se abateu sobre a civilização desse tempo, o individualismo contra a individualidade alheia e o egoísmo contra o amor da empatia. Assim, gradualmente, a moda em voga era um escuso normativo de so-

ciopatia, quando a moléstia do dito Transtorno de Personalidade Antissocial havia sido curada há dois séculos, mais precisamente em 2786 d.C., no tempo terrestre.

Assim, os arqueólogos da post-modernidade terrestre passaram meses do tempo padrão local pesquisando as causas e origens de tudo, buscando o epicentro da pandemia. Descobriram que tudo começou numa cidade na então chamada Cordilheira dos Andes, no Chile. O frio local da época era um preâmbulo das ainda mais baixas temperaturas do século XXX.

Foi a capitulação do que antes era o apogeu. No âmago do problema, os extraterrestres perceberam que a misteriosa epidemia, quando ainda endemia, surgiu no Brasil — aquele país que, apesar de grande território, era moralmente medíocre entre seus dominantes. O Sono se espalhou, à princípio como um rumor, em seguida como um clamor — no entanto, aqueles infectados sequer sabiam quais vias lhes eram tomadas. Os arqueólogos queriam respostas da era pós-histórica terrestre, mas sem lograr êxito perceberam na reconstituição histórica como mesmo o presidente da época fora acometido pelo mesmo clamor. O Sono era paralisante, estendia o estado REM do ato de dormir, levando a um aumento incomum no fluxo sanguíneo ao cérebro com uma aparente superatividade neural. Era como se o cérebro, naquele estado de torpor, houvesse trabalhado mais do que desperto, como uma máquina processando inúmeros dados até que o sono se tornasse coma e dele a morte sobreviesse. As vítimas ficaram inertes como num infinito estado de sono REM até seus corpos morrerem num vegetar perpétuo. Logo os arqueólogos perceberam que precisavam de mais dados além dos disponíveis nas ruínas da internet: um espécime humano conservado no gelo a fim de ser melhor analisado pela tecnologia que son-dava o inefável.

Quando finalmente encontraram um espécime conservado, original do século XXI, perceberam o quanto a espécie humana melhorou após os séculos. Era um cérebro aprimorado artificialmente, assim como inúmeros outros aspectos físicos que lhe davam imunidade às principais e maiores doenças desse século, aumentando exponencialmente a longevidade — ainda que, para vencer o campo de Schumman apresentasse um desafio à integridade celular do corpo. Mas o fato é que o cérebro daquele que sucumbiu à Doença do Sono parecia envolvido num estado mental que assemelhava alterar o funcionamento do cérebro. Como se aquilo indicasse a presença de um parasita, ainda que fisicamente ausente. Outros corpos coletados indicavam disposição similar àqueles cérebros que drenava gradualmente a energia vital até a exaustão da qual, o Sono, aparentemente induzido, levava à extrapolação da mente como se fora de si mesma. A análise feita levou a uma óbvia conclusão — a de que uma força exterior ao corpo influía sobre a mente humana catalisando aquele estado deliberadamente. Mas de onde seria?

Graças à tecnologia detectaram uma assinatura visível apenas em nível quântico, o que denotava algo nos limites dimensionais e físicos do universo. O rastro persistente que havia afetado os neurônios naquele nível exacerbava as dimensões conhecidas, implicando na única origem possível do mesmo — uma dimensão além das conhecidas de nosso universo! Graça ao equipamento extraterrestre, era possível decifrar e salvar memórias, mesmo do estado onírico em que aquele corpo sucumbi-

ra antes da falência generalizada. Com início no cérebro letárgico sensorialmente ao exterior, ainda que demonstrasse estar acometido pelo medo por ter hormônios de adrenalina liberados através do corpo.

Foi assim que chegaram à conclusão de que algo de outra dimensão utilizava-se daqueles cérebros para processar algum tipo de informação. Dada a expectativa das memórias, indicavam informações como as que compunham o universo primordial! Era como se uma força maligna utilizasse de modo usurpado dos cérebros humanos para criar e fortalecer a própria dimensão de onde emergiam! Agiam como processadores que compunham as vertentes de informações vibracionais que, pelas frequências, definiam a diferença entre matéria e energia. Tal situação parecia dar sentido ao fato de que a mente humana trabalhava em mais dimensões que as oriundas de nosso universo. Assim, sustentava num aparente paradoxo a existência de tais entidades que, justamente, se alimentavam da centelha criadora do homem para se estabelecerem.

Parasitas de mundos interiores à energia vital humana que sustentava aquela dimensão inefável criavam uma realidade na qual as leis eram diferentes de tudo conhecido. Sua linearidade incompreensível à causalidade entrópica de nosso universo, ao gerar uma seta do tempo em direções improváveis, levava-os a se expandirem mediante variáveis não consumadas do malgrado destino de suas vítimas.

Como uma seta do tempo que não ia para trás nem para frente no tempo, mas para os lados! Assim era o tempo naquele improvável universo. Ao ver isto, o humano extraterrestre percebeu se tratar não meramente de alienígenas — mas dando razão ao termo de demônios que usavam de nossas mentes para tornar a existência sua realidade inferior. Tudo isso tendo como base a aflição da mente que atinava a causalidade de nosso mundo.

— O que faremos com isto? Temos dados suficientes para reconstituir trechos desse universo para melhor compreender sua existência — perguntou um dos humanos do espaço exterior, numa língua desconhecida que havia evoluído do português.

— Proceda com a reconstituição — respondeu seu superior, com a finalidade de melhor entenderem aquela dimensão.

Como o processamento exponencial daquela máquina era sem precedentes, a reconstituição com os dados decifrados logo compôs trechos aparentemente randômicos daquele universo que ia para os lados. E o que se viu era vil, um universo alimentado pela dor, medo e aflição de cérebros cativos, como num castigo perpétuo. Aquela dimensão era o Inferno. Aqueles homens e mulheres estavam, literalmente, no Perpétuo Sono, nos braços de Morpheu.

Ao fitar aquilo, aquele humano de outro mundo subitamente bocejou, sentindo sono. Fazia tempos que não se sentia tão cansado...

Olha para você, Vitor. Entrelaçado no sofá da sala. Enamorado pelas lembranças. Olha para você, enrolado entre pernas e braços que já não consegue distinguir se são seus ou dela. Que ilusão infantil, que apego carente é esse? Farsa. Uma fantasia de quem não sabe perder. Olha para você, hipnotizado pela paixão. Olha para ela. Estão abraçados como um casal apaixonado. Deitados num passado hoje distante.

Acredita que o vazio foi preenchido? Que a saudade martelada por semanas e meses mudou de abrigo? Já pensou em perguntar se ela percebeu a sua falta? Claro que não, por que notaria, né, Vitor? Essa Elisabete que está com você no sofá acha que jamais partiu. Não sentiu saudade porque ela não sente nada. Ela não existe. Para ela, jamais houve luto. Esteve sempre com você, aí no sofá.

Você segue com ela, eu sei. Cozinha, faz café, toma vinho. Virou hábito não sair de casa. Você e sua Elisabete. Num mundo particular, numa bolha protegida da verdade e dos amigos. Olha para você, Vitor. Você, homem belo de trinta e poucos anos. Você, empresário bem-sucedido, um gênio da tecnologia. Um apaixonado pelas recordações. É só isso que ela é. Memórias, nada mais. E você se deixou perder na dependência. Tudo para fugir da dor. Quem sou eu para culpar um outro?

A Elisabete que você tanto amou, a garota com quem casou, que foi nossa sócia na empresa, com quem você costumava revelar fotos, dessas antigas, impressas no laboratório que construíram em casa, a esposa com quem planejou filhos e passeios eternos pelas areias da velhice, aquela moça linda que eu conheci na faculdade, Vitor, ela morreu. Morreu. E você sabe, Vitor, você foi ao funeral. Estive ao seu lado, ouvi seu choro e senti sua dor encharcando meu ombro. Flores e coroas espalhadas pela casa.

Elisabete morreu.

Você não, Vitor. A empresa segue viva. Eu sigo vivo. Seus colegas, seus amigos. A cidade ainda existe, os parques, a areia. O mar ainda é azul. A primavera voltou. Cores por todos os lados. E cadê você, Vitor? Trancado em casa, sozinho.

Sim, você está só, Vitor. Solitário. A Elisabete que deita nos seus braços, a Elisabete que ri das suas piadas, a Elisabete que foge de você pelos corredores, não é a sua Elisabete. Sua garota, sua esposa, está enterrada no gramado da avenida principal. No cemitério que fomos depois do acidente. Vá até lá, Vitor, veja a lápide, veja a mensagem que você mesmo fez questão de escrever. “Minha mulher, meu mundo, para sempre”.

Eu não acredito mais no que construímos, Vitor. Não acredito no programa,

não acredito no sistema. Não era para isso. Queríamos ajudar o mundo, encurtar distâncias, trazer o longe para perto. Famílias, namorados, amigos, funcionários. Queríamos um sistema de comunicação que ampliasse as telas. Que saísse do bidimensional. Que soasse real. Que se visse real. Que se tocasse como no mundo real. Nada além disso.

Nosso projeto, Vitor, nossa tecnologia, era um sistema de comunicação que aproximaria as pessoas, não que as isolaria do mundo. A vida que você leva não é aquela que planejamos. Queríamos amplificar as possibilidades das telas, mas agora você está preso nela.

Quando Elisabete se ofereceu como cobaia, quando subimos a consciência dela para a nuvem, quando criamos uma cópia da Elisabete, era da nossa sócia, Vitor, da nossa companheira de trabalho. Não da sua esposa. Ela queria testar e provar que o que criamos substituiria qualquer outra forma plana de interação a distância. Foi algo profissional. Científico.

Quando testávamos, de lentes nos olhos, ela surgia à nossa frente. Tocava nossa pele, conversava, observava, sorria. Como sua Elisabete fazia. Era uma cópia que nos permitia interagir como se ela estivesse mesmo diante de nós. A tela tridimensional na vida real.

O acidente não estava nos planos. Nem a noite, nem a chuva. Aconteceu. E o corpo que rompeu o para-brisa do carro, o corpo que voou sobre o capô, o corpo que deslizou sobre o asfalto molhado, aquele corpo era a sua Elisabete. O corpo que foi levado ao hospital, que nós vimos na sala de cirurgia e que foi declarado morto pelos médicos, aquele corpo era a sua Elisabete. É ele que está enterrado. Porque ela se foi.

Jamais imaginei que você pudesse recuperar o backup que tínhamos feito para os testes. Jamais imaginei que você colocaria as lentes nos olhos e passaria o dia vivendo com a memória gravada dela. Deitado no sofá, tocando os cabelos, a pele, beijando a boca, o pescoço, conversando e se divertindo como se essa imagem fosse a sua esposa que morreu. Olha para você, Vitor.

Elisabete morreu.

Essa imitação, essa reprodução, esse sistema com quem você passa o dia não é ela. Por mais que pareça, por mais que você toque, sinta, cheire, não é ela. Você precisa entender. Você precisa aceitar. Precisa desistir. Para que possa finalmente seguir em frente.

Acabou, Vitor. Ela se foi. E essa duplicata também deve ir. Quando ela desaparecer na sua frente, quando essa representação que você acredita ser Elisabete sumir de uma vez por todas, quando você recolocar as lentes e ela não surgir sorrindo pelos cantos da casa, você vai entender. E vai me compreender também. É preciso.

Eu faço isso por você, meu amigo. Pela vida que ainda pode levar. Pelos anos que ainda estão por vir. Pelo amor que ainda pode liberar.

Estou desligando o sistema não só em nome de nossa amizade, mas em nome de você, Vitor. É por você que destruo o programa. É para que você possa abrir a porta e voltar ao mundo. Estamos esperando. Eu, seus colegas, seus amigos. Todos nós. Aqui. Na vida real.

Venha, Vitor. Tire as lentes. Os dias continuam. Você pode continuar tam-

bém.

Fim da transmissão.

Finalmente, tudo se aquieta. Assim me parece. Os gritos há muito cessaram. Os lamentos, também.

O estrondo das estruturas de concreto se desfazendo em pó e destroços, o cheiro nauseante de combustível incandescente, as vigas metálicas retorcidas se derretendo ao calor infernal, e, por fim, a água, inundando os espaços desertados pela fumaça — foram a minha última lembrança. Por quanto tempo, não sei.

Primeiro dia.

Juanito chorava no berço. Consuelo se atarefava entre a cafeteira fervente, a torradeira preguiçosa e a mesa posta para o desjejum. Uma hora de metrô me aguardava, a caminho da lanchonete. Acerquei-me do berço. O sorriso desdentado de Juanito descerrou a nuvem de lágrimas que turvava seus olhos escuros. Agitou os dedinhos gorduchos tentando agarrar os meus. Segurei-os. Consuelo chamou-me. Desprendi-me do meu filho, sorri-lhe, em bênção — e não mais o vi. Consuelo foi a última, a acenar-me da porta entreaberta. Ainda a ouvi aferrolhar as travas — como se isso assegurasse a tranquilidade do lar e da família...

Mr. Taylor fez sua reclamação habitual sobre a temperatura do café. Sorri-lhe, em troca da gorjeta. Como essa, são bem-vindas as dos outros fregueses: ajudam, tal qual gotas de chuva, a manter viva a tenra planta da esperança. Esperança de cuidar da família, de ver crescer o filho, de fazer sorrir os olhos da mulher amada, mais que seus lábios carnudos e amorosos.

Miss Goldberg, a caminho de sua mesa predileta, passou apressada, pelejando com o isqueiro teimoso, e sinalizou-me trazer-lhe uma xícara de chá. Sorri-lhe um agradecimento prévio: sua gorjeta é das melhores, rivalizando com a do Señor Hernández, meu ídolo financeiro — sua agência de viagens progrediu bastante, nos últimos dois anos...

Habib, por trás do balcão, acenava-me apontando a entrada de turistas. Acerquei-me, indiquei-lhes uma mesa e aguardei. Estudantes ingleses, sem dúvida. A jovem pálida, com expressão de enfado, demorou a decidir-se e acabou pedindo uma xícara de chocolate. O rapaz, uma *Coca-Cola*. Àquela hora da manhã?!

Ao atravessar o espaço lotado de mesas, forcejando por não esbarrar nos clientes nem derramar o chá de Miss Goldberg, avistei Madame Lefrève acomodando-se à mesinha do canto. Parece sempre mais cansada pela manhã do que ao fim da tarde, quando deixa o seu escritório. É representante de perfumes franceses. Ainda

não criei coragem de pedir a ela um daqueles diminutos frascos de amostra, para dá-lo a Consuelo. Não sei se é uma boa idéia: o cheiro bom do corpo da minha mulher ficaria mascarado pela essência estrangeira. Porém, ela ficará tão vaidosa que vale a pena correr o risco.

Mulah, atarefado com a sanduicheira, indicou-me, com os olhos amendoados destacados por olheiras, o Joaquim, para despachar-me o pedido. Os dois vivem discutindo sobre esportes, sem chegar a um acordo. Isso, desde as primeiras horas do trabalho, enquanto Liu, o zarolho, esbanja seu sorriso dentuço no rosto amarelo e pajeia o lava-louças.

Sem dúvida, esta lanchonete é uma réplica reduzida da metrópole. Por isso me sinto tão bem, neste ambiente. Foi o que tentei explicar ao Reginaldo, o novato que começou a trabalhar esta semana. Provavelmente, acabará entrando para o time da discussão esportiva, fanático que é do futebol. Foi o que me confessou.

Ainda não foi desta vez. Não me aventurei a pedir à Madame Lefrève a amostra do perfume. Depositei-lhe à frente o café fumegante e os croissants, e me apressei a atender os ingleses...

E veio o estrondo.

Segundo dia. Minhas últimas lembranças se diluíram na cacofonia de vozes, gritos de ordem, barulho de máquinas, apitos agudos e sirenes — ao longe, como em outro mundo. Tento mover-me: inútil. Tento gritar: som algum produzo. Mal consigo respirar. O ar abafado, o cheiro de querosene e o avançar lento do desespero me fazem vomitar. Enojado, forço a face sobre o ombro, para limpar minha boca, já que meus braços estão prisioneiros — e percebo que não sinto nada, nada, abaixo da cintura!

E o celular, aqui, sobre meu peito, a piscar, desesperadamente.

Terceiro dia.

A bateria do celular descarregou. Imagino Consuelo, angustiada, registrando recados, sem obter resposta. Não posso compreender o que aconteceu com o prédio, com as pessoas, com as nossas vidas. Até duvido que estou vivo!

No terremoto do México, eu era garoto. Lá, estávamos acostumados à ira da Terra, às suas convulsões esporádicas, à exposição de suas entranhas. Mas, aqui, algo muito diferente deve ter acontecido. Não consigo encontrar explicação. Lembro-me das imagens, na TV, da erupção do Ruiz — a avalanche de lama sepultando vinte mil pessoas —, os terremotos de Cobe, do Irã, da Turquia, da Albânia. Não sei mais qual o pior. Sem falar das inundações da Índia, da Tailândia, do Paquistão, das Filipinas e tantas outras. Parece que a velha senhora Terra não nos quer mais aqui... Consigo sorrir, na minha perplexidade.

Quarto dia.

Ouçó, ilusoriamente mais próximo, o barulho constante de vozes e máquinas. Talvez cheguem a tempo. Como se estivesse numa cápsula do tempo, sinto-me flutuar entre a inconsciência e a teatralidade do real. A fome já se acietou, mas a tortura da sede é indescritível. Respiro pela boca, pois não suporto mais o cheiro nauseabun-

do que tomou conta do meu domo atmosférico. Minha língua está tão volumosa que quase não deixa passar o escasso ar que me sustém. Isso me faz lembrar do terror dos olhos de Juanito quando engasgou com o bombom que a vizinha lhe dera. Sorte que eu estava perto e pude socorrê-lo. E a mim, alguém socorrerá?

Quinto dia.

Consuelo chegou tão perto! Suas mãos morenas, de palmas macias, acariciaram minha face. Seus olhos — jamais os vi tão tristes! — queriam me transmitir uma esperança que seus lábios se negavam a corroborar. Foi uma conversa de mudos: sem sons, poucos gestos — dela, não meus! — porém, a afirmação do amor me fez aceitar a sua despedida. Ao abrir meus olhos, ela se fora.

Os sons estão mais próximos, o que me traz novo alento. Em compensação, o cheiro! Não sei até que ponto alguém poderá sobreviver a ele. Haverá outros sobreviventes? Somente ouvi gritos no dia do caos. Não sei se duraram mais tempo nem sei quantos dias faz. Por que tão lentos em chegarem a mim, os salvadores? Parece que sou o único que resta! Se não acelerarem as buscas, não chegarão a tempo. São tão rápidos em tudo o que fazem, porque não se apressam?! Geralmente, usam cães farejadores. Por que não os ouço resfolegar nem latir? Então, ainda estão muito longe! Quanto tempo um adulto pode sobreviver sob escombros? Uma semana? Duas? Há quanto tempo estou aqui? Dois, três dias?

Sexto dia.

Não sei mais o que pensar. É como se houvesse deletado as minhas memórias. Por que estou aqui? Como cheguei? Quem sou? O que faço? Respiro, muito mal. Não posso me movimentar. As dores desapareceram totalmente. Não sinto meu corpo, apenas, a minha cabeça e o meu tórax. A escuridão, total, jamais me permitiu avaliar melhor a situação. Mesmo o cheiro, não ajuda mais. Parece que desapareceu totalmente ou, então, me acostumei a ele. Se desapareceu, faz muito tempo que tudo aconteceu, mas, se faz tanto tempo, como ainda estou vivo?! O que me espera, a cada inspiração? O quanto de tempo me é roubado, a cada expiração? É só no que consigo pensar: no tempo, no ar, no terror, no desespero. O que veio depois do desespero? A esperança? Esta se foi, há muito. A revolta? Durou tão pouco! Depois do desespero, da morte da esperança, só resta a entrega, a capitulação...

Sétimo dia.

Ar... Onde está o ar?! Finalmente, tudo se aquieta. Ou, assim, me parece. O silêncio, bruscamente, se faz dono absoluto do mundo. Enfim, ouço o ruído estranho do ar rasgando a mucosa de minha garganta. Meus pulmões, porém, não mais conseguem se expandir. Meu coração pulsa mais rápido, como o ruflar longínquo de asas de pombos... Depois, mansamente, repete... o dobre... de finados...

E o maquinário pesado de escavação se põe em marcha...

Em homenagem aos mortos no World Trade Center em 11-09-01

A DESTEMIDA DONA DOCA

Hailton Correa

Com a idade que estou, na verdade mais para lá que para cá, do pouco que ainda posso me lembrar de tudo em minha vida, da dona Doca nunca esqueço. Todas as outras reminiscências tornaram-se ao longo dos anos inteiramente trôpegas, vacilantes, quebradas, vagas. Meu casamento, os nascimentos dos meus filhos, de nada disso me lembro direito não. Vez em quando chego até a esquecer meu próprio nome. Mas de dona Doca não. A sua lembrança permanece nítida, cintilante em minha memória feito orvalho sobre a relva em manhã de agosto. Ela sim, devia ter uma estátua erguida no meio de cada grande cidade do estado de Goiás. Antes que eu vá para terra do pé junto, o que decerto não vai demorar muito, e tais lembranças sejam sepultadas comigo, vou lhes contar sobre ela. Ouçam com atenção.

Outra mulher tão corajosa quanto ela será difícil de encontrar. Nunca mais vi nem ouvir falar de alguém com tamanha disposição para enfrentar situações das mais adversas. Sempre ia gente à casa dela procurá-la para dar uma mão em alguma dificuldade. Enquanto isso, o marido, que não me recordo direito o nome nem vou me esforçar para lembrar porque seria em vão, o marido sempre ressabiado, olhava de canto de olho, vendo-a aceitar os pedidos. Nunca ele quis repreendê-la pelo incondicional altruísmo. Pelo contrário, às vezes, quando ele mesmo não conseguia resolver alguma pendenga, não hesitava em recorrer a ela. De infestação de cobra a incômodo de assombração pela casa ou quintal, ela encarava tudo. Tinha vez de vir gente de muito longe em busca de socorro. Ela nunca negou nada a quem quer que fosse. Seja pobre ou rico, preto ou branco, feio ou bonito, dona Doca não media esforços para resolver as fadigas alheias. Não tinha tempo ruim para ela.

— Não nasci para ficar parada.

Como eu não saía de sua casa, porque mãe me deixava lá para acompanhar o pai em suas andanças, ainda me lembro dos homens e mulheres a cavalo chegando apressados, fustigados, muitos a ponto de lágrimas. Sem carecer ouvir por inteiro os relatos, dona Doca passava a mão numa capanga, sempre pendurada atrás da porta da sala, ajeitava o lenço sobre a cabecinha branca, centralizando e reapertando o nó no meio da nuca, e rumava com as pessoas para onde aparecera o problema. Sempre contornava as procelas e devolvia, pelos seus meios, a quietude às pessoas.

Muitas passagens, minhas lembranças não alcançam mais. Todavia, até onde vão, me causam uma saudade tão grande de dona Doca. Além da incrível capacidade de lidar com situações estranhas, ela também conseguia acudir os desacordos da rotina. Quem a visse pelos terreiros, tão miudinha, meio corcunda, não calculava a força que tinha. Por exemplo, sozinha ela era capaz de matar um cachação dos mais

erados, despelava, abria, picava, fritava e, por fim, guardava na lata. Tudo numa ligeireza de causar espanto. Se o marido ou qualquer um dos filhos oferecessem ajuda, era motivo de briga. A velhinha valente tomava frente e fazia tudo sozinha. Se nada extraordinário surgisse para fazer, sem avisar passava a mão na foice e ia roçar pasto, rachar lenha ou capinar. Algum bicho resolvesse atazanar as criações do terreiro, principalmente as galinhas, não levava tempo para ela dar um basta. Ou na reza ou na unha, dali a pouco não havia mais nenhuma tentação de bicho perto da casa. Uma mulher, cuja valentia e vigor se destacavam.

Andava descalça. Não tenho nenhuma lembrança de vê-la calçada. Os pezi-nhos cascudos, rachados, eram certamente mais resistentes que qualquer solado de botina. Sem reclames de algum espinho ou farpa fincada no pé. As canelinhas finas, ressecadas, cortavam as sarobas e os brejos com desenvoltura, como se flutuasse. Quem quisesse acompanhá-la no meio do meio da macega, corria o risco de ficar para trás, perder-se. Um dia, fui com ela cortar guatambu no mato e acabei ficando por horas embaraçado nos cipós e arranha-gatos, até que ela, apiedando-se, voltou para me acudir.

— Vem, fio, vem! Dá aqui a mão pra veinha!

Quando buscava lenha, o feixe era maior que ela. Atracava no amarrado e jogava na cabeça. O pescocinho delgado, mas rijo e fibrado, nem tremia com o peso da lenha. Sem usar as mãos no trajeto, fazia uma, duas, cinco viagens, trazendo sobre a cabeça os cabulosos feixões, desdizendo qualquer lei da física. Uma vez um parente distante, em visita, vendo-a fazer tal trabalho, correu aflito para dar-lhe uma mão.

— Não incomode não, sô!

Inabalável dona Doca. Segura. Como se nada nunca pudesse fazê-la estremeecer. Mulher de grande e admirável força e empenho, a mais corajosa e vigorosa da região, quicá do Brasil e, sem exagero algum, do mundo. Vivendo em época em que mulher não podia dar opinião em nada, ela não apenas dizia, como também, e acima de tudo, fazia. Pegava no chifre do boi e fazia o bicho urrar. Ela sim deveria ser espelho e muito mais lembrada pela história, tanto a dos livros quanto a do povo — deveria —, não fosse uma terrível aflição ocorrida no finalzinho de uma manhã de julho, enquanto cortava arroz.

Beirando a hora do almoço, um barulho esquisito no céu. O dia estava limpo, azulinho de doer as vistas. O som se aproximava. Dona Doca, com isso, parara com o cutelo, olhando para céu espantada. Esbugalhou os olhos e grande aflição tomou conta de si. Eu, recolhendo os pés de arroz cortados, também parei. Foi quando um trambolho de asas, dos mais esquisitos, surgiu sobre o topo da serra. Fiquei com medo, confesso, mas dona Doca muito mais. O primeiro medo sentido por ela. O primeiro. E o derradeiro.

— Por Deus e Nossa Senhora, gente! O que é aquilo acolá? Parece um mosquito! — foi o que conseguiu dizer, amarelinha que nem açafão.

Quando o trambolho, aproximando-se, passou sobre nossas cabeças, dona Doca deu de correr. Mas, não sei como, tadinha, antes de chegar na cerca que dividia a roça do piquete, tropicou nas próprias pernas e tombou sobre o cutelo que trazia nas mãos. Morreu em meus braços, olhando ainda assustada para o céu agora nova-

mente calmo e limpo.

Não saberia dizer se é mais de lamentar ou de alguma maneira confortar que ela tenha partido desta para melhor sem saber o nome da única coisa que teve medo na vida: avião.

DORMINDO COM O INIMIGO

Lucêmio Lopes

Quando Marina acordou pela manhã, tomou um susto enorme, pois cada um dos objetos ao seu redor se mostrava mais estranho que o outro; nem mesmo a cama onde se encontrava deitada lhe parecia familiar. Com os olhos arregalados começou a explorar aquele mundo esquisito do qual passou a fazer parte de repente, como num passe de mágica. Havia um criado-mudo estilo colonial perto da cabeceira da cama, algumas roupas espalhadas pelo chão, além de um velho abajur em forma de estátua, que conferia ao ambiente um tom de misteriosa penumbra. Como teria ido parar ali, meu Deus? Outra sensação esquisita era não lembrar de nada referente aos dias anteriores.

Para sua grande surpresa, ao movimentar as pernas sob o cobertor descobriu que não estava sozinha na cama. Que medo terrível! Respirou fundo, procurando coragem para enfrentar o que estaria por vir, e à medida que se virava para enxergar quem dormia junto dela, seu coração entrava no frenético ritmo do pavor. Mesmo assim conseguiu observar que a pessoa a seu lado era um homem alto, branco, com cabelos no tórax e nariz comprido. “Sinto calafrios só de imaginar esse ‘urso polar’ passando a noite na mesma cama que eu”, disse ela baixinho, para ninguém escutar. Não fazia a menor ideia do que estava acontecendo, sequer lembrava-se do próprio nome. Então resolveu permanecer quieta, abrindo apenas uma pequena fresta nas pálpebras para dar a impressão de que continuava dormindo, achando que assim não iriam incomodá-la. Enquanto isso, pensaria numa maneira segura de sair dali.

Não demora muito, e o coração dela volta a disparar quando o homem peludo se levanta e anda ao redor da cama, sem que Marina consiga descobrir suas verdadeiras intenções. Enquanto reza para que a deixe em paz, o “urso polar” se aproxima dela e observa atentamente, como se tentasse descobrir alguma coisa... Marina sua frio, com medo do que possa lhe acontecer naquele momento. E para seu alívio, ele abre a porta e sai sem dizer nada.

Se pudesse, iria até o espelho a fim de ver a própria face; tiraria o lençol para saber que aparência tem o seu corpo, descobrindo de uma vez por todas quem ela realmente é. No entanto, por estar com medo de ser flagrada, prefere continuar “dormindo” e tentando encaixar as peças daquele quebra-cabeça tão complicado.

Depois de muito esforço consegue se lembrar dos pais, do irmão adolescente, do cachorro, do gato siamês... Naquele breve instante viu a casa de muro baixo cercada de flores, o quarto onde dormia; chegou a sentir o sabor inesquecível do pão de queijo que sua mãe preparava com todo o amor do mundo. O mesmo amor presente na cama forrada, onde deveria estar agora. Queria voltar para o seu lugar, rever a fa-

mília, que a essa altura já deveria estar preocupada com ela; precisava avisar os entes queridos para que fossem buscá-la, antes que pudessem lhe fazer mal.

Agora Marina começa a lembrar de coisas a respeito de si mesma: tinha apenas vinte anos, muita saúde, beleza, inteligência, e o desejo de dar à luz dois filhos. Iria se casar em breve com o noivo Maurício, um amor antigo lá dos tempos de infância. Várias outras lembranças chegaram à sua mente, numa sequência infinita de flashes que se extinguiu de repente, deixando-a confusa de novo, sem pensar em nada. Já não se incomodava com o fato de não saber quem era aquele homem que vira na cama, ou mesmo quem ela própria era.

Enquanto se perde em pensamentos vagos, o lençol escorrega, deixando à mostra uma parte da sua perna. A pele parecia danificada, como se tivesse sofrido uma queimadura ou algo semelhante; não dava para ter certeza disso, pois não conseguia enxergar com nitidez as imagens, por mais que apertasse os olhos. Isso lhe trouxe uma vontade imensa de examinar o corpo inteiro: será que havia algo de errado com ele? Talvez tivesse sofrido um acidente; talvez alguém a tivesse molestado de maneira sádica ou queimado sua perna por simples perversidade... Sua grande preocupação naquele instante era saber se estava realmente machucada.

Justamente quando tentou descobrir o corpo, dois jovens entram no quarto e começam a falar perto dela. Eles mantinham o semblante cada vez mais grave, à medida que conversam entre si. “Esses dois homens, mais aquele que estava na cama comigo, devem fazer parte da mesma gang que me sequestrou”, pensava ela. A maneira dissimulada como conversavam a fez concluir que planejavam alguma coisa muito séria contra ela. A princípio, Marina tentou descobrir o que diziam, depois se perdeu em devaneios inimagináveis. Sem mais nem menos voltou à estaca zero, sem lembrar nem do próprio nome. Já no minuto seguinte, pensava na casa onde morava, no noivo amado, nos pais (que deveriam estar sentindo sua falta). Queria muito estar na sua cama, poder receber um abraço de boa noite, e adormecer envolvida num cobertor com cheirinho de mãe...

Alternando momentos de pouca e nenhuma lucidez, abriu os olhos de uma vez, sem se importar mais com nada que pudesse lhe acontecer. Nem mesmo chegou a ter medo quando viu aquelas pessoas cercarem a cama. Marina não entendia uma palavra do que diziam. Talvez falassem em Alemão, Russo, Chinês... Àquela altura, isso não tinha muita importância. Nada mais tinha importância para ela.

Sentindo a angústia contida nos olhos da pobre mulher, um dos rapazes se aproxima, toma sua mão, e fala com lágrima nos olhos:

— Anderson, papai falou que ela está assim há horas. Vê se encontra o telefone do geriatra, porque a coisa está muito séria. Acho que “Alzheimer” pegou a mamãe de vez.

Um homem de terno olha o relógio, no lado externo de uma sorveteria. Outro, de roupa de academia, passa ao lado. Para, franze a testa e se vira para o primeiro.

— Caralho, Marcão! Quanto tempo, bicho. Todo na beca! Nem parece aquele loucão que pegava as menininhas nas festas.

O homem de terno olha para trás e, depois, de volta para o interlocutor.

— Você está falando comigo?

— Porra, Marcão! Claro. Lembra não? A gente apostava quem se dava melhor, mas tu sempre se superava. Cara, tu pegou até a dona do puteiro. Tu é foda mermo!

— Eu?!

— É, Marcão. Agora vem dar uma de santinho? Pra cima de mim, pô?! Deixa disso.

— Tem certeza que não está me confundindo? — pergunta, enquanto o outro mexe no celular.

— Ei, vamo tirar uma *selfie*? Não posso perder essa oportunidade de impressionar a galera daquela época. Marcão, Marcão, o terror das xoxotas. É, bagaceira! — fala, dando um soco de leve no braço do outro. — A gente tem um grupo, sabia? Por que você não tá? Tá todo mundo lá, pô: o Pedrão, o Serjão, o Paulão — diz, contando nos dedos. Depois, fica ao lado do interlocutor e tira foto, mostrando os músculos para a câmera. — Mas o quê que aconteceu mermo, Marcão! Tu tá muito certinho, pô. Virou pastor, foi?

— De modo algum, meu caro — responde, enquanto um terceiro chega e lhe dá um selinho.

O outro se afasta do casal.

— Oi, amor. Desculpa o atraso — fala e olha para o homem de regata. — Quem é? De longe, pareceu ser um amigo de longa data.

O homem de terno faz menção de responder, mas é interrompido pelo outro.

— Não, não. Eu só ia pedir uma informação: se eu pegar essa rua e ir direto, eu vou dar onde mermo?

Nenhum realismo preparar o ser consciente para a velhice. A ideia estranha de envelhecer é absolutamente assustadora. Jovens são levianos, não há tempo para ser leviano. A própria juventude é rebuscada, não há tempo para ser rebuscado, afinal, não há mais tempo. Tornar-se idoso requer estomago, não astúcia. Por muito tempo acreditei no bobo da corte de Lear que caçoa da ignorância de seu soberano dizendo “Pobre Rei Lear, que ficou velho antes de ficar sábio”. Um velho sábio é uma redundância dispensável. Um velho consciente é uma raridade preciosa.

Acreditei também, por tempo demais, na natureza humana. Ela não é encantadora, ingênuo quem assim pensa. Nem está acima de conceitos supérfluos de bondade ou maldade. Em verdade digo, não está em lugar algum, pois apenas não existe. Como há de existir tal coisa? Como é possível uma tábula rasa, quando nem tábula muito menos rasa fazem jus à complexidade do ser humano. Não somos apenas um amontoado de memórias ou espaço livre para conhecimento, não somos afinal, coisa alguma.

O espírito humano (e sua ausência) engana os vigias carentes a ver algo.

A vida no mar me ensinou muitas coisas. E a vida em terra desmentiu todas. Você procura tanto tempo algo para se apoiar, tateando o chão escuro na esperança de qualquer resquício de sentido e encontra apenas fragmentos desesperados da própria esperança e acredita ser aquilo a resposta. Mas é uma ilusão. È o reflexo do íntimo desejo de não ser um erro. Não ser um joguete do destino, um acaso biológico. Encontrar uma resposta é provar-se errado.

Não há indício sequer, por minúsculo que seja, a unificar a lógica díspar das pessoas em toda terra. A exceção à regra atesta a veracidade da afirmativa. Pois, buscando ser diferente, somos, em certa medida, todos iguais. Não, não há programação, sentido, objetivo, espírito ou natureza no ser humano. Quão custoso é aceitar essa premissa? Existem impulsos e motivações próprio das pessoas, e só.

Mas qual o valor dessa constatação agora, no crepúsculo de meus dias? Será essa uma questão recorrente ao findar de todo indivíduo? Será comum essa preocupação a irmandade subjetiva ante a inevitável aproximação do fim? Como é antinatural o medo da morte! E como é estranho ter de encarar o fim absoluto de uma vida, da própria vida. Como seria cômodo esquecer tudo. Mas para mim isso é impossível, perei em perspectiva minha história para que entendas, e talvez, ao final veja com meus olhos como calam as preocupações sobre finitude e espírito humano.

Posso adiantar sem medo, nenhum fato excepcional ocorreu para me tornar especial nesses anos todos. E não por isso uma existência deve ser ignorada. Salve

uma ovelha e estará salvando todo o rebanho já disseram. Há sim, entretanto, algo de valia nas linhas vindouras. Sou lúcido o bastante para dizer: muito além de fatos concretos, minha percepção e consciência devem ser respeitadas. Não há tempo para frivolidades, principalmente as do ego, se você acredita que essa ainda é uma necessidade minha, aconselho parar a leitura agora. Se não percebes o valor de uma mente afiada no enfrentamento cotidiano, estas palavras parecerão vãs. Se os questionamentos iniciais não lhe causaram o mínimo de estranheza, desejo ou curiosidade, aqui não é seu lugar. Mas, se como mariposa atraída pelo fogo continua comigo, prepara-te. O fogo traz luz, calor, mas projeta sobras grotescas agigantando o medo, protege de lobos, mas denuncia a posição do acampamento. O fogo, como tantas outras coisas simples são dúbias, e, felizmente, apenas simples.

A infância não é um período raro. E variavelmente dura mais que 12 ou 15 anos. Uma das características em ser criança é abusar de um estado livre de responsabilidade, não percebendo o quão libertador isso fatalmente é. Estranhamente essa cegueira parcial tende a se alongar em alguns casos. Viver um estado constante de embriaguez, imerso em fuga, revela uma infantilidade no espírito. Existir anestesiado fugindo das consequências, ou ignorando-as a qualquer preço, é sinal pequenez. A pessoa que não tem capacidade de enfrentar a realidade, seja qual e como for, não pode assumir a real responsabilidade pelos seus atos, volta a ser criança. E isso tão comum quanto parece.

Outro aspecto próprio do tempo infantil é uma esperança engasgada. Não raro é visível em olhos tenros uma incomum potencialidade ansiosa por ser posta a prova, talhada e apoiada. Olhar o jardim fresco do destino e, com um pequeno apoio, a absurda extensão do labirinto porvir é uma sensação sem igual. Sua falta abre um rombo irrecuperável na alma. O êxtase do principio, da infinidade de possibilidades é arrebatador, quase divino. Mas como todo divino é impossível. Pois só pode ser concretizado quando nada de infantil resta, e ao fim, torna-se uma amarga desilusão.

Minha infância foi fugaz. Curta em vários aspectos. Difícil por assim dizer. Talhada de responsabilidade. Tive tempo, porém, para ser ingênuo e inconsequente. E naturalmente esse tempo causa saudade. Da infância restam, além da saudade, sensações mistas, como um desejo por uma primavera perdida e o aroma do vento cravejado de verde.

Inventei uma memória aprazível para suspirar quando a saudade desse tempo é muita: trepava, com pés e torço nu, numa árvore espalhafatosa e impossivelmente redonda. Enquanto meus irmãos corriam no solo, sem poder alcançar o primeiro galho para tomar o impulso necessário seguindo a escalada, chegava eu perto do topo e encontrava um desafiador emaranhado pela frente. Nesse lugar altivo, quase não era possível ouvir os risos gritados lá de baixo, e eu ficava ponderando os perigos de subir de uma vez e alcançar o fim da jornada. Desenhei claramente na imaginação a cena do além copa, mas o medo de cair ou não ouvir a voz de meus irmãos me impedia de subir o ultimo degrau. Ficava a beira do limite das folhas, na abobada natural, construindo um horizonte cada vez mais longínquo na imaginação e então descia meio satisfeito. Feliz por manter a segurança e vigília, confiante que no próximo dia estaria sozinho, portanto, desimpedido para alcançar finalmente o topo.

Esta história imprecisa foi construída há não sei quanto tempo. E persiste agarrada bem no fundo de minha alma. Cada visita às copas, a urgência da turba terrestre ganha mais importância, e menor é o horizonte imaginário construído para além da abobada. Jamais visitei aquele lugar sozinho, não pude concretizar meu intuito de pelo menos tentar olhar sobre as folhas. Cada nova vez, uma nova renúncia silenciosa, uma nova tristeza profunda e uma nova decepção gritante.

Sentado sobre a escadaria do promontório que circunda a cidade, palavras alheias, distantes, correm em minha mente. Palavras de um tempo que já se foi, de um alguém que já se tornou passado. Um cadáver recente, mas uma existência já partida. A garota que se denominava como cronista.

Se eu precisar morrer um dia, que seja em sonhos. Antes o alento de uma ilusão do que a depressão da realidade.

A silhueta escura das montanhas preenchendo o horizonte. Acobertando a cidade em um véu levemente escuro e turvo, coberto por pequenos pontos luminosos. A cidade de seus sonhos. A cidade de meus sonhos.

A realidade descendo sobre minha consciência, da mesma maneira que uma sombra tragando o solo com o decorrer do dia. Enquanto estou acordada, não consigo afastar a consciência desse avanço. Silencioso e impassível, ressoando languidamente pelo vazio.

As cores mais próximas ainda despontam em meio à escuridão, mas as mais distantes se perdem em meio a tons de azul escuro. O mundo refletindo o céu que o acoberta. Um mundo que em vida a garota vislumbrava e admirava, até que o grande silêncio se apossou de sua vida.

Mas quando estou dormindo, não sinto nada disso. Mesmo que não venha a sonhar, mesmo que passe a noite apenas com a imensidão escura de minha mente, consigo encontrar grande alento. Quando há sonhos, encontro paisagens e pessoas que anseio há muito tempo conhecer. Não necessariamente reais, mas desejadas. Pessoas que não se situam no passado, nem no presente, nem no futuro. Apenas são.

Sentado sobre o último degrau da escadaria, a árvore primordial atrás de mim desenhando sobre minhas costas e sobre os degraus uma cópia negra e alheia de sua presença. Seu farfalhar preenchendo pontos vazios em minha consciência, o odor acre exalado por suas folhas preenchendo o ar inerte. A árvore que esteve aqui desde o começo, dizia ela, que sua própria mãe havia plantado.

Em sonhos, eu posso viver. Vejo grandes pastos, passo noites em casas alheias, ando por ruas escuras e silenciosas, mas não sinto temor. Em minha casa, mesmo com minha família por perto, não consigo passar mais de alguns minutos sem tremer. É um problema nervoso, diz minha mãe, seu sorriso preocupado mascarando seu asco. Durma que passa, ela diz. Ela disse isso é. Quando era pequena, costumava dizer isso a mim. Hoje, já não diz mais nada. Tampouco dirá no futuro, quem sabe.

A visão da cidade é superficialmente arrebatadora para alguns, mas não vejo nada demais. Não há nada de realmente significativo em suas formas, em suas silhuetas. É única apenas por sua geografia, mas sua essência é a mesma de inúmeras

outras. Para que realmente se torne arrebatadora, é necessário incumbir-lhe algo.

Durmo e durmo e durmo. Não por cansaço, pois esse já foi afastado pelo contínuo temor. Durmo por que é necessário dormir. Da mesma maneira que comer e beber, intrínseco a minha existência. Muito mais intrínseco do que antes, do que muitos. Passo muito tempo com os olhos abertos, tempo demais. A realidade turva a visão, cansa a íris, faz sangrar sobre a córnea.

A garota, quando ainda vivia em meio à realidade, costumava dizer que a cidade tomava várias formas diferentes com o decorrer do dia. Enquadrando com os olhos, borrando alguns elementos, evidenciando outros, mesclando cores, apertando as pálpebras. Controlando o fluxo da imagem física para poder alimentar a construção da imagem que futuramente iria se tornar memória. Assim, uma mesma imagem se permutava por anos, em várias variações, sempre nova, fresca em nossas mentes.

Uma pontada oca sobre o fundo de minha mente, uma sensação vazia e muda, indolor. Uma tênue nostalgia por tempos passados, tempos em que poderia encontrar sonhos repousando em meio ao véu da realidade. Correlacionando os dois extremos, procurando balanço para estabilizar o fluxo de pensamentos. Mas agora não posso mais fazer isso. Tenho que escolher em qual extremo vou viver.

Uma velha câmera pendendo de uma alça em meu ombro, a tira laranjada despontando sobre o uniforme escolar branco, um branco esparso e sem adornos. Batendo sobre meu quadril de maneira compassada, como se quisesse chamar minha atenção. Uma velha MITSUCA, filme 35 mm, com o vidro do flash amarelado por poeira impregnada. Herdada de minha falecida irmã. Não existe mais seu filme, nem sequer funciona sua bateria. Não passa de um símbolo forçoso, algo que carrego para fingir que tem significado. Algo do qual fortemente desejo ser significativo.

Não há necessidade de justificativa alguma em sonhos. Não precisa haver lógica ou progressão. Nada destoa, nada é ilógico, nada é estranho. Apenas o é. A essência nua e intangível, decorrendo sobre seus olhos. Alheio ao conhecimento humano, mas ainda assim familiar. Isso sem esforço nenhum. Você entende o que eu quero dizer, não entende? Acredito que entenda. Tenho quase certeza que entenda.

Pois não existe alento no presente senão aquele proveniente de ilusões, era o que costumava dizer. Da mesma maneira que o horizonte escurece com o decorrer do dia, assim é a mente. Não há nada senão silhuetas. Sei que conversei com alguém, sei que andei por algum lugar, sei que fiz isso, que fiz aquilo. Mas não passa disso. Os detalhes se tornam apenas preenchimento escuro. Peso morto sobre uma mente inerte. Um desconforto eterno.

Dia após dia, em busca de meu objetivo, encontrei uma solução. Não vou dizer, pois não quero que venha a me julgar. Confio em você, tenha certeza disso. Mas sei que irá julgar, pois isso é algo inerente de toda a existência. Mesmo que não expresse, sei que irá julgar. Se disser, esse julgamento vai existir, queira você ou não. Enquanto você é ignorante, consigo ficar em paz sabendo que não me julga. Parece contraditória, de certa maneira. Até mesmo estúpido, quem sabe.

A carta da falecida, exalando a vida que ainda a pouco se extinguiu. A letra miúda e uniforme, em esferográfica azul, sem muitos adornos, mas bela em sua minimalista funcionalidade. O conteúdo desconcertante mascarando seu caos com

construções simples. Como sempre, um esforço para acobertar seus medos. Algo do qual cultivou pela vida, algo do qual expressou mesmo após sua morte.

'O mundo começa aqui, disse o peregrino ao olhar o deserto atrás de si.' Sabe, não consigo tirar essa passagem de minha cabeça. Um livro do qual li a muitos anos, do qual já não me recordo mais o nome. Ainda assim, essa passagem está como se gravada em mim, decorada inconscientemente. Apenas brota, sem nenhum tipo de estopim. Não tem significado algum fora de seu contexto, mas ainda assim... Ah, sei lá. Gosto de seu som. Nem tudo precisa ter um significado, no fim das contas.

Ela já faleceu há muito tempo. No entanto, em memórias, ela vive em mim.

Acho que já sei qual vai ser a última linha dessa carta. Pode parecer irônica para alguns, mas eu não escrevo apenas por mim mesma, você sabe. Eu também escrevo por você.

O último minuto da tarde, agora já é noite. Tudo é escuro, tudo é alheio e impessoal. Pouse meus olhos na última linha sobre a folha pautada

O mundo começa aqui.

O mundo vive aqui, eu digo para mim mesmo, as palavras se desvanecendo no ar. Em segundos, deixam o presente e se tornam um passado. Logo, se tornaram então memórias.

Das histórias que o avô contava ao lado da fogueira, apenas uma tornou-se inesquecível. Não entendia porque a mente lhe roubava o conforto das lembranças de tantos e tantos outros causos. Talvez porque seus ouvidos infantis se atinaram apenas às primeiras camadas do que era dito e não conseguiram captar a essência de tudo. E ele, o menino (hoje também um avô), só conseguia guardar coisas cuja essência era absorvida.

A história inesquecível do avô tinha cheiro de caderno com cola molhada e caixa miúda de lápis de cor. E aroma de fubá suado com açúcar, goiabas podres, napa da mochila e capim molhado pelo sereno da noite. Quando tocado pelos sapatos de cadarços atados às canelas mais finas que galha de assa-peixe, o capim molhado exalava um perfume que o avô relembra com olhos lambrecados de saudades. E o menino parecia sentir o cheiro reportado pelo velho.

Então, nunca se esqueceu do dia em que o avô contou sobre sua volta para casa, após uma manhã fria e de aula suspensa. Dona Mazinha, a professorinha de coques de trança, prostrou-se enferma, febril, e não apareceu na escola. Os alunos voltaram para casa com alegria da folga matinal, alheios à doença da professora.

O avô disse que fez seu caminho sozinho, parando pelas paisagens. O fubá suado para a merenda, envolto em um pequeno corte de pano, foi dividido com os peixes de um laguinho cercado por arbustos sedentos. Por toda manhã, o avô, ainda menino de sete ou alguns outros anos antes dos dez, permaneceu em silêncio. Observou o som das coisas, dos pequenos insetos. O barulhinho quase inaudível dos peixes catando o fubá suado que caía sobre a água e explodia feito uma chuva de estrelas.

O avô-menino se perdeu no tempo e no espaço. Varou a manhã, adentrou a tarde e foi levado para o sono mais honesto de toda sua vida: debaixo de uma goiabeira, sobre os restos de frutas podres e bicadas por passarinhos, fazendo da mochila de napa grossa seu travesseiro.

Acordou assustado, com a noite caindo. Correu para casa. Da porteira, avistou a mãe com a chinela em punho. Levou a maior surra de sua história, aquela sova de entortar esqueletos. Seguiu calado, reverberando o clímax que atingiu durante todo o dia. Deixou que o silêncio ganhasse força. Pouca dor sentiu na hora da surra e não tirou da lembrança a via láctea do farelo de fubá sobre o espelho d'água, o cheiro da goiabeira ou o som da borbulha dos peixes.

Dormiu com ardências no corpo, sem se lembrar de rezar pela saúde da professora. Dormiu em silêncio, naquela paz que conquistou por conta própria. Uma paz encontrada dentro de si e em contato com todas as coisas que seus olhos julgaram

ser as mais belas do mundo. Hoje, estaria feliz sabendo que sua doce e singela lembrança foi, de alguma forma, perpetuada.

LÁGRIMAS DE UM AMOR PERDIDO

Thiago H. Roza

Otávio chegou em casa após o trabalho. Era sábado. Mas sábado ele não trabalhava, ou será que trabalhava?

Após deixar a mochila ao pé do sofá, ligou a televisão, era dia de jogo de futebol. Seu time jogava contra um adversário de fora. Era um jogo decisivo. Meu time está jogando este campeonato? Pensou para si mesmo, em silêncio.

Será que está quente? Otávio também assim pensou, apesar de não saber como responder tão óbvia pergunta. Além disso, também não lembrava como estava vestido.

Ao voltar para a sala, percebeu que ao invés de um jogo de futebol, o que estava passando era um show. Não conseguia lembrar qual era a banda, ou a música que estava tocando.

Sem saber como, chegou à cozinha. Após alguns segundos, ou será minutos? percebeu que estava preparando o jantar. Entretanto, não conseguia ter certeza de qual era o prato que ele mesmo estava cozinhando.

Em seguida, percebeu que tinha um cachorro, Abelardo, seu cão de estimação, que estava pulando em sua perna. Mas, ao olhar para seu cão Abelardo, não conseguiu saber se o cachorro estava alegre ou assustado. Também não sabia dizer se o cão ouvia o que ele estava dizendo. Nesse instante, Otávio não sabia dizer se tinha dito algo ao cachorro, ou se tinha apenas pensado consigo mesmo.

Tudo estava muito confuso.

Tão confuso.

Em alguns segundos, ou será minutos? Otávio ouviu uma voz familiar. Logo reconheceu. Era Cláudia. Ela estava linda. A voz era doce, meiga. Tão perfeita. A alegria ao vê-la era tanta, não conseguia controlar. Coração acelerado, respiração entrecortada, mãos trêmulas. Otávio não podia conter seus sentimentos. Incontrolável. Suas lágrimas escorriam. Rosto abaixo, iam até a camisa? Não sabia. Sua camisa não estava molhada. Também não conseguia saber qual era a cor da camisa. Nem qual era a roupa que Cláudia vestia.

Logo, conversaram, ele e Cláudia. Enquanto falava, já não lembrava o que ela lhe tinha perguntado. Era uma pergunta, ou afirmação? Assim também não sabia.

O jantar! Achou que tinha algo a queimar; mas, ao olhar para o fogão, nada estava sendo preparado.

Ao ouvir a voz de Cláudia, voltou a chorar. Queira estar com ela, abraçá-la, passar o tempo que fosse possível, quem sabe eterno, junto dela. Não queria soltá-la, tinha medo de perdê-la.

Abelardo latiu, era um latido diferente. Algo desesperado, ou desesperador? Começou a ficar preocupado. Otávio tinha pressentimentos, não eram bons. Parece que já tinha vivido nisso tudo.

Novamente queria pensar em Cláudia. Mas, o latido breve o preocupara. Queria vê-la com urgência. Queria desesperadamente dizer a ela que a amava, mais que tudo que conseguia lembrar. E naquele instante ele quase nada lembrava, ou imaginava saber. Mas, isso não conseguia esconder. Cláudia era, naquele momento, tudo que importava.

Quanto mais pensava nela, mais era cercado por uma sensação de estranheza. Ela estava ao seu lado, mas parecia que estava muito distante.

Ao procurá-la na cozinha, percebeu que ambos estavam na sala. Cláudia, diferente do meigo sorriso, estava assustada. O coração de Otávio acelerava, mais ainda, estava em pânico.

Ouviu um som aterrorizador. Era um clique específico. Uma ameaça que já tinha ouvido antes. Mas onde?

Um homem encapuzado, ou careca? Não sabia. Mas, sabia que o homem estava entre ele, e Cláudia. Na verdade, tinha Cláudia em suas mãos. Tinha a vida de Cláudia nas mãos. O homem, estranho, murmurava coisas. Quase gritava.

Um problema, Otávio nada entendia. Quase que desmaiava. Suas lágrimas corriam, vorazes, rio caudaloso. Camisa toda molhada, sentia o coração arder, a cabeça explodir. Gritava. Me levem, não a ela. Não a matem. Me matem. Se a matarem, me levem primeiro. Se a tirarem de mim, não me deixem aqui. Por favor. Deus, me ajude!

Tudo muito confuso.

Tão confuso.

Otávio não sabia se fora ouvido. Também nada ouvia. Tudo ficou surdo, e mudo. A atmosfera, pesada. A vida, sem sentido.

Cláudia, Otávio sabia. Morria.

Olhava fixo, o homem, careca, ou será encapuzado? Estava com as mãos em Cláudia. Sujas, suas mãos.

Era inexorável. Otávio sabia. Ela, morria.

E morreu.

Otávio não soube quando. Ao olhar novamente, a encontrou esparramada. Corpo morto, no chão frio. O homem, desaparecido. Havia matado outro. Abelardo, seu cão.

Solitário, Otávio morria. Na verdade, queria morrer. Sabia que ali ainda viveria.

Passou uma eternidade.

Tudo tão confuso. A substância da realidade perdia o sentido.

(...)

Otávio acordou.

Estava aliviado. Era apenas um sonho.

Longos segundos correram, um desespero conhecido invadiu seu coração.

Trágica a infelicidade do homem, jamais conseguirá fugir de si mesmo, muito

menos de seu passado. O passado de Otávio, ainda mais, o perseguia todas as noites. Sua esposa morreria em uma tarde de muitas nuvens. O assaltante se precipitou, acabou atirando três vezes, todas elas no abdome. Um tiro perfurou o fígado, os outros dois os intestinos. Na pressa, o adolescente de uns 19 anos nem roubou o que se propusera a fazer, deixou a televisão e os outros aparelhos eletrônicos intactos. Apenas levou a vida da única mulher que Otávio amara em sua vida. Mas, no caminho, também matou seu cachorro.

História de trauma psíquico, cognições e afetos negativos relacionados ao trauma, sintomas intrusivos, comportamentos evitativos, hipervigilância, pesadelos. Seu psiquiatra fez o diagnóstico na primeira consulta, e logo esclareceu que os pesadelos eram parte integrante da sintomatologia e critérios diagnósticos de transtorno do estresse pós-traumático. Seu psiquiatra tinha muita empatia, e era um ouvinte atento, quase chorou junto com Otávio. O psiquiatra era recém-casado, se imaginou, por breves segundos, na figura daquele homem que era um paciente.

Mas a dor de Otávio era longa demais, impossível de mensurar. Seu passado, ao invés de boas lembranças, dos beijos apaixonados na chuva, das cartas de amor, do sorriso encantador de Cláudia, das caminhadas de mãos dadas ao entardecer, dos filmes que assistiram abraçados, dos jantares a luz de vela, das músicas que ouviam, da eternidade de seu olhar demorado, dos planos que faziam abraçados. Nada disso se lembrava. Lembrava apenas da morte dela. Seus sonhos eram diários, queria visitar Cláudia em cada um deles. Apenas, contudo, conseguia revisitar a tragédia de sua vida, que tirara tudo que tinha.

Lágrimas de um amor perdido corriam durante as madrugadas. Ele passava os restos de cada noite acordado. Chorava muito. Todas as madrugadas.

Deus, será que isso um dia vai passar?

LEMBRANÇAS DE UM CÔMODO EMPOEIRADO

Vick Muniz

Novamente sentada na poltrona antiga no meio da sala antiquada e empoeirada, me pergunto como tudo isso aconteceu. A mulher que me criou encontra-se debilitada após um acidente vascular cerebral. As coisas não tem sido mais as mesmas. A mulher que me criou, repentinamente, não consegue se lembrar de mim. Nossos momentos, nossas risadas e choros parecem agora ter sido apenas alucinações. Enquanto seguro sua mão tento segurar o choro, mas fora uma tentativa falha. Gostaria apenas que minhas lágrimas se transformasse nas águas do rio Mnemósine para poder te dar as memórias de volta. Eu não entendo porque Mnemosine, sua única companheira cedeu lugar a sua irmã, Lesmosyne. No trajeto de volta pra casa recebe uma ligação, e então o meu mundo cai e meu coração se despedaça. Ela morreu. Tâtanos veio de encontro a ela. E de repente, como seu voltasse no tempo, eu consigo rever todos os nossos momentos juntas. Lembro-me do dia que estava com medo dos trovões e ela me abraçou aconchegando-me em seu peito, lembro também de sua presença em todas as minhas apresentações musicais e de brincar comigo na chuva. Este dejavu é como um apoio para meu coração. Por favor, Mneme, por favor, jamais me abandone.

Vestiu-se de cinza para não ser percebida. De passo leve, chegou cedo ao compromisso. Chuva forte. Trovões. Aula das 17h cancelada por causa da tempestade. Estática didática apenas às 19h. Tormenta mental.

Ela e seu bloquinho: companheiros inseparáveis. Com ele, o pensar e o escrever. Jamais estaria só. Quisera mais tempo na vida ter para a vida — com mais vida — preencher. Escrita em ação. Olhou para o relógio: quase 18h.

O tempo voa... Pessoas se assentam lado a lado. Não falam. Gritam coisas sem começo, meio e fim. Como diria Machado de Assis, o tempo morto enterra o vivente. Porém, há o ser vivente e simples viventes.

Vivente é. Viventes existem em míseros corpos presentes e mentes ausentes. Um dos viventes, não se conhece o porquê, indaga-lhe sobre a escrita da palavra apreço. Só seria capaz de atingir grafemas e morfemas?

Que bom! O termo em questão enseja algum sentido. Tudo precisa ter e ser sentido. Desabafa rapidamente com a incógnita colega. Luz no fim do túnel. Outra pessoa passa ensimesmada. Milagrosamente, pergunta sobre os demais companheiros. Companheiros que não aprenderam a dividir o mesmo pão. Nunca aprenderão?!

Mais de 18h. Transeuntes loquazes em jogos utópicos de bocas que abrem e fecham. Gestos obscenos. Compreensível confusão entre o plural e o singular. Inexistência de singularidade. Diversidade quão menos.

Somente massificação, manipulação, circularidade, polifonia naquela faculdade de educação. Na verdade, mais estava para uma faculdade da falta de educação. Opressiva realidade despercebida. Docente passa batendo as mãos com gestos escandalosos.

Oprimido com comportamento de opressor? A profecia se cumpre: o escândalo é necessário, mas ai de quem é seu instrumento. Com imensa saudade da “Paradaria Espiritual”, ser incógnito, de traje cinza, quisera mais tempo na vida ter para a vida — com mais vida — preencher.

Primeira linha do tempo: o terror da existência.

Era noite. Dentro do casebre decrepito havia um velho. Dentro do velho havia medo. A lua morta refletia o fatídico dia de sua juventude plena — vivida trivialmente, fora perpetuada numa noite como aquela. Em sua memória estava maculado o trauma. Desde então, o homem refugiara-se num casebre decadente, escondendo o declínio de seu próprio ser — que ansiava por esvanecer.

Trinta anos no passado.

O sol a pino flamejava intensamente. Aquela cidade repleta de mata, estava tomada pelo calor do verão. O vento estava quente e seco, não havia mar por ali. A gente caminhava e seguia a rotina. Um homem entre tantos, que seguiam a vida, estava disperso no ambiente. Claramente seu corpo estava ali, mas sua mente estava longe. Devaneando a céu aberto, suave e ofegava enquanto retornava para casa.

O homem sentira-se estranho desde cedo. Estava à procura de um amigo, precisava desabafar. Já se passaram quatro noites e seu sono não retornara. Estava desperto há mais tempo do que poderia suportar, seus olhos insones fechavam e entreabriam-se compulsivamente. Aquele calor o atormentava, ele já não o suportava. Sua expressão exaurida fazia-o um estranho diante da multidão, sua mente já não pensava.

O despertar veio de um toque abrupto em seu ombro, aquele estímulo o fez despertar da inconsciência de seu cansaço. Olhou para trás, sem expectativa alguma, e viu um rosto cínico diante de si, era pálido como um cadáver e dissimulado como um demônio. A expressão velada na face do homem, seu sorriso desgarrado e olhos arrebitados fizeram com que, num salto, o homem gritasse. O espanto fora tamanho que o revigorou por um instante.

A face dissimulada, como de um palhaço cínico, que lhe causara tamanho susto, persistiu em encará-lo com a mão gélida sobre seu ombro e olhos perversos fixados nos seus. Sem dizer uma única palavra o homem soltou-o e partiu. Quando ele virou de costas para seguir seu rumo, o cínico — de súbito — sussurrou, como uma cobra a sibilar o bote: “*Memento mori*” e, dando uma gargalhada diabólica, partiu. O andarilho exaurido arreprou-se por inteiro — aquela era uma frase conhecida para si... era a frase que mais o inspirara e influenciara no processo de compreensão da vida.

Confuso e temeroso, seguiu rumo à uma rua torta — apenas queria sair dali. No trajeto por aquela longínqua rua, não percebera o fluxo do tempo. Seu coração

batia acelerado, suas mãos suavam, seus olhos insistiam em fechar-se, sua mente estava um turbilhão. Parecia que o mundo o encarava, o calor estarrecedor estava sufocando-o!

Não notara, mas de repente era noite — e ele ainda estava na rua torta e erguia-se no céu uma lua morta. Jamais soubera que havia rua tão longa em seu município. Haviam pessoas estranhas ali. Seus sentimentos de confusão, pelo choque primeiro, foram substituídos por medo. Cenas grotescas aconteciam ali! O homem estava assustado, desolado, em desespero.

Um susto. Um assalto. Um atropelo. Um sequestro. Um estupro. Uma surra. Um tiro. Um esfolamento. O suicídio.

Naquela rua as pessoas morriam num salto. Era como uma viela do inferno! As putas regozijantes chamavam-lhe, tentando seduzi-lo ao gozo. Os homens vis o intimidavam, tentando afugentá-lo. Aquela rua caótica o fazia imergir num sedento mundo de perdição. Tentando acalmar-se, buscou por qualquer visão normal. Havia um homem comendo... mas, diabos?! Uma mão! O terror lhe invadiu o íntimo. Como pudera tamanha barbárie ali ser natural?

Sem saída, se não penetrar naquele solo tenebroso, o homem aprofundou-se na rua torta. E quanto mais adentrara nela, mais a lua morta destacava-se nos céus. Assustado com o que via, correu tentando refugiar-se na civilidade habitual. Nunca pensara que haveria tais mazelas nesse mundo — quiçá em sua cidade. Entrando cada vez mais fundo na rua, seu corpo cansado já vacilava. Sua mente parecia estar lhe pregando uma peça!

Ele prosseguira, trilhando rumo ao seu fim. Mas a cada nove metros algo de estranho ocorria: a gente que ali estava morria. Morria. Morria. Morria. Morria. Foi, então, num susto que percebeu: todos aqueles que pereciam eram ele! Eram seus iguais! Homens e mulheres tinham a mesma face que a sua. E pior! Estavam morrendo cada um deles.

Viu-se morrer, morrer, morrer e morrer. Como poderia aquela gente ser ele?! Seu âmago estava um rebuliço, e quanto mais andava, mais se via morrer. Foi então que notara! Fora o diabo sorridente, quem sussurrou em seu juízo a maldita maldição:

Memento mori.

— **MEMENTO MORI!!** — berrou histericamente, perdendo o controle sobre si. — Lembre-se da morte...!! — urrou aos prantos, debulhando-se em lágrimas.

Rasgando a própria face, aquelas palavras, ditas por um estranho, ecoavam em sua cabeça, era um frenesi sem fim! Sua mente estava um caos, o desespero lhe preenchia o imo, a morte estava bem diante de si! Ele se viu morrer, ele morria. Cada homem e mulher que daquele mundo partia: era ele!

Então, um riso diabólico ressoou ao seu redor. E cada homem e mulher passou a sorrir cinicamente, com olhos arrebitados, e expressão morta. Cada indivíduo ali tornara-se o maldito demônio e sentiu um toque frio em seu ombro, que fez congelar sua espinha. Num pranto último perdeu o resquício de razão que havia, e,

junto a ela, a consciência do ser.

Apagou.

E quando despertou, jamais recobrou a consciência. Apenas restara nele as memórias vivas de sua morte, uma face sorridente como um demônio e uma risada que nunca teve fim...

Segunda linha do tempo: o romance do ser.

Era noite. Dentro da antiga casa havia um velho. Dentro do velho havia saudades. A lua morta de agora refletia bem a frieza de sua amada, que lhe proporcionara uma juventude plena, vivida trivialmente, e que fora perpetuada numa noite como aquela, em que ela partira. Em sua memória estava maculada a alegria do primeiro amor e todo o martírio que ela lhe causou. Desde que a perdera, o homem refugiara-se num casebre decadente, escondendo o declínio de seu próprio ser — que ansiava por reencontrá-la.

Trinta anos no passado.

O sol a pino de verão resplandece intensamente. Minha cidade repleta de mata tem temperaturas amenas nas demais estações, mas o calor marca o verão. O vento está quente e seco, não há mar por aqui. A gente caminha e segue a rotina. Sou mais um homem entre tantos, que seguem a vida, mas me sinto tão disperso nesse ambiente. Meu corpo está aqui, mas minha mente está tão longe... Devaneando a céu aberto, eu estava suando e ofegando enquanto retornava para casa. Pensava sobre o encontro com minha amada... ela, novamente, me rejeitara.

Eu queria sentir as suas intenções... Queria poder compreender a ela. Mas não há nada que ela me permite fazer. Sinto-me vazio, vazio por não ser capaz de alcançar a sua face, sentir o seu gosto, apoderar-me de sua existência.

Ela me faz sentir mal. Toda a sua frieza e indiferença me causando repulsa, mas gosto disso. Gosto de forma doentia, pois gosto do mal. Será que ela poderia me ferir? Poderia me odiar? Poderia, ainda mais, me fazer desabar? Os desejos mais torpes ressurgem dentro de mim. Os pensamentos mais obscuros. As intenções mais promíscuas. Ela desperta em mim o meu pior.

Espero que possamos entrar em uma relação doentia. Desejo que me aflija, que me faça sofrer, desejo todo o mal que puder me propiciar, quero tudo isso só para mim. Aquela mulher me faz tão mal, mas não me permite ser de ninguém. Sou tão grato. Isso me faz saber: lhe importa, sim! Gostaria de ter podido alcançar seu frio coração, quem sabe assim, ao meu não poderia aquecer?

Amar-lhe é remoer-me e sofrer... mas é um prazer imaginar que um dia poderei te ter... Mesmo que não seja em vida, como prometemos um ao outro, estaremos ligados após a morte... porque nos lembraremos do amor... *Memento mori*.

Terceira linha do tempo: o livre eu.

Abriu a porta lentamente... era noite. Dentro da antiga casa havia um velho. Dentro do velho havia melancolia. A lua morta de agora refletia a repetição do dia,

que fora como o de ontem, ou o muito antes disso. A vida lhe proporcionara uma juventude plena, vivida trivialmente, em noites exatamente iguais àquela. Em sua memória estava maculado o vazio existencial que percebera no mundo. Desde que notara a ausência de sentido da vida, o homem refugiara-se num casebre decadente, escondendo o declínio de seu próprio ser — que ansiava por morrer.

Trinta anos no passado.

O sol a pino de verão acalorava fortemente. Aquela cidade repleta de mata, estava tomada pelo calor do verão. O vento estava quente e seco, não havia mar por ali. A gente caminhava e seguia a rotina. Um homem entre tantos estava disperso no ambiente. Claramente seu corpo estava ali, mas sua mente estava longe. Devaneando a céu aberto, suave e ofegava enquanto retornava para casa.

Sentou-se em frente a porta de casa, e viu sua breve vida passar perante de seus olhos. Bem diante de si resmungava a estrela rei, o Sol, irritada pelos devaneios do outro. Mas estava imerso em si mesmo, não dar-lhe-ia a atenção que tanto queria. Refletindo sobre o que acabara de aprender “*memento mori*”, a memória da morte, o sentido da vida que se estabelece pela aceitação do fim — da mortalidade humana. Naquele dia, afundou em uma reflexão sobre o sentido da vida, do ser, da própria existência... após aprender um novo conceito na biblioteca da rua torta.

Trinta anos depois — de volta ao presente.

O velho apático, olhava a rua e ao seu fluxo, mas não se deixava levar por ele. Estava preso demais em suas recordações. Aquilo era a falta de lucidez? A sanidade se esvaía? Não, bem diante de seus olhos compreendia a grandiosidade da tradição: De nascer, crescer, viver e se arrepender pela vida que não pode levar. Pelas coisas que teve de abandonar. Pelas pessoas que teve de esquecer.

O velho percebeu que poderia ter naufragado em si mesmo. Mas escolheu manter-se lúcido em suas memórias. A realidade já não mais importava. Seu corpo já não mais a suportava — nem a realidade e nem a ele mesmo. Em seus olhos indiferentes, não eram expressos os seus duros sentimentos. Tudo o que restava era a ânsia por deixar a vida, enquanto seus olhos trêmulos refletiam uma paisagem que já não mais o cativava. Um sono tênue lhe tomou, e sem perceber... morreu.

Edgard tinha acabado de sair da sua primeira consulta em um psicólogo renomado. A família o considerava louco, com exceção de sua mãe que acreditava vigorosamente em sua história. E era sempre a mesma história.

O menino cresceu tendo pesadelos com um incêndio, que geralmente o fazia acordar arfando, chorando desesperadamente. A falta de noites bem dormidas fazia com que ele tivesse um péssimo desenvolvimento acadêmico e cochilasse durante o dia, nos mais diversos lugares.

O sonho se repetia quatro, cinco vezes na semana. Ele chegou a contar para os pais que sempre via um casarão ardendo em chamas e podia sentir o calor agonizante. No alto da construção havia um bebê sendo consumido pelas chamas. Às vezes ele só ouvia a criança. Outras vezes, ele era o próprio bebê.

Em sigilo, revelou à sua mãe que quando sonhava que era a própria criança, podia sentir todas as dores, desde a fumaça entrando nos pulmões até as queimaduras de primeiro, segundo e terceiro grau consumindo sua pele. O menino falava como se realmente conhecesse a sensação.

O psicólogo requisitado para acompanhar o caso conversou com a família sobre a criança estar demonstrando sofrer com uma memória e, durante os sonhos, o subconsciente trazia o 'trauma' à tona. Porém os pais não sabiam que trauma era esse, visto que Edgard jamais havia chegado perto de um incêndio.

A família sofrera por muitos anos. No auge da adolescência, os pesadelos passaram a se tornar menos frequentes. Era o momento de ter uma vida normal, sem se sentir tão estressado e cansado, a todo momento.

Edgard logo se tornou homem feito, formou família e passou em um concurso público que o permitiu ficar bem de vida. Certa feita, estava lendo um jornal diário quando viu uma imagem que fez cair sua pressão e, por um breve momento, chegou a perder os sentidos. Havia visto uma notícia sobre o leilão de um casarão. A venda decorria da morte de seus antigos donos, uma família alemã riquíssima que morrera asfixiada após um acidente com gás de cozinha. E era o mesmo casarão de todos os pesadelos.

Extremamente nervoso, Edgard passou o dia inteiro com o jornal amassado. Abria, observava a foto da casa, fechava e colocava novamente o impresso debaixo do braço. Fez isso várias vezes, até retornar a sua própria casa, após um dia de trabalho improdutivo e do qual ele havia sido dispensado por estar parecendo abatido e adoentado.

O homem sentia uma ligação fortíssima com aquele local. Conversou com

sua esposa de que precisava adquirir o espaço. A esposa não se ateve, apesar da obstinação esquisita do marido, afinal quem se negaria a morar em uma mansão?

Edgard conseguiu arrematar o casarão por um valor abaixo do equivalente no mercado, apesar de haver uma quantidade significativa de interessados no dia do leilão. Tal fato deveria se dar por conta do acidente trágico envolvendo os antigos donos. Se mudaram no mesmo mês, levando todos os móveis e deixando os pesadelos para trás.

Tiveram duas belas filhas. Uma delas tinha seis anos e quando a outra nasceu. No final de dezembro, a mais velha convulsionou e precisava ser levada urgentemente para a emergência. A mãe das meninas pediu para Edgard ficar com o bebê em casa, porque o hospital era cheio de bactérias para ela ficar exposta, na sala de espera.

O homem inseguro concordou e as acompanhou até o carro, enquanto o bebê continuava no berço, dormindo. Após o carro virar a esquina, se perdendo de vista, o homem olhou para o grande casarão e sentiu uma agitação devastadora. Sentiu que estava dentro da sua memória, do seu trauma, dentro do pesadelo e de tudo aquilo que ele vivenciou em noites incessantes.

Naquele momento, era possível sentir o calor percorrendo o corpo e as mãos tremendo. Edgard podia ver o fogo subindo. Começou a sentir as queimaduras na pele. No andar de cima, podia sentir um bebê sendo consumido pelas chamas. Ele ouviu nitidamente o choro da criança, antes dela se calar.

Na perícia, descobriram que foi um incêndio criminoso. Em um provável momento de psicose, Edgard havia jogado álcool em todo o térreo, queimando a casa, a criança e a ele mesmo. “O homem morrera em meio a delírios e alucinações”, disse o investigador responsável pelo caso. Edgard sofreu a vida toda por um incêndio e por uma morte que ele mesmo viria a causar, em um trauma que se perdera no tempo.

MEMÓRIAS: COMPANHEIRAS DE VIAGEM

Thiago Fernandes

Adriana era uma menina que sonhava em ser uma arqueóloga e conhecer o mundo em muitas expedições. A cada noite, aquela menininha, deitada em sua simples cama, no quarto compartilhado com mais quatro irmãos sonhava que estava em um local diferente. Tinha noite que imaginava entrando em uma pirâmide no deserto do Egito. Outra noite estava escalando o o gelado Monte Everest. Se via andando pelas charmosas construções de Machu Pichu no Peru, e até mesmo mergulhando nas profundezas do mar das Bahamas. E assim os anos foram passando, e a menina que queria ser uma arqueóloga, se tornou mulher. A família começou uma pressão para ela se casar, mas Adriana queria mais que um casamento. Aliás, nunca pensou que iria se casar. Mas acabou conhecendo o ajudante de padeiro Maurício e começaram a namorar.

A moça terminou o colegial, mas na sua cidade não tinha o curso de arqueologia e a sua família não tinha dinheiro para mandar a filha para uma cidade grande para estudar. Então, Adriana decidiu fazer o curso de magistério, e com o passar dos anos foi se apaixonando pela educação. Logo no primeiro ano, conseguiu pegar aulas na sua cidade, pois uma professora entrou de licença para tratar um câncer muito forte, e esse a levou. Adriana acabou ficando com o cargo da professora, e trabalhou durante todo o curso. Colocava em prática o que aprendia a noite na faculdade, no dia seguinte na escola. Foi se apaixonando pela profissão e pelas crianças.

A família de Adriana a pressionou tanto para casar, que ela resolveu se casar com Maurício. Não era o seu objetivo de vida. No entanto, ele não era um mal rapaz. Adriana não sabia se o amava. Ela não sabia o que era o amor. Sempre se perguntava se o amor que a gente vê nos filmes e nas novelas existe na vida real. Nunca conseguiu encontrar a resposta. Mas o tempo fez ela se afeiçoar a Maurício.

O casamento de Adriana foi uma cerimônia simples, pois a sua família não tinha dinheiro para fazer uma grande festa. A família de Maurício também não tinha, e se tivessem também não fariam, pois o costume naquela conservadora cidadezinha do interior era que a família da noiva dava a festa de casamento. Ela deu sorte, pois no mesmo dia tinha outro casamento na igreja de uma família abastada, e como o dela foi primeiro, a igreja estava toda decorada. Adriana quando entrou na igreja, sentiu que estava naqueles filmes que passam na “Sessão da Tarde”. O vestido que Adriana usou foi feito pela sua madrinha que era costureira de mão cheia. Como a madrinha não era rica, o vestido na tinha um tecido muito fino, mas foi feito com muito esmero e dedicação. E Adriana também nunca sonhou com nenhum vestido de casamento e muito mesmo em entrar vestida de noiva em uma igreja. Mas gostou

do que a madrinha fez. Após a cerimônia, a família de Adriana deu um jantar na sua casa. Fizeram uma galinhada com tutu, que estava uma delícia! O povo dançou até a madrugada, ao som da sanfona do tio de Adriana.

Adriana e Maurício foram morar em uma casa que era da vó de Adriana. Não era muito grande e já estava bem velha. Ali viveram os primeiros anos de casados. Sempre sonhando em ter a própria casa. Eles foram juntando dinheiro. Adriana passou a trabalhar em dois turnos e enfim conseguiram comprar um lote. Começaram então a construir a própria casa.

Adriana ficou grávida da primeira filha, que ela descobriu só quando nasceu, pois naquela época não tinha esses negócios de ultrassom. A quem ela deu o nome de Fátima. Quando a menina nasceu, já tinha dois cômodos da casinha deles pronta. Então, alguns meses depois, o casal se mudou para a própria casa. Eles ficaram muito felizes de estar morando no que era deles.

Os anos foram passando e a casinha foi aumentando e se tornando uma casa. Assim como a família, pois Adriana teve mais quatro filhos. A segunda deu nome de Joana, a terceira de Marta, a quarta de Raquel, mas essa morreu de meningite aos sete anos e por último veio o Antônio, ou “Tunico” como ficou conhecido. Os filhos foram crescendo. O casal foi envelhecendo. E o sonho de Adriana ser arqueóloga foi ficando só no sonho mesmo e nos livros que conseguia sobre o assunto na pequena biblioteca da escola em que trabalhava.

Maurício conseguiu virar sócio da padaria onde trabalhava, pois o dono morreu e o filho que não entendia nada dos negócios, decidiu dar sociedade ao padeiro. Por fim, Maurício comprou a outra metade da padaria e se tornou o único dono.

Já a mulher continuou trabalhando os dois turnos, pois com cinco filhos, sempre era preciso mais dinheiro. Pois cada um queria uma coisa e se um ganhava tinha que dar para os outros quatro, e quando ficavam doentes então, aí que o bicho pegava.

As filhas do casal começaram a virar moça, Fátima e Joana conheceram dois rapazes e decidiram se casar logo. Seu Maurício teve que ir no cartório e aumentar a idade das filhas para casar, pois elas só tinham catorze anos. Fátima casou com o Teodoro, cuja família tinha se mudado para o estado de São Paulo, ela foi junto, para a tristeza de Dona Adriana. Nesse dia, de tanto desespero, bebeu uma garrafa de pinga. Joana se casou com Durval, que era peão em uma fazenda nas redondezas. Mas ele morreu, alguns anos depois, a deixando viúva.

A outra filha, Marta, foi trabalhar na casa de uma família rica de uma cidade vizinha com dez anos. Lá fez magistério e também se tornou professora como a mãe. Mas não quis saber de casar, até alguns rapazes queriam, mas ela nunca quis de nenhum deles.

Tunico viveu com os pais até os trinta anos, ganhando tudo na mão. Gastava o dinheiro que ganhava tudo na farra, e ainda pegava os dos pais. Um dia acabou engravidando uma moça e foi obrigado pelo pai dela a casar. Casou, mas continuou a viver a vida de solteiro, saindo de tarde e só retornando de madrugada e bêbado. Para o desgosto de seu Maurício e Dona Adriana. A esposa, ninguém sabe porque, não largava o marido. Talvez tivesse medo de se divorciar, pois naquela cidadezinha

conservadora, as pessoas viviam as aparências, com medo do que as outras pessoas iam pensar e falar, mesmo que isso trouxesse uma grande e silenciosa infelicidade.

Os netos começaram a chegar, os das filhas que casaram primeiro, vieram primeiro. Seu Maurício sempre cobrava de Marta quando ela iria se casar e dar um neto para eles. Já Dona Adriana não tinha essa preocupação, e percebia que a filha tinha outros interesses.

Dona Adriana se aposenta como professora e passa a ajudar mais o marido na padaria. Desenvolvendo o prazer pela confeitaria. Mas sentindo falta da sua vida de professora e das crianças, mesmo que algumas era bem bagunceiras.

Anos depois, seu Maurício é diagnosticado com um câncer no intestino, pouco tempo depois de fazer a cirurgia, ele morre.

Dona Adriana fica sozinha na casa que os dois construíram, mas ela já está bem idosa, e as filhas ficam preocupadas com a mãe ficar sozinha. O filho não se importava com os pais. Decidem levar a mãe para morar com elas. Em um primeiro momento, a mãe é contra, mas depois eles acabam convencendo ela. Principalmente, depois da casa ao lado ter sido assaltada.

Nesse momento, Dona Adriana está encaixotando a mudança com a ajuda das filhas e dos netos. Cada objeto e móvel faz ela lembrar de um acontecimento da sua família, e assim, enquanto eles vão arrumando a mudança, Dona Adriana vai revisitando suas memórias. A menina que queria ser arqueóloga, hoje de certa forma é uma arqueóloga, pois a todo instante algo a leva ao passado. Passado que muitos dos vizinhos, dos parentes já se foram, e ela continua a recordar das suas falas, dos seus causos. Cavando sempre cada vez mais fundo suas memórias de velha. E tendo a certeza, que nós seres humanos somos acumuladores de memórias.

Todas as coisas são encaixotadas, o caminhão chega para levar a mudança, os móveis e os objetos foram divididos entre as filhas. E agora Dona Adriana irá passar uma semana com cada filha. Dona Adriana sente que foi muito feliz nessa casa com o Maurício. Ela que não queria se casar, e pelas circunstâncias da vida foi levada a tal, com o tempo, criou afeição pelo marido e passou a amá-lo e agora sente muita sua falta. Não que o casamento tenha sido perfeito, teve suas brigas, mas foram muitas décadas em companhia.

Todos saem da casa. Dona Adriana pega a chave da porta da sala. Tranca a casa e caminha para o portão. Para e olha para trás, vendo sua casa e seu jardim pela última vez, seus olhos se enchem de água. Entra no carro da filha, que dá a partida e saem. Fica para traz a casa construída pelo casal em todas essas décadas com uma placa de aluga-se. As memórias vão com Dona Adriana, pois talvez sejam o que realmente levamos dessa vida.

MEMÓRIAS DE MIM RECANTO

Tinga das Gerais

Aqueles passos certos, passos fincados no meu eu território quintal de casa no antigo Curralinho, hoje Corinto, não com os cunhos gregos, mas do sertão mineiro, paisagem memorável de um tal João Rosa. Eu criança aprendiz de viver e lembrar-me de cada busca naquele vilarejo, onde o sol beijava primeiro, a lua nu iluminava o terceiro e as estrelas em êxtase saltitavam em busca de pontos estratégicos para melhor assistirem àquele cenário onde eu, protagonista da peça: Viver e Lembrar, esbaldava na criancice de mim peralta.

As brincadeiras no fundo do quintal, os meus movimentos aos olhos dos meus pais, eles já cascudos pelos ventos que em sintonia com a sina lapidavam o meu caminho, fui saber adiante o que era: futuro.

As pessoas brotam das sagas e com elas o desejo de serem felizes.

Lembro-me fogosamente do sino da Matriz mesmo não se cansando dos badalos, grita ainda hoje com fervor, como nos tempos já enfeitados pela outrora. Lá, Dona Zizaldina com o terço na mão e o véu na cabeça, me deixava confuso pela minha inocência em imaginar que ela fosse a virgem santa do altar.

A minha mão trêmula à de mamãe fazia-me seguro e também papai, com os olhos de riso, deixava meu coração tão feliz, que eu ensaiava flertes às minhas colegas de escola, mas, antes da reza, onde cada um pedia à sua maneira, eu pedia o tão sonhado carrinho de plástico lá da Loja do Jair Broto.

Aquela Capela ainda hoje ostenta seus traços aos meus olhos e de todos. Voltar ao túnel do tempo rejuvenesce o viver do ontem. O Trem na Estação dá o sinal de partida e na pracinha os aposentados da ferrovia, hoje nos trilhos da minha memória, com seus jornais, liam atentamente enquanto o engraxate caprichava com o couro. Na esquina o Seu Jeremias, vaidoso e elegante na alfaiataria, para provar o terno de Casimira, pois o casamento da filha era com o telegrafista Josué, esse sabia das notícias.

A labuta não tem freio, pois nós anciãos do hoje, ainda nos resquícios da saudade, agigantamos ao assediar o passado que, no limiar do dia, monta o cenário para a intrépida tarde, essa sem pressa ouve o chamado da noite.

Em nossa palhoça a lamparina. O brilho dos nossos olhares na dança das chamas, o relâmpago iluminado mostrando a plantação no breu da noite, os trovões como zabumba trazia a lembrança do Lundu, herança deixada pelos meus bisavós: Bento e Maria. E no colo do estio os rumores nas redondezas eram de fartura e prosperidade. Lembranças!

Ainda com os olhos fixos no final de tarde e a revoada expondo o desenho

do dia, pude sentir que o chegar da noite seria um presságio de lembranças e que lembranças!

A entrega lenta do sol ao entardecer faz do arrebol um lindo cenário e o rio ensaiando seu poema para o Sarau, contava ardentemente com a presença da plateia cintilante— as estrelas— para abrilhantar essa apoteose e alguns barqueiros em busca do sustento e até tímidos pescadores nos barrancos emudeciam e rendiam ao espetáculo do Supremo, envolvido de mistérios e poder.

A criação se recolhia à sua maneira, as galinhas no esforço do voo até o poleiro, o gado na mansidão do cansaço, aqui e ali buscava o seu cantinho para melhor aquecer e passar aquela noite que prometia o frio charmoso da época. Os que de madrugada, haviam saído para o campo, voltavam com os seus deveres cumpridos. Com o alívio de terem semeado o fruto da alimentação na sagrada terra.

O vento assanhado convidava a brisa, com sua sutileza e em sintonia com as flores do sertão, perfumava os campos, aos olhos do veloz colibri que espalhava o mel sugado das donzelas perfumadas do Ipê, que em companhia do Jequitibá ostentava o charme para enfeitar aquele lindo palco.

A inspiradora lua, nua, chega num passe de mágica e cheia de charme, anuncia o primeiro poema da noite, declamado pela singela borboleta, arranca aplausos incontidos. Os vaga-lumes na ribalta acendem as luzes, pois é momento de glória. A próxima atração será o rouxinol, sempre afinadíssimo, deixando os casais mais apaixonados em meio aos beijos para aquecerem a natureza e a vida.

A cada segundo, aquela minha viagem ia ganhando uma dimensão ímpar e adentrando na metamorfose, me sentia de mãos dadas com o Criador e as lágrimas começavam a brotar dos meus olhos, como uma cachoeira derramando rumo ao belo e eu, coração sertão, me transformava ora em pó, ora em barro na busca do sensato direito de existir.

Fim de espetáculo e novamente o céu começa a avermelhar-se, pois, o astro e loiro sol vêm em marcha e cortejo trazendo no alforje o dia e o calor para aquecer almas e despertar um louco poeta, que em deleite sonhava com a vida de mãos dadas com inocência do existir e no Jardim do Éden fantasia em mim, ficará armazenado na insistência de ter um dia um mundo com suas verdadeiras cores e verdadeira liberdade para ser feliz!

///12/08/2003

Bom, meu chefe disse que seria melhor que eu fizesse uma espécie de diário de áudio para registrar os avanços da pesquisa do Projeto Mnemphile. Eu sinceramente não vejo tanta necessidade, pois temos os registros de experimentos, mas ordens são ordens. Talvez ele ache que isto tenha valor histórico no futuro, mas eu não tenho tanta certeza de que funcionará. Droga, estou novamente tagarelando. Vou ir direto ao ponto.

Eu sou o Professor de Biologia e Neurologia Marco Ernesto Pandora do Departamento de Pesquisas Biológica da Universidade Federal de Horizontes Antagônicos, localizada obviamente em Horizontes Antagônicos, Minas Gerais. Atualmente estou na coordenação deste projeto em particular. Ah, sim, esqueci de dizer o nome... Estamos desenvolvendo o que nomeamos de Projeto Mnemphile. O que é o Mnemphile? Simplesmente o antídoto para a perda de tempo e falta de memória. A evolução do cérebro humano e do próprio ser humano. Ou um fracasso retumbante que apodrecerá nas gavetas obscuras do Arquivo Morto da UFHA. Só o tempo dirá. Basicamente, nós estamos pesquisando animais que tenham regeneração de neurônios, para com isso adaptar as estruturas que realizam tais atos ao cérebro humano. O cérebro humano comete uma falha grave ao não ser hábil a repor neurônios perdidos. A solução acaba então sendo apagar a informação armazenada que seja menos relevante e poder colocar nova mais relevante no lugar. Isso, com o Mnemphile, chegará ao fim.

///06/01/2004

Demorou, mas obtivemos avanço. Após incansáveis meses de buscas, eu e minha equipe encontramos registros de uma criatura que pode ser o que procuramos. Encontrada em grutas nas profundezas da Floresta Amazônica, é uma espécie de larva capaz de regenerar sua estrutura neuronal, que diga-se de passagem, chega à ser comparável a de um ser humano. Eu achei o bicho fascinante. Estamos realizando testes cognitivos com alguns exemplares, e os resultados parecem promissores.

///10/02/2004

Após algumas dúzias de testes, a capacidade de regeneração cerebral dos vermes foi comprovada. E o melhor: Descobrimos que eles são capazes até mesmo de resolver problemas matemáticos e usarem formas rudimentares de linguagens. Quem sabe eles até mesmo não podem ser usados para aumentar a inteligência humana?

///05/07/2004

Acabei me esquecendo de registrar os avanços do programa. Os testes com as larvas continuam sendo feitos, e a universidade, aliada ao governo federal, liberou para nós ontem um valor de 150 milhões para que construamos um habitat artificial para termos uma criação da larva e podermos estudá-la em ambiente controlado. Nós construímos uma espécie de simulação de rio Amazonas, e iremos observar em detalhe as vidas das larvas. Trouxemos até mesmo animais típicos para melhorar a eficácia do estudo.

///11/09/2004

Um comportamento inédito foi observado em uma larva ontem. Ela fugiu da zona de contenção e acabou entrando no falso rio que simulamos para tornar o ambiente mais factível. No rio, ela invadiu as guelras de um peixe, e parece que se acoplou ao seu cérebro e passou a comanda-lo. Porém, a atuação do peixe não foi prejudicada. Ele se tornou mais assertivo, fugindo melhor de predadores e emboscando melhor suas presas. Algo a ser estudado.

///01/10/2004

Meu chefe acredita que o verme (que apelidamos com o nome do projeto, Mnemphile) pode ser útil aos humanos da mesma forma que foi útil ao peixe. De fato, aos peixes. Parece que este é um comportamento comum dos Mnemphiles. Invadir cérebros e criar uma espécie de mutualismo inconsciente, em que a larva luta para garantir a vida do hospedeiro por meio da correção de comportamentos inadequados e do fortalecimento da memória. Fizemos alguns testes, e parece que peixes infectados simplesmente não esquecem de mais nada. Embora antes eu duvidasse disto tudo, hoje vejo o quão revolucionário o Mnemphile realmente é. O fim de doenças neurológicas, a solução do esquecimento, ajuda para memorizar tudo, restauração em caso de danos cerebrais... É bom demais para ser verdade.

///08/11/2004

Ontem de noite um Mnemphile escapou da zona de contenção e literalmente invadiu o meu crânio por meio da minha orelha. Foi brutalmente dolorido, mas pelo lado bom os testes em humanos não serão difíceis de conseguir.

///13/11/2004

Agora eu entendo aqueles peixes. Apesar de ter perdido uma das orelhas, minha memória nunca esteve tão boa, e estou raciocinando muito mais rápido. Eu li ontem cinco livros. Parece que está valendo a pena, apesar de tudo. Minha única reclamação é que esse parasita não para de comer, e me faz comprar comida o tempo todo.

///01/12/2004

GASTAMOS TODO O DINHEIRO QUE TÍNHAMOS COM COMIDA. PERDEMOS TUDO. FUI AFASTADO DA COORDENAÇÃO DO PROJETO APÓS DESCOBRIREM QUE EU ESTAVA DESVIANDO A VERBA PRA COMPRAR COMIDA E INJETANDO MNEMPHILES NOS ALUNOS SEM PERMISSÃO. ELES PRECISAVAM SABER COMO ERA BOM!

///23/12/2004

Nota da direção: O ex-professor Marco Ernesto foi levado hoje`a um hospital psiquiátrico. Seu estudo era a simulação de um rio amazônico para observar os comportamentos da fauna, o qual cancelamos mais cedo este mesmo dia. O espécime de larva por Marco descrito nem sequer existe.

Jamais esquecerei aquela noite em um país da África Central.

Passei muitos anos na África tropical, trabalhando como cooperante para o desenvolvimento. Uma noite, eu estava conduzindo um carro pelos bairros de uma cidade fantasma adormecida, a capital de um país africano devastado pela guerra civil. Ao sair de um hospital, vi um jovem soldado com uma menina, quase uma criança, pedindo uma carona de volta para casa. Eu parei e peguei eles.

Era um soldado da guarda presidencial, com seu boné de bordas vermelhas. Devia ter pouco mais de dezoito anos e estava feliz por ter sido transportado no carro por um homem branco que passava. Falava muito pouco francês, expressava-se em seu dialeto árabe, mas queríamos dizer com gestos. Ele estava tão entusiasmado que me seqüestrou por toda a noite, levando-me de um bairro para outro, para mostrar-me a sua família, seus tios, seus amigos, seus companheiros e afinal, para agradecer a companhia, quis oferecer-me uma prenda: o que ele chamava um *bubu*.

Chegando de outros países, acostumado a ouvir outras línguas, achei que o soldado pretendesse falar de um vestido cerimonial rico, bordado, de mangas largas e estilo senegalês. Em vez disso, em sua língua, o *bubu* era um macaco preto, grande, enorme. Alguém da família atirara nele, e o soldadinho estava pensando em me dar para jantar, para me fazer apreciar aquela comida deliciosa. Na vida real, felizmente, o soldado não conseguiu mais encontrar o macaco, que seus parentes já haviam consumido. Mas agora, no sonho, distingo claramente a pele negra e a cabeça do animal, com olhos vítreos e opacos que me encaram, de um passado que está sempre presente na minha memória.

No final, o soldado ainda queria agradecer-me de qualquer maneira e me deu uma granada de mão de madeira, do tipo usado para os exercícios. Eu certamente não podia recusar... Fui para casa e coloquei em uma peça de mobília, bem na entrada. Eu morava em uma casa coletiva, junto com todo um grupo de cooperadores. Na manhã seguinte, toda a comunidade ficou alarmada com o que todos pensaram ser um ataque malicioso.

Hoje essa cidade não existe mais. Apenas um enorme campo de ruínas permanece, no qual grupos armados de crianças se chocam, como os exércitos de um jogo de simulação. Infelizmente, não é um jogo, mas a dura realidade da vida cotidiana, baseada mais em balas e armas de fogo, do que em pão.

Lamentei não ter parado naquela terra, onde passei minha juventude em projetos de cooperação, um verdadeiro pedaço do paraíso. Mas talvez, como todas as coisas da vida, esse mundo só pudesse ser vivido na hora certa. Não podia durar

nem mais nem menos. Viver na África foi para os cooperantes todos como ser umas daquelas ondas, banhando as margens dos Oceanos: entre muitos outros, um dia ou outro, você encontra novamente alguns deles. O mato, a savana, o deserto são como mares, os trilhos os atravessam como rotas e há portos também, onde aqueles que retornam são reconhecidos por suas memórias: “você conheceu o Hotel Transat?” Se responde “sim”, você é como um da família, porque esteve nesse lugar na “idade do ouro”.

O deserto avança para o sul, no Sahel, mais por causa dos homens que abandonam a terra do que o clima, que vem e vai: a chuva retorna, mas os homens não estão mais lá para cultivar. Deixaram os oásis e os campos férteis para irem vender isqueiros e bugigangas nas cidades dos brancos. Aqui o ritmo da vida cotidiana é pontuado por dinheiro, trânsito, supermercados, objetos vendidos em todas as esquinas, como os corpos das meninas; são obrigados a viver sem a grande família, sem a aldeia, sem a árvore sagrada dos seus antepassados.

As memórias da África trespassam com o mito: onde estão agora as colinas verdes, percorridas, como o deserto, por milhares e milhares de carros e carrinhas...

Os amigos do passado se dispersaram, afogaram cada um em seu próprio mundo cotidiano. Quem sabe onde podem ficar, neste momento... Para onde foi aquela senhora, filha de um dos primeiros italianos que desembarcaram na época da guerra na África, que se lembrava de sua juventude como “a época em que a *barambara* voava”? *Barambara*, na língua somali, é o nome da barata vermelha africana, com longas antenas, que aparece à noite, em hordas vorazes, para tomar posse da casa escura e depois desaparecer à primeira luz do dia. As *barambaras* na África estão em toda parte, mesmo ao longo da parede do chuveiro. Até encontrei algumas crias de *barambara* passadas, junto com a calcinha que eu acabara de tirar da gaveta.

A *barambara* voa, no entanto, em apenas uma estação do ano, na época de acasalamento. Um vôo desajeitado, que dura um pouco, como o, mais elegante, da borboleta. Como todas as coisas efêmeras, como o florescimento do baobá ou a felicidade da estação da juventude.

O deserto continua avançando e devora os campos cultivados, mais por causa dos homens que abandonam a terra do que o clima, que vem e vai. A chuva retorna, mas os homens não estão mais lá para cultivar. Deixaram os oásis e os campos férteis, alguns para recolher as migalhas de ajuda internacional, outros para vender isqueiros e lixo nas cidades brancas. Aqui o ritmo da vida cotidiana é pontuado por dinheiro, trânsito, supermercados, objetos vendidos em todas as esquinas, como os corpos das meninas; a gente tem que viver sem a grande família, sem a aldeia, sem a árvore sagrada dos antepassados.

Todos nós, os filhos da África, os cooperantes, após anos de voluntariado e consultoria, acordamos — com o gosto amargo na boca — de um sonho, iniciado há muitos anos, a partir da ilusão de um “novo modelo de desenvolvimento”. O despertar foi abrupto e doloroso, não é fácil de aceitar. Muitas vezes fecho os olhos para procurar consolação em lembranças ou sonhos e perambular entre as imagens da mente em busca do *Semendel*, o mítico pássaro branco, azul e verde, capaz de entrar no fogo sem queimar suas penas. Agora temo que nunca seja capaz de encontrar o

pássaro colorido. De fato, não existe mais nem uma pequena barata vermelha que se digne a voar para mim.

Ainda uma esperança secreta me diz que ali, além do equador, alguém está esperando a minha chegada, na sombra, por trás da grade de uma persiana de sândalo, no perfume intenso da fumaça de incenso e das flores de jacarandá. Alguém que me receba com um simples aceno de cabeça e um gesto carinhoso da mão, como se eu tivesse saído meia hora antes para ir buscar pão ou frutas no mercado. Como alguém da família, de quem você conhece a marcha, o perfume, o contorno dos ombros quando se afasta e o som de passos quando ele retorna.

Haverá ainda um soldadinho que queira dar-me um *bubu*, para cozinhar para o jantar?

Em seu memorável monólogo, “Os Malefícios do Tabaco”, Anton Tchekhov conta que um sujeito foi solicitado para dar uma conferência. Como não sabia o que dizer, dissertou sobre os males causados pelo tabaco à saúde humana. No entanto, a plateia via estupefata à quantidade de cigarros que ele, o palestrante, fumava enquanto discorria sobre o assunto.

Como tal, propuseram-me escrever sobre um autor sem obra, ou uma obra sem autor. Mas que obra, que autor? Se não sei discernir sobre essas questões, se male-male sei de mim. E mesmo assim, o que sei é que agora uso óculos, meus cabelos pratearam, a barriga está levemente salientada e estou mais paciente. E só isso. Nada mais sei de mim, muito menos de ninguém. Como disse Sócrates, tudo que sei é que nada sei de coisa nenhuma.

Mas como eu não sou de levar desaforo pra casa, e no afã de demonstrar desprendimento e espírito aberto para as grandes empreitadas da vida, me comprometi. E aqui estou eu tentando escrever o que não sei e se algo escrever sei que nada disse ou direi. Mas promessa é dívida, diz o dito.

Assim sendo, sentei-me à mesa de um bar sem nada pensado. Quando o garçom me trouxe a cerveja pedida eu já estava meditando, olhando o chão como um crucificado do alto de sua cruz. O corpo cravado numa teia de temas, lembranças, ideias e frases soltas aos borbotões. Depois fitei o copo de cerveja que, com esmero, analisava as vísceras da espuma através das bolhas, e percebi nitidamente a ação do ácido fermentando o gás carbônico, protagonizando a árdua luta entre o lúpulo e a cevada para deleite da levedura. Os cotovelos fincados na mesa formavam duas alavancas, as mãos duas plataformas segurando uma melancia em cima do pescoço. Fiquei um tempo assim: parado. Os pensamentos girando num rodamoinho de luz e espasmos de escuridão. Uma ansia de dizer o indizível me estraçalhava as entranhas. Uma vontade incontrollável de ir a Brasília matar todos os ratos.

Mas nada mudou. Nada escrevia nada sabia dizer, tudo não passava de inconclusas conclusões desvairadas. O medo de tornarme um escritor maldito, definitivo, me desnorteou. O mundo precisa de mais um Henry Miller, um Charles Bukowski, um Marquês de Sade?...

O dilema me levou à zona obscura do raciocínio. Aquela que leva ao insondável mundo da infância. Eu não tinha dúvidas de que ali, no recôndito das lembranças infantis se localizavam o mundo das ideias acabadas, perfeitas, incontestáveis! Embora ainda estivesse confuso e cheio de indefinições, mal vislumbrava através da lembrança, mesmo sabendo que discorrer sobre reminiscências de quando se era menino

é correr o risco de relatos sem o menor compromisso com a lógica dos fatos e sua veracidade. Porque, para narrar às peraltices e os acontecidos do tempo de criança, é necessário que no mínimo sejamos cronista, contista ou romancista, para não dizer epopeico. Não um reles beletrista escrevinhador, contador de historietas, quimeras e pesadelos inverossímeis, pois que, para engendrar histórias fundamentadas em realidades impalpáveis só mesmo um bom ficcionista. Visto que quando se é criança só se quer viver aquilo que seja enlouquecidamente de criança e, talvez por isso, se queira, quando adulto, viver esse mesmo estado mágico e por isso mesmo tenhamos que destruir esse mundo infantil para tentar tornarmo-nos um adulto melhor, ou menos ruim. Eu mesmo, não fui o suficientemente corajoso para suportar as agruras de uma infância tão vil. Quem dera me imbuísse de um ser onipotente, para quando descrevesse meus culpados atos, fosse-me automaticamente isentado dos prováveis remorsos e a inevitável condenação celeste. Pois, posso não falar de verdades, porém assoberbo-me de uma virtude: não minto para mim mesmo. E tenho ciência de que a maior viagem que fazemos é àquela que se destina ao intestino grosso.

Mas e daí! O que escrever da infância?... Sobre o subir nas copas das árvores e de lá cuspir seivas gosmentas de frutas amarelas ou vermelhas na cabeça das pessoas, do amarrar bola de fogo no rabo dos gatos!...

— Garçom, você já furou olho de sapo?

— Lógico que não, não sou doido.

— Sei, mas é só apertar a garganta, tapar a boca dele e puf-puf, enfia-lhe o dedo no olho... E operação em lagartixas, você já fez?... Transplantar coração, fígado, rins?...

— Claro que não... Maluquice!

— Você nunca brincou de médico e enfermeira?

— Não senhor. Eu fui uma criança educada.

— Ah é! Que bom, né?

— Por que o senhor fazia isso?

— Para curá-las de suas aflições.

— O senhor é doido!...

...Lembro-me também de quando libertava Lucila, a “Louca”, das cordas e correntes que seus pais as atavam ao pé da mesa e saíamos alucinados, correndo para nos escondermos entre os arbustos em devassas brincadeiras. Quando lambuzávamos nos encarnados das amoras e sentíamos tremores em nossos corpos nus, rolando abandonados sobre o chão de folhas mortas. Podres. Interpretando belos personagens, eu o lobo, ela a jaguatirica, com as bocarras rugindo selvagemente! Assim éramos eu e a Lucila. Diziam dela que era ignóbil, demente, sardenta e feia. No entanto, em sua nobre fealdade levava grande vantagem diante os outros todos. Ela era Louca! Divina! E nunca ridícula. Pra mim, ela era a menina dos olhos de vidro e coxas de seda. Éramos felizes em nossas concupiscências pueris.

Ou ainda, quando eu e meus amigos iluminados quebrávamos as vidraças dos casarões, cercados de muros, recobertos de azulejos por dentro e por fora, por-

que eles, os alienados das mansões não suportavam nem a experiência nem a dor de mudarem de cor... Então gritávamos nas madrugadas, juntos com os cachorros, gatos, mendigos, meretrizes, pederastas e todos os abandonados, e berrávamos palavras feias, palavras tão obscenas que as meninas que nos assistiam pelas frestas das janelas ficavam arrepiadas de prazer. E cantávamos e dançávamos felizes no meio da rua e nas gramas proibidas de pisar, numa ciranda infernal. Então raspávamos a lata de conservas roubada do mais luxuoso supermercado da cidade e conservávamos nosso ser bebendo pinga até nos machucar de tédio. Isto se nenhuma viatura-policia-to-militar não nos decepasse a ronda, ou não nos eliminassem por falta de prediletos civilizados.

Ah! E a paixão insana, de puro incesto, que sentia por mamãe, quando a via recostada no batente da porta com o olhar no vazio, imaginando distâncias e desconhecidos pensares? Que para mim era mais longe e desconhecido ainda. Lícia. Era esse o nome dela. Embora eu quisesse que ela se chamasse Suzana. Oh, Suzana! Como ela se parecia com uma Suzana.

A despeito disso, não me redimo dessas transgressões. Nem estou querendo isentar minhas culpas, pois, como sei e tenho siso, todo ser humano é passível dessas e de tantas outras extravagâncias. Estou apenas cumprindo os ditames da natureza do homem, inerentes a nós abjetos seres. Visto que, em cada um de nós há um cristo a ser crucificado, seja por culpa ou por idolatria.

Foi nesses pensares profanos em que me encontrava que o garçom tocou em meu ombro, despertando-me do transe, e disse:

— Moço, olhe a água nos seus pés. Estamos lavando o bar... Já estamos com meia porta arriada... Vamos fechar... Por favor, o senhor não quer acertar a conta?...

Paguei. Pois, não dava mais tempo de lembrar de nada. Tampouco o garçom queria conversar comigo.

Num repente, levantando a porta semicerrada, entram três homens no bar, de arma em punho, gritando energicamente.

Assaltante 1: Todos parados aí. É um assalto!

Garçom: Ai, meu Deus. Nos acudam!

Assaltante 2: Aí cara, para de escrever essa merda! Não se toca, não... Isso é um assalto.

O Escritor: Entendi, entendi. Só vou assinar a obra.

Assaltante 3: Ah! Isso aí é uma obra, é? Pois não precisa não, vamos levar essa merda assim mesmo.

Assaltante 1: Nós não precisamos de autor. Só precisamos do papel pra limpar a bunda daquele cagão ali, — apontando para o garçom, que está tremendo, de cócoras, ao pé do balcão —. E pra você este confeito, aqui. — aperta o gatilho acertando-o entre as sobranceiras.

Assaltante 2: Rá... Rá... Rá!... Vamos limpar uma merda com a outra. Vai lá, garçom, opera a lagartixa que já está sem alma e sem obra.

Assaltante 3: Rá... Rá... Rá!... E a obra na merda e sem autor.

O QUE SOMOS NÓS PARA O TEMPO?

Yuri de Souza S. Quintela

Hoje é dia de praia. Partimos logo em dez minutos, eu, minha namorada Marcela e meus pais. Por mais que eu deteste a praia e seu calor insuportável eu me esforço para rir e alegrar a todos com a minha presença. Tento não ser como naturalmente sou, depressivo, pessimista e mal-humorado. Vamos ver por quanto tempo eu consigo.

Chegamos e armamos nossas defesas contra o sol, nos sentamos, conversamos sobre todo o tipo de baboseira

— Vai falar que isso não é melhor do que ficar em casa?

— Eu preferia um lugar onde não estivesse esse sol, você sabe que o calor me incomoda muito pai, eu fico todo coçando e com a pele ardendo

— Você é cheio de doidera

— Pois é

Logo uns dez minutos depois eu me levanto e vou para a casa onde estamos alojados. Me sento e começo a pensar sobre em como a porra da minha vida é uma droga, as mesmas coisas de sempre, a mesma maldita rotina suicida, os mesmos alimentos “envenenados”, as mesmas pessoas que não agregam valor algum. Eu sempre me pergunto o porquê de agirmos de tal maneira. Estamos indo em direção ao precipício e nem estamos ligados. É incrível o fato de nos matarmos pouco a pouco e não dar a mínima para isso, quer dizer, a humanidade é mesmo uma boa coisa? Quer dizer, não nos vejo fazendo bem algum se compararmos com o tanto de mal que fazemos a nós mesmos e ao planeta. As vezes eu acho...

— Oi, amor

— Ah, oi meu amorzinho

— O que está fazendo aqui sozinho?

— Pensando, apenas isso

— Você já não teve tempo suficiente para fazer isso em casa? (ela ri)

— (Eu também srio) possivelmente

— Vou tomar um banho, você vem?

— Pode ir, eu vou logo atrás

Essa mulher é incrível, sem ela minha vida estaria ainda mais perdida. É como se ela fosse minha essência. Talvez eu nem estivesse mais entre os vivos se não fosse por ela. Meu deus como eu amo essa mulher.

— Você demorou

— Foram só uns dois minutos

Não falamos muito, apenas nos beijamos ali mesmo, com a água caindo sobre

nossos corpos e nossas almas se entrelaçando. Eu lhe toco, lhe beijo, oh meu deus, oh, oh, OH! EU CONSEGUI, ESTOU DE VOLTA! Não acredito que essa porra deu certo. Não sei em que tempo estou, mas posso dizer que eu não poderia ter caído em um tempo melhor. Que saudades dessa mulher, esse corpo, como eu queria toca-lo mais uma vez. Quer saber, dane-se o fim do mundo, eu precisava tanto te ver mais uma vez...

— Foi bom para você?

— Foi esplendido, eu não transava assim há anos

— Então ontem a noite não foi bom? Nem antes disso?

— Eu não sou seu namorado, ao menos não do jeito que você conhecia, na verdade eu o matei parando nessa versão mais jovem, eu precisava, não me leve a mal

— Ham?

Eu estalo meus dedos e cada fragmento do tempo é parado, cada objeto, cada pessoa, cada partícula, menos a pessoa ao meu lado.

— O que...

— Estamos na quarta dimensão. Na verdade, eu sou a quarta dimensão agora.

Foi difícil achar meu corpo mais jovem

— Quarta dimensão...

— Eu apenas te mostrei isso para poupar tempo de explicar. Você não iria acreditar em mim, eu precisei, e mesmo com o tempo parado ele flui e eu tenho que correr contra ele. É complicado, então vou poupar tempo, ouve uma guerra, anjos, demônios, a terra já era. Eu voltei para impedir, não vou poder me despedir de ninguém, e nem vou voltar a ver vocês. Foi bom o tempo que passei com vocês, minha família, e você, meu único e verdadeiro amor, mas agora é hora de fazer algo que eu não tenho a mínima ideia de como fazer, então, se despeça de todos por mim. Foi um prazer lhe reencontrar

— Como assi....

Eu a faço parar de falar, retiro o tempo sobre ela também. Não aguentaria falar mais, eu poderia acabar ficando ou sei lá o que. Começo a andar, passo por cada detalhe dela sobre o tempo, seus cabelos totalmente imóveis, pretos como a noite, ahh, quantas vezes já lhe disse essa frase, não é mesmo? Quando começo a olhar suas feições eu me dou conta do tempo perdido e saio andando.

Estou longe, andando pela estrada. Encurto o caminho a minha volta através da manipulação da quarta dimensão. O caminho se acelera e eu só curto a vista, vejo desertos, animais, pessoas que logo irão morrer, quer dizer, eu voltei para impedir o fim do mundo, mas como eu vou impedir a porra de um guerra entre anjos e demônios? Nos focamos tanto em voltar ao passado, (nunca acreditamos que daria certo) que nem sequer pensamos em como impediríamos a guerra quando eu estivesse aqui.

Continuo caminhando pela estrada, mas o tempo se normaliza. Olho ao redor, tudo normal, não consigo mexer no tempo. Não era para isso ter acontecido, me viro, há um uma espécie de lanchonete agora. Não havia absolutamente nada aqui antes, como assim? Decido entrar, vejo pessoas comendo, vivendo, isso não era para ter acontecido. Eu parei o tem...

— Olá, o senhor aceita uma xicara de café?

— Ham...

— Café, o senhor aceita?

A atendente me parecia uma pessoa normal, um pouco acima do peso, mas ainda assim, normal, que porra está acontecendo?

— Eu aceito sim, muito obrigado

Me sento perto do balcão e ela me serve o café, a senhora me dá exatamente três cubos de açúcar, é exatamente como eu tomo.

— Acertou na mosca nos cubos de açúcar

— Impossível errar, não é mesmo? (risos)

— Como assim? O que quis dizer com isso?

— O tempo nunca erra

Essas palavras mexeram com a minha cabeça, onde eu estava? Quem eram essas pessoas? Eram mesmo pessoas? Como meu poder sobre a quarta dimensão não afeta esse lugar? Eram muitas perguntas e eu não tinha a mínima ideia de como responder a nenhuma delas

— Uma gota não modifica o tamanho do rio

— O que? O que quis dizer com isso?

— Se não compreende, nem merece estar aqui

Neste mesmo instante tudo ao meu redor vai se desfazendo aos poucos em uma espécie de areia. Fico imóvel, não entendo a situação, fico a observar todo o lugar se esvair e logo noto que estou sozinho na estrada de novo.

Andando pela estrada eu penso; o que diabos ocorreu? Algo aconteceu mesmo, ou será apenas delírio? O sol é forte, mas nada me afetaria na quarta dimensão. Eu estava preso no tempo, andando por ele e sou intocável ali. Isso não deveria ter acontecido, me tirou o foco da missão, eu já não tenho tempo, provavelmente nem o tempo será capaz de impedir essa maldita guerra divina, preciso me focar nisso. Não há tempo para pensamento alheio, a terra depende disso agora.

Depois de horas navegando pelo tempo parado é necessário sentar e pensar a que lugar isso vai me levar, eu vou decepcionar todos que apostaram em mim? Vou falhar com o destino da terra? Enquanto me faço tais indagações algo grandioso acontece. O tempo começa a fluir, mas não normalmente, ele se acelera exponencialmente, não consigo controlá-lo, não piloto mais, agora sou um passageiro. Vejo o tempo como a luz, e em alguns segundos me encontro envolto entre anjos e demônios. Seres alados com espadas e asas deslumbrantes, misto com seres escuros como a mais densa das trevas, mas, milagrosamente o tempo está parado e eu tenho tempo para apreciar tudo isso, me sinto entrelaçado...

— Olá

Me viro e vejo um ser envolto em uma luz azul, mas seu azul é diferente de todos que já vi...

— Não vai me responder?

Devo admitir minha apreensão em estar sob toda essa bagunça, mesmo assim mantenho a calma e inicio um dialogo

— Perdoe meus modos, não estou acostumado a ter dias como esse

— Oh, pois o senhor mexeu com o tempo. Que tipo de dia esperava?

— Um em que a guerra fosse evitada e a terra salva
— Receio que isso é um pensamento um tanto romancista, Senhor
— Romancista? Então salvar a terra é só um sonho?
— Um sonho de poetas de outrora, mas não posso lhe culpar por tentar. O que já se fez não pode ser desfeito
— Estamos aqui, podemos impedir isso. Se essa guerra não acontecer a terra será salva
— Isso é um reflexo do que já aconteceu. Eu sinto muito, mas o tempo é absoluto.
— ... Isso não é real?
— O seu reflexo no espelho é tão real quanto você queira
— Quem é você?
— Eu sou apenas Ele. Agora que minha mensagem já foi entregue, eu posso me retirar
— O que eu faço?
— O que você quiser, Senhor.

E em um segundo Ele se esvai, levando consigo minha esperança. Eu olho em volta e vejo reflexos de um mundo outrora vivido, de uma guerra outrora ocorrida. Será que é isso mesmo? Tudo a minha volta são apenas reflexos?

Eu faço cada um desses anjos e demônios desaparecerem, provando o que eu já sabia. Transformo tudo ao meu redor, gelo, neve, mata, deserto, solidão. Nunca poderia dar mesmo certo, não é? Eu volto para meus pais e para a mulher que amei. Olho para eles, estáticos, feições perfeitas, são reflexos perfeitos da realidade.

Eu poderia soltar o tempo e viver aqui. Seria como uma simulação perfeita da vida, exceto por um detalhe, eu saberia, sempre saberia. Não conseguiria viver assim. Desfaço tudo, as pessoas, o planeta, a galáxia, o universo, tudo. Fico preso ao nada e com isso me indago, o que realmente é esta dimensão? Tempo? E se sim, o que somos nós para o tempo?

Duas mãozinhas macias cobriram meus olhos:

— Adivinha quem é?

— Humm... Acho que é a Genoveva.

— Não!

— Então deve ser a Astrogilda.

— Errou, bisa! É a Clarinha!

Abracei aquela menininha fofa de três anos, rindo alto. Minha filha e minha neta mais velha riram também. Minha neta mais nova, adolescente, deu um sorrisinho irônico, desdenhando da brincadeira. Eu compreendi. Também tive aquela idade. Já fui todas aquelas mulheres, inclusive. Vivi todos os seus anseios.

Então ficamos conversando. As mulheres da minha vida me contaram sobre a semana corrida delas e eu fiz minhas observações acerca da pasmaceira dos meus dias. Quando teimava em não deixá-las partir, Clarinha tomou a palavra com propriedade:

— Não precisa ficar triste, bisa. É só usar este relógio.

E me deu um pequeno relógio cor-de-rosa cheio de brilho.

— Ele é mágico! Vai fazer a gente voltar rapidinho!

Percebendo minha surpresa, a mãe dela baixou os olhos e explicou:

— Ah, vó! A Clarinha andou sentindo minha falta na creche. Eu também sinto falta dela, mas tenho que trabalhar. Por isso, falei que o tempo passaria mais depressa se ela usasse esse relógio.

— Então você vai precisar dele, Clarinha!

— Não, bisa, meus amiguinhos estão fazendo o tempo passar rapidinho. Acho que eles são mágicos também — sussurrou.

*

Agora todo mundo aqui do asilo acha engraçado esta velha desfilando com o tal relógio. Passo as horas repetindo esta história.

Puxa vida! Acabo de sentir duas mãozinhas cobrirem meus olhos. “Adivinha quem é?” O relógio é mesmo mágico!

O TEMPO PASSEIA NAS RUAS DA PEQUENA HAVANA

Adnelson Campos

Eu caminhava pela praia, as ondas tocavam meus pés. Era fim de tarde, num dia frio. Não havia mais ninguém na areia. Havia apenas o barulho do mar, das ondas que quebravam nos rochedos do fim da praia. Olhei para leste onde a imensidão e a solidão das águas se faziam infinitas. Mais uma vez me peguei a perguntar: Viajamos no tempo? Vivemos mais de uma vida? Acumulamos memórias dessas vidas ou das vidas vividas por quem veio antes de nós? Não cheguei à conclusão nenhuma. Às vezes penso que talvez eu tenha vivido apenas um sonho, mas tudo parecia muito real.

Procurei viver da melhor forma, mas não encontrar uma resposta e ainda guardar o sentimento vivido me impediam de levar uma vida normal, muito embora eu não tenha a certeza do que seja viver normalmente. Um pensamento me consolava: se vivi uma vida passada, ou se viajei no tempo, ou ainda se levo comigo experiências ancestrais, uma das alternativas ou todas são possibilidades eternas. O que me resta e a espera.

Tudo surgiu quando atravessei o atlântico pela primeira vez e pousei na Espanha. Depois de pernoitar na capital espanhola, fui para a cidade de Cádiz, na região da Andaluzia, região de partida de muitas das expedições de descobertas que resultaram na ocupação das Américas. Talvez isto tenha originado o apelido carinhoso da cidade: a Pequena Havana, dada a sua semelhança arquitetônica com a capital cubana. Muito embora eu acredite tenham sido os construtores de Havana que devem ter se baseado nos traços de Cádiz para a construção de sua cidade.

Fiquei ansioso para conhecer um pouco da história do lugar e nada melhor do que caminhar pelas ruas de uma cidade para aprender um pouco sobre os hábitos de seu povo, sobre sua cultura. Sempre achei que haveria algumas semelhanças com nossos costumes, surpreendi-me com o que encontrei.

O povo espanhol é muito religioso, predomina o catolicismo e na pequena cidade, a exemplo do que ocorre em todo o país, existem muitas igrejas, algumas mais simples, outras mais ricas e até algumas exóticas.

Passando por uma das *calles* estreitas pude perceber o movimento de entrada em uma das construções antigas do local e quando foi aberta uma pequena abertura instalada em uma porta maior, de madeira e amarrada por peças metálicas e muitos cravos, pude ouvir cantos religiosos que me pareciam familiares. Entrei.

Embora externamente não parecesse, era uma igreja, pequena, mas com um enorme pé direito, um belo altar esculpido em madeira e que ocupava toda a parede. Possuía muitas imagens e esculturas representando as principais personagens da história da igreja católica.

Antes de começar a missa, um grande grupo de pessoas rezava uma novena. Após observar por alguns instantes, fui transportado para a minha infância, época em que frequentava as aulas de catecismo. Minha professora era a minha tia. Muito religiosa, costumava puxar o terço nas novenas da pequena capela de nosso bairro ou nas casas de pessoas da comunidade. Depois de algum tempo acompanhando-a em sua missão voluntária, em muitos dos eventos eu mesmo passei a puxar o terço. Memorizei cada uma das etapas, os tempos necessários e os cantos de costume.

De repente eu estava lá, no velho continente e embora o idioma fosse outro, eu me senti à vontade para repetir o ritual das novenas de infância. A mesma entonação, o mesmo ritmo arrastado das rezas e cantos sem acompanhamento de instrumentos musicais. Refleti sobre o ocorrido e cheguei à conclusão de que aqueles costumes atravessaram a barreira do tempo e resistiram por pelo menos quinhentos anos, mantendo aqui no Brasil a fidelidade às origens que parece ser comum para espanhóis e portugueses.

Porém, esta não foi a única vez, durante aquela visita, que eu me transportaria no tempo, não numa lembrança de infância, nesta mesma vida. Minha viagem foi mais longa, atravessou séculos.

No fim de tarde, na beira da praia, olhei para o mar. Tentei imaginar o meu país no outro lado, depois de acabado o oceano, que parecia infinito e lembrei que somos uma mistura de povos e de culturas. Pensar que aqueles que vieram do velho continente para cá e nos antecederam também sofreram a influência da miscigenação e da migração dos povos da própria Europa, Ásia e África é algo curioso. Nós, cidadãos deste mundo temos muito mais em comum, uns com os outros, do que podemos imaginar.

A noite não demorou a chegar e o ambiente parecia permitir a sensação das emoções vividas pelos antigos habitantes do local, impregnado de histórias e dos fantasmas dos povos que ali habitaram. Tudo parecia voltar a vida sob as luzes artificiais ou nas sombras e fachadas dos sobrados, construídos nas ruas estreitas, calçadas com pedras.

Por alguns instantes me distraí e virei na rua errada. Ao contrário das demais, ela estava vazia. Nas outras ruas as famílias se reuniam em frente às casas, no fim de tarde, início da noite para conversar e o burburinho era acentuado. Ali, apenas silêncio. Nem as luzes dos sobrados estavam acesas. Eu podia ouvir o som dos meus passos sobre a calçada. Por alguns instantes, a energia elétrica faltou. Parei. Tentei me ambientar e forcei a visão tentando enxergar algo.

Ouvi um sussurro: Cassius, que bom que voltou! Não era o meu nome, mas senti como se fosse. Atrás de mim, percebi o movimento rápido de alguém que vestia branco e que desapareceu na curva da rua estreita. A luz voltou e com ela o vai vem de pessoas.

Pensei estar cansado, estava vendo ou deixando de ver coisas. Pedi a um velho senhor informações de como voltar para o hotel. No caminho de volta, busquei a mulher que me chamava, porém não sabia que rosto procurar.

Naquela noite demorei a dormir, procurando explicações para o que acontecia. Antes de conseguir pegar no sono, levantei e abri a janela do quarto. Na sacada,

a brisa que soprava e o som das águas do mar me trouxeram a memória um posto de guarda. No horizonte nada além da luz de um farol e o do brilho ofuscado de algumas estrelas, que começaram a ficar escondidas por uma forte neblina que se formava. Na realidade, não havia farol ou neblina, apenas as luzes rápidas dos carros que circulavam na avenida.

Muitas vezes eu tive a impressão de já ter estado em algum lugar que visitara pela primeira vez, porém, agora, eu não identificava pontos de referência de visita anterior ou paisagens já vistas, apenas sensações. Uma delas era de perda, de vazio e eu não sabia o porquê.

O dia seguinte começou chuvoso, mas logo depois deu lugar a um céu de azul absurdo e muito calor. Decidi abrigar-me e fui até um dos museus da cidade. Sob o ponto de vista do conhecimento, foi um dos momentos de maior aprendizado em minha vida, até então. Mais do que isto, me permitiu resgatar algo que eu nem imaginava ter experimentado.

Embora Cádiz seja um museu a céu aberto e em cada escavação ou demolição que ocorra na cidade sejam encontrados vestígios de civilizações anteriores, o Museu de Cádiz, um prédio muito bem cuidado, guarda um acervo organizado cronologicamente que representa muito bem todas as fases da ocupação do lugar ao longo da história.

Na instalação são encontrados objetos da idade do bronze, da passagem dos fenícios que usavam o lugar como ponto comercial e a partir daí das civilizações que ocuparam ou invadiram a cidade como os mouros, os romanos, ingleses e outros.

Muito me impressionou o desenho e a qualidade empregados na confecção de joias antigas, expostas no local. Tais objetos são anteriores a era cristã, porém servem de inspiração para os atuais designers e outros artistas. Não menos antigos são objetos fabricados em vidro das mais diversas cores e formatos.

Eu me surpreendia com o que eu encontrava em cada sala. Tanto com aquilo que o homem era capaz de construir, quanto com o seu poder de destruição. Mas nada me tocou mais do que um achado na sala da Época Romana.

Lá era apresentada parte de um cemitério, transportado até lá, com um túmulo aberto. Na cova um esquife de vidro que envolvia um esqueleto deitado de costas. Aos seus pés uma placa com as inscrições “Aqui jaz uma cidadã de Pompéia amada e querida pelos seus”. A cena dos restos mortais ali expostos me trouxe lembranças que me pareciam há muito esquecidas. Os ossos resistiram aos mais de dois mil anos.

Não deveria, mas me senti tentado a tocar numa pedra que envolvia o túmulo. Voltei a 118 a.C. Lucila era a esposa de um dos homens fortes de Roma que dominavam o lugar. Sim, eu a conheci, eu a admirei. Não consegui protegê-la. Imediatamente as lágrimas começaram a rolar em minha face, num choro desesperador.

Muito jovem, ela saiu da casa de seus pais, em Pompéia, direto para um navio que a levaria até a região gaditana. Lá viveu por quase dez anos, isolada na área fortificada da cidade romana em território espanhol. Até então estava segura, porém afastada da realidade fora das muralhas.

Ela se revezava nas atribuições de mãe e de esposa de um general, o que incluía comparecer a eventos públicos para ser admirada pela multidão que era obriga-

da a saudar seus governantes.

Eu, o chefe da guarda, responsável por protegê-los. Um humilde escravo, transformado em soldado. Dada a minha condição, reprimia meus sentimentos. Doía ainda saber o quanto ela era infeliz em sua condição de esposa, preterida pelo marido que preferia as festas e o sexo com as escravas de seu Império.

Lucila tinha os cabelos castanhos, ligeiramente ondulados, compridos, lembravam a própria Eva no paraíso. Em meus sonhos, o desejo de senti-los pendentes sobre o meu rosto num beijo se repetia.

O olhar dela era profundo, vibrante, cheio de vida. Seus olhos, seu cartão de apresentação. Como podiam tais olhinhos penetrar tanto na alma de alguém? Eu me imaginava redesenhando os contornos de suas sobrancelhas com meus dedos.

O brilho que emanava daqueles olhos me dava força, me fazia sonhar e acreditar que valia a pena viver. Em outras horas, quando eu lembrava que era impossível tê-la em meus braços, o vazio tomava conta do peito e a vida não fazia mais sentido. A cada dia que passava, a esperança se renovava e logo depois desaparecia quando ela se recolhia aos aposentos com o marido.

Também presenciei, calado, suas lágrimas, doces, sinceras e que vinham em cascata nos seus momentos de solidão. Ela parecia confiar em mim, caso contrário, não deixaria que eu presenciasse tais momentos.

Inteligente, perspicaz, era capaz de traduzir num sorriso todo o seu pensamento. Os sorrisos, por sinal eram raros, mas capazes de desmanchar o coração de um homem.

Certa vez, arrisquei aproximar-me. Ela, respeitosamente me afastou. Lembrou-me de seu compromisso e da minha jura de lealdade ao Império. Porém, quando ela disse que o coração não obedece às leis, nem escolhe o que sentir, quando sentir ou por quem sentir, enchi-me de esperanças.

Passaram-se alguns anos até que eu pudesse tê-la em meus braços. A pouca distância, eu pude perceber os contornos do corpo que transformavam a pequena em grande mulher.

Sua pele alva, confirmava sua pouca exposição ao sol e ao mundo. Apesar de suave ao toque, me despertava os mais ardentes desejos.

Sua boca pequena, seus lábios finos transformaram-se no beijo. Eram doces, contagiantes, sufocantes. Valeria a pena morrer para tocá-los novamente.

Durante os segundos que permaneci ligado aos seus lábios, o tempo pareceu perder a lógica e eu pensei que a eternidade fosse possível. Voltei à realidade quando assustada ela empurrou-me pelo peito e desesperada correu para longe do jardim.

Naquele momento, restaram-me o perfume das rosas e a lembrança do cheiro dela em minhas mãos. Queria poder gritar, falar sobre o meu sentimento. Sufoquei minhas lágrimas.

Me afastei, porém, seus olhares mostravam que ela continuava desejando estar comigo e em certo dia, quando marido saiu numa missão, convidei-a para os meus aposentos. Ela, para minha surpresa, aceitou.

Quase todos dormiam e pedi que homens de confiança vigiassem as passagens. Correndo riscos, ela veio até mim. Lembro de seu rosto assustado, dos passos

lentos, como quem não quer chegar. A mulher feita, parecia assustada. Olhando para ela, parada, em pé diante de mim, eu só queria que ela me beijasse, me tocasse, se entregasse totalmente.

Ofereci-lhe uma bebida, o que ela não quis. Contive meus sentimentos, minhas vontades, minha ansiedade por abraça-la e conversamos durante algum tempo.

A voz suave, doce, expressava todo o romantismo que possuía e também mostrava toda a sua força, sua opinião ou descontentamento. Tudo sem perder a ternura.

Entre lágrimas e sorrisos, falou-me de seus sonhos, da sua infância à sombra do Vesúvio e às margens do Mar Tirreno. Recostou sua cabeça em meu ombro, acomodou-se por alguns segundos e depois tocou os meus lábios num beijo.

Levantamo-nos. Lenta e suavemente comecei a tirar suas roupas. O frio tomava conta do seu corpo que então se arrepiava. Fez-me bem pensar que fosse o meu toque que provocasse tal reação nela.

A cavidade do pescoço, as curvas da cintura, tudo convidava para o carinho. Minhas mãos pareciam ter nascido para repousarem ali. Beije todo seu corpo. Deitei-a e continuei a acariciando.

Quando comecei a deitar-me por sobre ela, faltou-lhe o ar e ela pareceu desesperar-se. Eu não queria sair dali. Pensei em quanto eu a desejava, em quanto eu queria que ela fosse a minha mulher.

Porém, pedi-lhe calma e deitei ao seu lado. Ela levantou e começou a vestir-se rapidamente. Eu a segurei pelos braços por alguns instantes e lhe disse o quanto a amava.

Ela baixou a cabeça e dirigiu-se em direção a porta. Voltou-se para trás e o meu coração encheu-se de esperança. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ela sorriu timidamente, acenou e saiu.

Eu apenas queria fazê-la feliz, mesmo que por um instante. Não a vi nos dias que se seguiram e a angústia só aumentava.

Duas semanas depois ela surgiu, compareceria ao Teatro Romano. Em seu rosto, olheiras profundas e pouco brilho no olhar. Evitou cruzar seus olhos com os meus. Eu fiz parte de sua guarda durante o percurso. Na saída ela parecia mais leve e pude perceber até um discreto sorriso enquanto conversava com outra senhora do grupo.

No caminho de volta, o grupo que formávamos foi atacado por alguns rebeldes que queriam vingança pelo massacre ocorrido em uma pequena aldeia, no dia anterior, onde outros soldados romanos, à procura de um ladrão invadiram a casa de pessoas inocentes e tiraram suas vidas de forma vil e despreocupada.

Na confusão, entre gritos e empurrões da multidão, ela foi vítima de uma lança improvisada, atirada na direção de alguns soldados. Ela agonizou nos meus braços. Seus lábios mal tiveram força para dizer que me amava.

Eu mesmo ajudei a preparar sua cova. A chuva que caía ajudava a disfarçar minhas lágrimas, inexplicáveis naquela circunstância.

Não dormi nas três noites que se seguiram. Também não me alimentei. Em cada canto daquela cidade e a procurava. Sabia que não seria possível reencontra-la,

mas meu coração e meu cérebro tentavam me convencer do contrário.

Caminhei pelo jardim onde eu costumava encontrá-la. Apoie-me no tronco de uma das árvores que sombreavam o local. Fechei os olhos por alguns instantes e me desliguei de tudo. Senti um leve toque em meu ombro e pensei ter ouvido meu nome, Cassius, num sopro em meu ouvido. Virei-me e me vi de volta ao presente contemplando seus ossos, numa cova solitária.

Talvez tenha sido só um sonho, vivido à luz do dia. Mas se somos influenciados por vidas passadas, ou possamos viajar no tempo, talvez Cádiz seja o meu portal para o passado. Aquele também foi meu último dia lá. Hesito em voltar.

Talvez aquela experiência explique porque eu não tenha conseguido encontrar alguém que me importasse de verdade. Se eu estou aqui, nessa vida, quem sabe ela esteja em algum ponto esperando por mim. Se não, quem sabe eu a encontre em outra vida futura — pensei.

O vento começou a soprar ainda mais frio. Depois de descansar um pouco, sentado na areia, me levantei. À distância, apesar de já pouca luz pude perceber que mais alguém caminhava pela praia. Por instinto, eu queria me aproximar rapidamente, mas minhas pernas pareciam pesadas.

A figura curvada para frente, cabeça baixa, parecia não notar a minha presença. Já mais perto, eu pude perceber uma mulher, vestindo branco, cabelos soltos ao vento. Carregava os chinelos nas mãos e chutava levemente as águas que molhavam seus pés.

Ela parou, virou-se para o mar e começou a avançar lentamente. Soltou os chinelos e começou a afundar nas águas. Tentei me aproximar o mais rápido que pude, minhas pernas continuavam não obedecendo. Eu não chegaria a tempo. As águas agora pareciam enfurecidas. O corpo dela flutuava ao sabor das ondas e ela não reagia, não se debatia.

Finalmente, consegui chegar até ela. Arrastei-a até um ponto mais seguro nas águas, a apanhei no colo e com todas as minhas forças caminhei em direção à praia.

Apesar da diferença no corte de cabelo era ela, um pouco mais jovem, mas ela: Lucila. Ou seria alguém muito parecido?

Deitei-a na areia. Olhei em volta para pedir ajuda. Não havia ninguém. Retirei um colar que ela usava para não a machucar, e coloquei em meu bolso. Usei um pouco do que aprendi num treinamento de primeiros socorros para manobras de ressuscitação, sem resultado.

Mais uma vez eu não tinha chegado em tempo de protegê-la. Desta vez nem consegui ao menos algum tempo ao seu lado.

Corri desesperado em direção às luzes mais próximas para pedir socorro. Encontrei um garoto e pedi o telefone celular emprestado. Esperei por ajuda ali mesmo. O carro do Corpo de Bombeiros chegou rápido e ajudei-os a carregar os equipamentos em direção à praia.

Não a encontramos. Pensei ter errado o ponto da praia e corri como louco tentando localizar o seu corpo.

Os soldados tentaram me acalmar, repetiram muitas vezes as mesmas perguntas. Entendi que me achavam perturbado. Me levaram a um hospital, depois para

uma delegacia. Eu não conseguia explicar o que estava acontecendo, ninguém acreditaria nas minhas visões. Talvez eu estivesse enlouquecendo mesmo.

As lembranças da garota, inerte em meus braços não saíam do meu pensamento. No quarto dia, decidi sair para trabalhar. Voltei para casa muito tarde. Passei boas horas vagando pelas ruas. Não tive coragem de voltar àquela praia.

Quando cheguei em casa, sobre a mesa havia um bilhete e o colar. Eu havia me esquecido dele. A empregada o achara quando colocou a roupa para lavar. A conjunto era feito em prata. A medalha, um Denário perfurado e com a estampa de Tibério Graco, Cônsul Romano, parecia recém cunhado, apesar dos seus quase 2.200 anos. Se a corrente e a medalha eram reais porque ela não seria? Como uma outra jovem, em pleno Século XXI o usaria.

Naquela noite dormi segurando a medalha.

Acordei com as batidas de um policial em minha porta. Estavam dando por encerradas as buscas da garota. Ninguém havia relatado o sumiço de qualquer pessoa no período. O homem não perdeu a oportunidade de me dizer que continuavam me monitorando, pois eu era suspeito do desaparecimento de uma mulher que, em princípio, ninguém acreditava existir.

Tomei uma ducha e uma xícara de café amargo para despertar. Depois, sentado em frente à janela, em um ambiente mais claro, comecei a analisar a moeda. Além do nome do Consul, haviam numerais intercalados por letras. Entretanto, não pareciam representar datas ou algo parecido.

Transcrevi os dados para uma folha de papel e tentei organizá-los para uma possível decodificação. Foi mais simples do que eu imaginava. Eram coordenadas geográficas: 36 31 42 N 6 17 37 W.

Lancei os dados num localizador e encontrei o Teatro Romano de Cádiz. Eu precisava voltar. Quem sabe lá eu encontrasse a chave para uma passagem no tempo e voltar a encontrá-la.

Decidi deixar tudo o que eu tinha e viajar até lá. Os recursos seriam suficientes para passar algum tempo sem trabalho e buscar uma forma de encontrá-la.

Já se passavam dois meses desde o meu retorno à Cádiz e depois de muita pesquisa, de vasculhar cada canto e corredor do Teatro, não encontrei nada que me deixasse mais perto dela.

Decidi voltar ao Brasil. Antes caminhei mais um pouco pela cidade e já me aproximava do Teatro Romano, indo pela *Calle San Juan de Dios*. A medalha estava em minhas mãos e eu olhava para ela enquanto caminhava, distraidamente. Não percebi a aproximação de dois sujeitos. Apontaram-me uma arma e pediram minha carteira. Entreguei sem reagir. O segundo sujeito tentou tirar a medalha de minhas mãos. Resisti.

Como reação, ele me deu um tiro. Senti a queimação no peito e caí de joelhos. O homem jogou a medalha a meu lado. Com esforço, consegui apanhá-la. Tudo escurceu. Eu não sentia dor, mas meu corpo ainda pesava.

Caído no chão, consegui abrir os olhos e percebi que ela se aproximava. Lucia sorria e seu sorriso me trazia paz. Estendeu a mão para mim. Levantei-me e a segui pela porta que se abria num dos arcos da lateral do Teatro Romano.

OLHOS DE BOTÃO, CABELOS DE ALGODÃO

Gisela Lopes Peçanha

— **Mãe, o robô chegou!** — Bradou, eufórica, a menina que mal aguentava o peso do pacote.

— **Abre, Miuska!** — Incentivou a mãe, também ululante, diante da cena de farta alegria.

E sentaram-se as duas, a rasgar o papel: tais quais duas coleguinhas infantis.

— **Olha mãe...! Ela é linda!**

Então, surgiu (*diante daqueles olhos arregalados e brilhantes*), um robô feminino de 1 metro e trinta, com tranças e rosto perfeito.... Como se humana fosse. Uma quase menininha... nascida e vinda, direto da fábrica.

Era uma tarde de puro leite; sem irmãos para brincar, a menina tinha três robôs: o primeiro, falava e cantava; o segundo, andava; e o terceiro, recém-chegado, tinha a forma de uma garotinha (*parecida com ela*) que: falava, cantava, andava, e demonstrava alguma reação — quando era tocada. Havia sido o robô mais caro — *de última geração*.

E lá ficaram, por horas a fio, sentadas no tapete da imensa sala — dando tratos à bola, a fazer o robô funcionar.

Foi quando, a interromper momentaneamente o colorido deste festejo, surgiu a bisavó Nina: vinha ela, com seus ainda fartos cabelos brancos... enxergava pouco, os ossos doíam muito, mas tudo era o preço oneroso pelos seus quase cem anos de vida... e trazia uma bandeja trepidante, com chá bem quente e biscoitos de manteiga.

Fora uma grande pintora de bonecas Marioskas; nasceu muito pobre, e só conheceu o que é a riqueza, quando a neta se casou com um grande magnata da indústria cibernética. Mas nada disso jamais lhe significou muito — ou nada.

Bisa Nina já havia presenteado Miuska com dezenas de bonecas pintadas por ela, mas a menina não dava o menor valor... alegava que é muito estúpido brincar com bonecas de madeira, quando se pode ter um robô quase humano! E, de verdade, isso entristecia a bisa; pois, por conhecer a pobreza (*e não ter tido brinquedos*), não compreendia esses tempos modernos. E vazios.

Após servir o chá, a velha senhora sentou-se em sua cadeira feita de pinho, e disse:

— **Miuska, a bisa está fazendo uma boneca linda para você!** — Disse a velhinha, com os olhos vibrando.

— **Boneca de madeira não quero, bisa...** — Refutou a menina, abraçada ao robô.

— **Não é de madeira não, meu amor...é de pano.**

E a menina olhou fixamente para aquela mulher enrugada, com uma expres-

são de puro desdém. “*Uma boneca de pano, quando tenho bonecas que andam e falam...*”

— Pensou.

— ***Não quero, bisa.*** — Sentenciou, rispidamente.

A anciã levantou-se chorosa e se encaminhou, trêmula, ao seu quarto. Apagou a luz, e cobriu-se.

Passado algum tempo, percebeu um pequenino vulto na penumbra, vindo em sua direção. Arregalou os olhos e enxergou Miuska, diante dela.

— ***Bisa, quero ver a boneca de pano...*** — Disse, meigamente, a menina — enquanto ia se aconchegando debaixo das pesadas cobertas: numa mescla de arrependimento por ter respondido tão duramente à velhinha, aliada a uma real curiosidade de como seria uma boneca de pano... A bisa, prontamente levantou-se com dificuldade e abriu seu baú de quinquilharias, pegando a boneca de pano que estava confeccionando para a menina. Mas ainda não estava pronta. Apenas o corpinho estava feito. Não tinha cabelos, nem roupas, nem vestido ...e, os olhinhos, eram tão somente dois botões negros. E o cabelo, um chumaço de algodão.

As duas começaram a fazer planos de como a boneca ficaria. Miuska pediu que ela tivesse um vestido com bolinhas brancas num fundo azul marinho, igual ao que a bisa vestia; e pediu, também, para manter os cabelos de algodão. Para que a boneca se parece com ela...

— ***Quer que a boneca se pareça comigo, meu amor?*** — Indagou a senhorinha comovida, com um embargo na voz fraca.

— ***Sim, bisa! Com este cabelinho branco, e vestido cheio de bolinhas...e quero que tenha óculos também! Iguais aos seus!***

O que prometia ser uma noite fria debaixo das cobertas e de sono pesado, transformou-se numa noite em claro. Miuska — *já pregando os olhinhos* — foi dormir em seu quarto, mas Bisa Nina trabalhou a noite inteira, a fim de terminar de costurar a boneca e deixá-la pronta. Fez o vestidinho com um retalho que tinha sobrado do que ela usava; colocou meias compridas pretas, como as que aqueciam seus pés; fez o coque com o algodão e, os óculos, desenhados sobre o tecido branco. A boneca estava ficando tão perfeita e parecida com ela, que até as marcas da velhice foram desenhadas no rostinho. Nem mesmo o xale com estampa de rosas, que ela sempre usava, foi esquecido: fez igual, para a boneca. Satisfeita e feliz com o resultado, ainda borrifou gotículas de seu perfume, para que ela tivesse o seu cheiro. Colocou a boneca sentadinha em sua cabeceira, a surpreender Miuska, assim que o dia raiasse. Ajeitou com todo zelo, ainda dobrando as perninhas, com as mãozinhas sobre elas.

E, fazendo os arremates finais da bonequinha, lembrou-se de sua infância e de seu pai lenhador, que costumeiramente fazia bonecas com troncos que sobravam do eucalipto cortado...as únicas bonecas que teve na vida, tinham um corpinho tão duro, mas eram tão cheirosas como o perfume aerado das florestas. Sua mãe bordadeira — *e exímia costureira das senhoras de famílias ricas* — ornava aqueles tocos com vestidos quase de gala, bordados com coloridas lantejoulas: sobras dos retalhos de vestidos que confeccionava para as damas da cidade. Olhos e cabelos, as bonecas não tinham: mas sua mãe os esculpia, primorosamente, com cera quente de vela.

E os olhos de Nina lacrimejaram, numa mistura da felicidade grande que nu-

tria em seu peito, com a cândida saudade de seu passado. Lembrou-se de cada boneca de tocos que recebeu de seu pai.

Quando cresceu, porém — *durante uma grande nevasca que durou dezenas de dias* — todas as suas bonecas foram jogadas ao fogo, na lareira: pois, a lenha havia sumariamente acabado, e seu pai estava muito doente e precisando de calor. E a menina Nina viu — *uma a uma* — suas filhinhas de madeira morrerem queimadas diante de seus olhos. Neste dia, compreendeu o que é a real amargura da vida...e foi o momento no qual soube que sua infância havia terminado. Para sempre.

Tentando desligar-se das lembranças pungentes que povoavam sua mente, bebeu um pouco de chá morno. Ainda deu uma passada de olhos na boneca (*que estava prontinha*), como que aguardando o amanhecer, para o grande encontro com Miuska. Ficara exatamente como ela havia perdido.

A velha senhora se deitou. Quase nada sentindo do intenso frio lá de fora, lembrando da quentura do colo de sua mãe, do abraço apertado de seu velho pai, do toque de suas mãos rudes acarinhando seu rosto. A alegria que aquele velho homem das montanhas exalava, cada vez que talhava uma nova boneca para a filha tão amada, era a memória mais doce que ela carregava em sua alma ...então, fechou as janelas do passado, e de seus olhos fundos — e adormeceu. Profundamente.

Muitos anos depois, mais uma noite aconteceu. E, como quase sempre, era uma noite congelante. Miuska chegou cansada do trabalho, retirou as botas brutas e o casaco pesado, e preparou um chá fervente; mas, antes, deu um beijo em seu marido (*que trabalhava na mesa da sala*) e, logo após, foi ver a filha que já dormia — abraçada a uma boneca de pano com olhos de botão, e os cabelos de algodão: que, agora, já estavam bastante amarelados e faltando vários tufos...na carinha, havia um novo par de botões pretos.

A neve caía. A lareira aquecia. O estalar da madeira incandescente, soltava pequeníssimas fagulhas festeiras. Os ponteiros do relógio batiam exaustos, eternos, morosos: no ritmo das saudades, das despedidas, das perdas e dos recomeços... trazendo a certeza de que o tempo, é o vento.

E, na garagem da velha casa — *junto a várias caixas de ferramentas antigas e montoeiras de lenha* — via-se três sucatas de lata enferrujada: jogadas num canto qualquer. Que há muito não falavam, nem cantavam, nem andavam; muito menos tinham história... ou memórias a contar.

O espaço é pequeno. Escuro em sua maior parte. À esquerda, os vendedores. À direita, os viciados. Um lado certamente abriga mais almas que o outro. Em maior número, os Esquecidos se espalham até onde a vista alcança. Seus corpos se movem freneticamente enquanto seus olhos enxergam um mundo fictício. Um dia, ele foi real para alguém cujo nome se perdeu com o tempo.

Escondido por um longo e pesado casaco negro, caminho entre as filas. Cada uma delas leva a uma loja diferente. Afinal, as memórias mudam completamente de acordo com a necessidade de seu usuário. No meu caso, busco uma que... Na verdade, ainda não sei exatamente o que busco. Por esse motivo, continuo a transitar por esse lugar repulsivo.

— Interessado? — um homem indaga ao apresentar seu “produto”.

— Não, obrigado — sou obrigado a recusar os prazeres carnis oferecidos por aquele sujeito. A essa altura, minha alma não se contenta apenas com isso. Preciso de algo a mais. Algo que encontrarei ao final de alguma dessas filas.

— Tem certeza? — dentes podres exalam um odor desagradável.

— Saia do meu caminho! — exclamo ao empurrar o estranho. Durante um instante, todos me observam. Os olhares, no entanto, logo retornam aos seus lugares originais. Novamente escondido em meio à multidão, prossigo minha jornada.

Lentamente. Passo a passo. Chego a contá-los. Um. Dois. Três... Quarenta e oito... Distraído pelo cenário que me cerca, perco a contagem. O que vejo é mais relevante. Uma placa sinaliza exatamente aquilo que quero. “Memórias Ancestrais: séc. MMMM a.c. — séc. C d.c.”.

O que aconteceu antes de a humanidade se tornar o que é sempre me intrigou. Posso apenas imaginar como a vida era em 4000 a.c., aparentemente a data mais longínqua que uma memória foi capaz de ser adquirida. Creio que muito, senão tudo, mudou até os dias atuais. Milênios mudaram a sociedade, mas duvido que tenham mudado a essência do homem.

Para minha surpresa, a fila da loja em questão é pequena. A maioria dos Esquecidos busca prazeres efêmeros, como aqueles oferecidos pela “Grandes Eventos” ou pela “O Último Momento”. Tenho certeza que são experiências memoráveis, porém creio que nenhuma se compara ao que estou prestes a presenciar.

— Bem-vindo! — o mercador me saúda. — Interessado nos tempos antigos? — ele pergunta ao alisar seu longo e grisalho bigode. Vestido com uma roupa simples, o homem expõe grande parte de seus “atributos”. Assim como todo esse lugar, é uma cena repugnante.

— Sim.

— Excelente! — o vendedor se alegra ao ver o surgimento de seu mais novo cliente. — Quanto tempo quer ficar?

— Quais são as opções?

— Ora, homem! — ele ri. — São infinitas! — seu sorriso é estranhamente simpático, característico dos mercadores.

— Como assim? — rapidamente, o rosto do vendedor é preenchido por uma fisionomia confusa. O fato de essa ser minha primeira visita certamente o surpreendeu. Afinal, certamente sou um dos últimos a ceder aos desejos mais profundos de nossas memórias.

— É sua primeira... — ele murmura. — Então deixe-me explicar: você pode ficar quanto tempo quiser em qualquer período descrito na minha placa. Simples assim! Desde que eu tenha a memória, é claro.

— Entendi... — durante um breve momento, hesito. O que infectar minha mente com memórias que não são verdadeiramente minhas pode causar? O que a sociedade dos Esquecidos tem a me mostrar? Prazeres. Puro prazer. É isso que busco? Apenas isso? Por que anseio tão fortemente por algo que nunca tive? Uma abstinência sem nunca consumir a droga que a causa. Uma dor representada pelo vazio de meus olhos.

— Tome o tempo que quiser para pensar. Como pode ver, minha loja já não é mais tão popular por aqui... — o homem lamenta.

De pé em frente ao estabelecimento, observo as telas que demonstram os períodos antigos. O Império Egípcio. Os Impérios Asiáticos. O Império grego. São tantos que me perco nas imagens. A maioria delas foi feita justamente para atrair clientes, porém me permito apreciá-las.

— Acho que o Império Grego parece interessante...

— Excelente escolha! Tenho duas memórias desse período.

— Somente duas? — a revelação me desagrada. Espero que alguma delas seja aquilo que busco.

— Por que acha que ninguém vem aqui? A maioria já presenciou todas as memórias que tenho a oferecer... — ele confessa com um olhar entristecido e castigado por anos de esquecimento. — Você tem de entender que pouco restou daquela época.

— Faz sentido... — opto por não iniciar uma discussão. — Quais são as opções?

— Tenho uma que possui basicamente pessoas “importantes” da época e dura trezentos anos. E outra com cidadãos comuns e duração de mil anos.

— Vou querer a segunda — decido rapidamente.

— Tem certeza? — o vendedor se surpreende com a minha escolha. — Nunca vi alguém escolher essa antes da outra...

— É mesmo...? — balbucio.

— Mas, se essa é a linhagem de memórias que você quer, quem sou eu para questionar... — ele se vira em direção ao interior de sua loja. — Me acompanhe, por favor.

Guiado pelo vendedor, adentro o estabelecimento. Esculturas, certamente falsas. Pinturas, certamente reproduções. Artefatos antigos, possivelmente roubados. Uma enorme confusão de peças e objetos que representam cada período oferecido pela loja. Em um dos cantos, um cenário caracteristicamente grego.

— Aqui estamos... — o homem me apresenta a máquina. — Já que é sua primeira vez, creio que seja pertinente explicar o procedimento.

— Está bem — concordo ao me sentar na poltrona que serve de suporte ao aparelho. Embora tenha uma ideia de seu funcionamento, creio que seja interessante ouvir os detalhes de alguém que trabalha com isso há anos.

— Cada ano nas memórias é equivalente a um segundo aqui. Então você ficará lá por cerca de... 15 minutos? Mais ou menos isso... — ele diz sem muita confiança, após realizar o cálculo mentalmente. — Você viverá toda a linhagem dessa memória escolhida, desde o primeiro portador até o último — é incrível ouvir na prática como a manipulação genética evoluiu a esse ponto. — A transição, isto é, a morte de um ser da linhagem para o próximo, é feita de forma suave, de modo que você sequer perceberá.

— Se em algum momento eu quiser parar, como faço?

— Temo que não seja possível. Afinal, você apenas “verá” a memória dessas pessoas. De certo modo, você deixará de existir durante esses 15 minutos.

— Ou mil anos.

— É, esse também é um modo de ver... — ele sussurra. — Mas, como você não será você, essa passagem de tempo não será notada por sua mente. Não se preocupe, em nenhum momento se sentirá preso nessas memórias. Ao final delas, restarão apenas as lembranças dessa incrível experiência — o discurso de alguém plenamente preparado para a função que exerce me convence facilmente.

— Então vamos começar logo com isso — falo ao retirar o casaco.

— Senhor?! — o homem exclama, surpreso ao ver minha identidade. — O que faz aqui?

— Algum problema? — em seu rosto, ele expõe a total perplexão que domina seu corpo.

— Não, claro que não... — sua voz, trêmula e inconstante, revela o medo que o homem sente ao abrigar alguém como eu nesse lugar. — Achei que o senhor não se submetesse a isso.

— Questionando minhas decisões?

— Não, claro que não, senhor... — ele gagueja. — Podemos começar? — aos poucos, o homem parece compreender minha escolha em viver as memórias de alguém “comum”. Estou cansado de meu posto. Preciso presenciar uma vida normal. Por quinze minutos ou mil anos. Um segundo sequer seria o bastante.

— Sim — ao ouvir minha resposta, o vendedor rapidamente conecta a máquina ao meu corpo. — Espero que a notícia de minha visita não se espalhe. Caso contrário, saberei quem foi o delator.

— É claro, senhor. Eu nunca faria isso... — o mercador diz ao encaixar o último fio. — Pronto, senhor?

— Pronto.

Em um instante, o rei de tudo o que existe. No outro, apenas mais um dos Esquecidos.

O médico apontou tudo que sabia ser efeito colateral tentando, inutilmente, convencer o homem a reconsiderar sua escolha. Porém, a cada nova frase, mais resoluto ele se tornava. Loucura, dependência de remédios, perda total da visão e audição. Nada sequer diminuía o desejo de participar do experimento. Nas sessões prévias de terapia e acompanhamento, uma lacuna impossível de se preencher emergia. Não havia ninguém capaz de dissuadi-lo. Seria a primeira cobaia humana. No dia combinado, tudo pronto, ele se apresentou. Rosto inchado acusava abuso de álcool há poucas horas, mas seu sorriso não deixava espaço para qualquer dúvida: decidira e, decidido, participaria. Ele retirou as roupas, deitou-se sobre a maca e, como orientado, bebeu a solução. Mãos, pés e pescoço travados, posicionaram eletrodos em seu peito. Sobre a testa, o dispositivo foi assentado. Tão suave quanto pôde, a enfermeira perfurou sua pele, injetando o elemento final. Na última imagem clara, o médico surgiu diante de seus olhos, reforçando como se retorna do transe.

Recobrando a consciência, viu-se num infinito palco negro, sem bordas ou quinas. Não sentia nada do corpo, mas podia, por memória muscular, mover-se normalmente. Balançava as mãos diante dos olhos como um primata que jogasse um videogame. Fazia tudo sem entender muito bem o como ou o porquê. Apenas fazia. Recobrando parte das lembranças, verificou as costas do braço esquerdo e, emocionado, chamou o urgente nome. Podia, agora, sofrer com o formigamento, com as recordações felizes e horrendas, fabricando um tapete com sua vida. Amor e dor digladiavam, querendo vitória. Só não havia clareza quanto a quem ocupava o trono. Apenas peso e água empossada apontavam o caminho. Ele caminhou sem rumo pelo que parecia uma eternidade. Quando, sentindo sede, sentou-se no chão, curtas batidas puderam ser ouvidas. A cada fração de tempo, aumentavam-se em volume, tornando-se cada vez mais presentes. Dando fim à expectativa, a jovem apresentou-se, despontando, do breu. Perigosamente próxima ao homem, esticou uma das mãos e, sorrindo, convidou:

— Pai, por que você não se levanta? — Ele obedeceu prontamente.

Abraçaram-se sem tempo. Ele cheirava seus cabelos, beijava suas bochechas e, rendendo-se ao choro, acariciava suas mãos com os lábios. Convencida de ser tudo pendência, permitia o desperdício. Queria vê-lo bem. Quando já satisfeito, o homem segurou-a pelos braços, descolando os dois corpos. Encaravam-se. Dúvidas e acusações dividiam mentes. Ele, afoito, interrogou:

— Você teve escolha, filha? Você decidiu me abandonar?

Sem mudar músculo no rosto, ela respondeu:

— Você teve escolha, pai? Conseguiria levantar se soubesse o resultado?

Silêncio imperou. Ela, como estátua grega, permanecia na exata mesma posição. Ele, por sua vez, encurvava-se, revivendo seu mais profundo inferno. Na tentativa de justificar-se, sem bem pensar ou fabricar fala, confessou:

— Não sei, meu amor... Só sei do inferno que tenho vivido por não ter levantando.

Calando-se, encarando o chão, ouviu a resposta da menina:

— Alguém, nalgum lugar do evo, definiu que você não levantaria, pai. Foi sua maldição. Seu prêmio por algum bom fazer ou castigo por crime qualquer. Ninguém sabe. Importa, apenas, que, ainda que um meteoro invadisse a casa, fritando suas gorduras num braseiro improvisado, você não levantaria. Não se levantou por mim. Não se levantou por nada. Tampouco se levantaria por si. Não se levantaria, mesmo que quisesse muito. Você, no mar das boas vontades que se propõe a praticar, larga no vento o único fato inquestionável de sua vida: você é de carne, falho e imbecil. Você não tem força para mudar nem o percurso de um gato ou a decisão de ir ou ficar de um passarinho. Você não sabe se morre ou vive agora ou amanhã. Se eu dissesse que está morrendo agora, você admitiria a sina ou tentaria mudar? Se tentasse, conseguiria?

“Hoje sei que, desde a mais tenra idade, você se revestiu de escrúpulos monstruosos, acreditando ser caminho a tão quista ‘perfeição’. Mas perfeição não cabe nem a nós, pai. Nem a nós que nem corpos temos... Você se investiga, se incrimina, se prende, se julga e se condena por coisas que você mesmo inventou! É uma doença que, embora você mesmo reconheça, insiste em manter eficaz, como um planeta produzindo a própria órbita. Se aceitasse baixar de seu orgulho, olhando o mundo como ele é de verdade, veria que está mais morto que eu, pai. Já cansei de tentar te explicar...”

Calado estava ao início, calado permaneceu no que faltava do discurso:

— Você, pai, no instante em que me viu morta, decidiu se matar. Mas, por falta de coragem, não cortou os pulsos ou atirou na própria boca. Você decidiu tentar a própria sorte, bebendo veneno da boca de muitas serpentes. Você criou um vórtice em volta de si mesmo que ninguém consegue parar. Quem tentar vai ser engolido junto.

— Filha — disse o homem —, tem coisas que talvez você não saiba. Algumas que me lembro por pequenos flashes, como se fossem mentiras inventadas por mim mesmo.

“Ao saber que você se formava, meu mundo mudou. Eu nasci, naquele dia. Ameaças e provocações foram minha rotina. Eu, que nunca soube fazer cálculos, consegui aprontar um cantinho para que você tivesse onde dormir, onde se alimentar, onde tomar banho. Por tempo sem fim, deixei de comer, num algo que chamaria facilmente ‘dieta do amor’: meu estômago roncava, eu inventava não ter sentido fome e, feliz, sabia que você recebia tudo que precisava para crescer forte. Naquela noite, quando você foi arrancada de mim, não houve santo ou demônio capaz de me trazer consolo. Em teu enterro, o dia mais triste da minha vida, precisei ouvir de um homem, com menino pequeno no colo e garotinha agarrada à mão, ‘olha só que legal,

um bebezinho', como se fosse um algum tipo de show. Vi que desgraça é a vida. Quão monstruosas as pessoas são. Então, não me culpe, por favor, por ter me agarrado ao vício. Não me culpe por chamar pela morte. Não condene minha ansiedade por estar novamente contigo.”

Ela, franzindo a testa, cruzou os braços e apontou:

— Mas, pai, você nunca esteve comigo. Não de verdade.

— Não? Não estive contigo? E quem me acordava com chutes nas costas, aos domingos? Quem eu via nas telas de computador, quando os médicos te examinavam? Não era você?

— Era o que eu seria, pai. Não o que sou, agora. Confesso que me lembro de te chutar, lembro da sua voz. Mas é diferente...

— É diferente, meu amor? Era você, lá.

A garota emudeceu-se. Não havia como explicar a ele, de todo modo. Não se enche copo cheio.

— E como a gente fica? — perguntou o homem.

— Basicamente, assim — respondeu ríspida.

— Assim como?!

— Pai, nunca duvide disto: eu te amo. Eu sempre te amei e sempre vou te amar.

Ele, enchendo de lágrimas os olhos, quis responder, mas as palavras falhavam.

— Escrevi músicas para você, minha filha. Fiz poemas... Chorei tanto de saudade que quase ressequei.

— Mas essa saudade era boa? Ou mesquinharia?

— Muitas vezes foi saudade boa, filha... — abaixando a cabeça.

— Pai, se você quiser, eu derrubo este véu que nos afasta do infinito. Se eu o fizer, você não volta mais. Como ajo?

Confuso e emocionado, ele não sabia responder. Muito além do consultório, um horizonte sem fim estava exposto. Amor transbordava nas canecas. Se conseguisse perdoar e ser perdoado, provavelmente pudesse ser feliz. Mas não sabia escolher. Ciscava no chão como galinha em busca de comida. Uma década no inferno destrói os projetos de qualquer um. Já impaciente, ela insistiu:

— Rápido, pai. Você precisa se decidir logo!

Ele não conseguia resolver a equação. Via fotos mentais de todos os seus amores passando pelos olhos, aqueles que ainda habitavam o mundo. Fugia dos momentos ruins, caçando, na memória, os mais bonitos.

— É sua última chance, pai! — ela insistia.

Ele tão só fechou os olhos, abriu as mãos e, como quem reza, sentiu o furação invadir o ambiente. A garota, transfigurada, apresentou o ultimato:

— Não tenho como continuar, pai. Você precisa se decidir. Vou derrubar o véu em três, dois, um...

PARECE QUE FOI ONTEM

Andréa Souza Carvalho

Maquiada, de calça legging marrom, sandália estilo gladiador dourada, blusa com estampa de oncinha e bolsa reproduzindo a pele de zebra, ela se apresentava super fashion numa pele com mais de 70 anos. Antes de dizer qualquer palavra, apenas um detalhe fazia com que um olhar mais cuidadoso duvidasse de que seria só mais uma senhorinha vaidosa de Copacabana, um pentinho de plástico quase escorregando do alto da cabeça, parecendo que havia pernoitado ali e permanecia perdido naquele emaranhado de cabelo fino tingido de vermelho.

No diálogo meio confuso com a secretária do consultório dentário, ora se referia à forma como pagaria o tratamento, ora comentava sobre o que passava na TV, ou melhor, sobre o que ela entendeu que estava passando. Na tela eram imagens de bares, e alguém entrevistando pessoas que faziam refeições. O som estava baixo, não se ouvia exatamente do que se tratava.

Filha, você escreveu aí que vou pagar em três vezes no dinheiro vivo?

Está aqui, senhora, coloquei 3x.

Não, eu quero que você escreva que é em três vezes, escrevendo, sabe? Para eu não esquecer depois. Esse “três xis” aí não dá pra ver...e essa coisa de dar gorjeta virou mesmo lei, é?

Não sei, senhora. Vou marcar então a próxima consulta para segunda-feira às 11h, tudo bem?

11h é muito tarde! Não pode ser às 9, é que eu acordo cedo...gosto resolver tudo logo, sabe...

O dentista mora longe e o trânsito na segunda é dos piores...10:30h não está bom?

Ele está muito dorminhoco, o que é isso! Já é pai de família! Dois filhos! Marque às 10h. E, olha...se eu precisar de ajuda para voltar, você pode me acompanhar até em casa? Eu moro na outra quadra, na esquina com o Banco do Brasil...é que às vezes me perco...minha cabeça não anda boa, também, vou fazer 82, garota...

Tudo bem, Dona Hernriqueta. Segunda, 10h. Tá marcado.

Estendendo uma nota de dez reais para a secretária, ela diz:

Não dou gorjeta quando não gosto do atendimento...mas aqui eu faço questão.

Imagina, senhora. Só estou fazendo o meu trabalho.

Sem graça, a moça a acompanha até a porta, apressada em se livrar do embarço.

Chegou a minha vez. Não resisti em comentar o quanto achei perigoso

aquela idosa estar andando sozinha por aí, não me parecia muito segura.

O dentista, um rapaz com não mais de 30 anos, nem perto de ser pai de família ou de filhos, relatou como Dona Henriqueta tornou-se sua paciente especial: na certeza de encontrar o dentista com quem se tratava há uns vinte anos atrás, ela entrou no consultório, sem hora marcada, procurando pelo Dr. Feliciano para concluir um procedimento dentário. Decepcionada com a ausência do amigo e perplexa com a mudança no local, disse que sentia muito pela suposta morte do doutor, mas confiaria no dom herdado pelo filho — no caso ele, Dr. Leonardo, filho de João, que nunca teve notícias de nenhum dentista chamado Feliciano naquele local — e retornaria o tratamento com muito gosto porque achou o jovem parecidíssimo com o pai.

E disse mais, especialmente naquele dia, ao término da consulta, ela lamentou até as lágrimas não ter se despedido de Feliciano, lastimou a rapidez com que o tempo passa e reforçou, depois de um caloroso abraço, não só a semelhança física, mas a gentileza e o carinho com que ambos sabem tratar seus pacientes.

— Meu nome? Romeu. Romeu dos Anjos. É, nasci no século XIX, em 1883, já na Lei do Ventre Livre, filho de escravos, isto é, de um casal de negros escravizados, pois os meus antepassados na África eram livres até que chegaram os portugueses e... Bem, esta história é comprida e triste...

... — Logo depois que eu nasci, uns anos se passaram e veio o 13 de maio. Eu era pequeno, mas ainda me lembro da movimentação. Meus pais, os patrícios todos, felizes com a liberdade. A Princesa Isabel era a-do-ra-da! Dali pra diante nasceu muita Isabel pretinha. Estavam tão felizes que nem tiveram tempo para pensar que a abolição não foi concedida pela princesa. Foi o resultado justo de tanto sangue negro derramado em busca de liberdade.

Desde pequenininho fui curioso. Quietos, no meu canto, sempre prestando atenção. Minha mãe trabalhava na cozinha, era doceira que nem minha avó Sebastiana. As duas trabalhavam cantando baixinho aquelas modas que os pretos usavam cantar nos dias de batuque e samba. Também sabiam rezas cantadas bonitas, daquelas que nunca se ouve mais nas igrejas. Ainda em latim. Penso que era tanta missa, tanto terço rezado que elas decoraram para nunca mais esquecer.

— Cantar... eu? Se eu sei cantar? Humm, nem cantar nem dançar. Desde novinho aprendi a fazer doce com minha mãe, minhas tias, minha avó, Vó Bastiana. Eram doces simples, de abóbora, de batata doce, de mamão verde, de laranja... Ah, o doce de laranja, você já comeu? Aquele que se faz com a parte branca da laranja, sem casca e sem os gomos? Fazer aquele doce não era pra qualquer um. Tinha de ter ciência e paciência. Sim, paciência. Deixa eu contar pra você como é que se faz. Primeiro tem que panhar aquelas laranjas. Feias, de casca grossa e enrugada, sempre esverdeadas e com um pouco de ferruge.

Bom. Raspava-se a casca com o ralo, até ficar só o branco da polpa. Daí então se cortava no meio e tirava os gomos e ia pondo numa lata dessas de querosene, cheia d'água. Ficava aquela lata cheia das bandas da laranja para tirar o amargo delas. Era um amargo esverdeado. Era uma laranja diferente, amarga. Parece que tinha fel este tipo de laranja. Para tirar o amargo, toda hora tinha que trocar toda água. Isso levava mais de um dia. Quando saía todo aquele amargo se punha açúcar no tacho de cobre para fazer a calda, com cravo e canela. Dava um doce bonito, clarinho, rosado.

... — Aí foi passando o tempo. Meus pais resolveram ficar na fazenda mesmo porque tinha onde morar. Tinha um trocadinho que ganhava aqui, ganhava acolá, vendendo uns doces... e escola onde eu, minhas irmãs e irmãos estudavam. Eu menino gostava de estudar, de ler, de fazer conta. Passados os anos das primeiras letras,

uns quatro ou cinco anos, o jeito era trabalhar na roça como todo mundo por ali ou então ir para uma cidade grande, aprender uma profissão. Naquele tempo, todo mundo usava viajar de trem. Era o transporte moderno e mais rápido.

Em São Paulo tinha várias estações, mas a mais bonita era a Estação da Luz. Quis trabalhar em trem. Queria trabalhar na cozinha do trem. Ser garçom, cozinheiro ou doceiro. Na cozinha da Estação Sorocabana, primeiro fui garçom. Acho que ali eu aprendi a andar com os sapatos sempre lustrados, a roupa muito limpa, impecável! Não tinha dobras. Nunca gostei de andar amarrotado. Até hoje sou assim. Já velho, com os cabelos brancos e bem vestido. Sempre fui um preto alinhado...

Depois de uns anos como garçom apareceram uns franceses dando cursos de bolos e biscoitos finos. Como a clientela era variada, tinha, primeira e segunda classe, quem viajava nos vagões de primeira classe frequentava o vagão restaurante para refeições, sobremesa, café e bebidas. Tinha até champanhe! Fiquei encarregado de fazer bolos, biscoitos e outros tipos de sobremesa. Minha especialidade eram os bolos confeitados. Quando havia criança fazendo aniversário entre os viajantes, era uma festa. Castelos, casinhas, moinhos de vento... u-ma per-fei-ção!

Passaram-se os anos, veio a aposentadoria e resolvi morar em uma cidade da Noroeste, que estava crescendo por causa das plantações de café. Ali o café era colhido, beneficiado, ensacado. Sacos bonitos de estopa com uma faixa em verde e amarelo. Também tinha um escrito: “Café do Brasil”. Muitos sacos iam direto para o porto de Santos para exportação. Também tinha torrefação, o que espalhava um cheiro bom de café no ar. Delicioso.

Ali moravam uns parentes e uns patrícios, que trabalhavam na roça ou na cidade. Como trabalhava bem com doces de toda variedade fui trabalhar em um clube. Foi um bom tempo. Todos que tinham crianças em casa encomendavam os meus serviços.

— Lembro de um casal, que tinha uma filha de uns três anos, alegre, sorridente, que morava em uma casa de frente para o clube. Fiz a festa de aniversário dela. O bolo era um moinho de vento, todo bem confeitado, u-ma be-le-za! Tinha tudo quanto era variedade de docinhos: de abacaxi, doce de coco, bala de coco, olho-de-sogra, cajuzinho de amendoim, laranjinhas e vários salgadinhos.

Logo depois a menina ficou doente, foi para o balão de oxigênio, disseram. Depois melhorou, mas precisava de muitos cuidados. Assim me contou uma patrícia, ou melhor, minha sobrinha Turinha que ali trabalhava. Passou um tempo e eles mudaram daqui para outra região, de serra. Nunca mais tive notícia. Turinha sentiu muito. Gostava da menina, foi até o lado de lá da cidade, comprar um livro de histórias para dar de presente. Disse que escolheu um, de uma menina que era doente, que não andava e ao ganhar uns sapatinhos vermelhos, dançava, rodopiava. A menina gostou tanto, que todo dia Turinha lia para ela.

O tempo passa depressa. A gente carrega histórias de muita gente. Histórias miúdas como esta aí... outras tantas...

— Mas você me procurou não foi pra ouvir esta conversa fiada. Ara, que mais posso contar? Heim? Da Lei do Ventre Livre? Da Lei do Ventre Livre, falam os livros.

SOB A ILUSÃO DO ETERNO

Rodrigo Mendonça

Em sinapses
Presos em um loooooooping
O tempo
<repete>
O tempo
(Lembro de relógios em um dia quente
de Salvador)
É fumaça
<repete>
É distorção
<repete>
É reflexo
E fim

Apenas me sentei para descansar. É algo necessário em uma certa etapa da vida, e conforme essa etapa avança, mais tempo se leva descansando. Porém, quando dessa vez me sentei, algo começou a me incomodar profundamente na grande sala de jantar. E foi esse incômodo que me motivou a ficar mais tempo sentado, só que agora, não descansando, e sim, percorrendo os olhos por todos os lados.

Agora está claro.

Quem envelheceu sou eu, não o retrato. Não foi ele que mudou. As flores da mesa já secaram. O papagaio que há anos não fala, também mostra sua idade. A mobília do século passado. O tapete puído. A prataria malconservada. E tudo que enxergo é aquele *maldito* retrato.

Destoa-se tanto do resto do cômodo que chega a me paralisar, palpita meu coração arritmico. Preserva-me aos vinte anos, formol feito de tinta a óleo. Com cabelos quase loiros, sedosos e ondulados, uma pele sem manchas e lisa, um porte atlético invejável. Na época, lembro de ter adorado, mas hoje, julga os cabelos brancos e rugas, o corpo esquelético e a pele seca. Encara-me com olhos azuis vivos que de tanto viver estão aguados. Espera meu último suspiro, ainda com um sorriso estampado, *que moleque detestável*, para se tornar o único “eu” dessa casa. Mais que isso, o único novo dessa velha casa, com velhas flores, com um velho papagaio, uma velha mobília, um velho tapete, uma velha prataria e, principalmente, um velho dono. Talvez eu mereça isso, ter aquele estranho conhecido me encarando.

Não. Ele não deveria estar aqui.

Levanto-me da velha poltrona, alcanço a bengala e vou até a grande mesa de madeira, coloco-me na ponta dos pés sobre a mesa e tento o tirar dali. No entanto, meu velho corpo não sustenta mais sua cópia nova.

Pisando em falso, nós dois caímos para um lugar estranho. Onde coexistimos.

UM RELÓGIO PARA VIRGÍNIA

Thiago Orth

Duas horas da tarde. Estou amarrada em uma cadeira, vendo todo o local chacoalhar enquanto os motores da nave estão em aquecimento. Uma pessoa vem e coloca o capacete em minha cabeça, fixando-o junto à roupa. O oxigênio frio entrar e invade minhas narinas. Meu coração dispara de nervosismo. Estou pronta para a contagem final que me levará ao espaço, mas aterrorizada com a possibilidade... tantas coisas podem dar errado. A única coisa que poderei levar comigo são minhas memórias do tempo em que estive aqui. E um relógio.

Um relógio atômico que deixei junto aos aparelhos eletrônicos da nave. Ele marcará o tempo que passara durante a viagem. Deixei outro relógio, idêntico, no laboratório. Ele também marcará o tempo de viagem. Mas não será o mesmo quando eu regressar. A missão durará nove anos para mim. Quatro anos de viagem solitária até a o sistema estelar Próxima Centauro, onde a humanidade construiu uma estação espacial. Um posto avançado de exploração, que serve como porta para o restante da galáxia. Mais um ano vivendo na estação, produzindo experimentos científicos. E quatro anos de viagem de retorno a Terra. Preparei-me minha vida toda para isso.

Todas as noites que passei em claro, estudando e treinando meu corpo à tecnologia de dobra espacial, passam agora diante de meus olhos. Olho ao redor e penso, com um frio no estomago, que só terei essa fina camada de aço para me proteger das forças da bolha gravitacional que dobrará o espaço-tempo, fazendo com que viaje quase a velocidade da luz. O tempo transcorre diferente devido à alta gravidade e a velocidade que a nave será submetida. Mas não é isso que me apavora.

Passarão mais de mil anos aqui na terra. Talvez o relógio que deixei nem esteja mais funcionando. Todas as pessoas que conheci já terão partido. Não haverá nenhum rosto familiar, amigo ou ente querido para me receber no retorno. Estarei sozinha. E isso é o que mais me deixa aterrorizada.

Lembrarei para sempre da despedida de meu pai. E de todas as coisas boas que passamos juntos nos meus trinta anos de vida. Ele é tudo para mim. Lembro com lágrimas nos olhos de nossa despedida.

— Estou tão feliz por você ter vindo — eu disse após dar um forte abraço nele.

— Eu não perderia isso por nada, estrelinha. Estou tão orgulhoso de você. Como você está?

— Estou aterrorizada, pai! Morrendo de medo do que pode acontecer. Não sei se na hora da contagem regressiva terei coragem para continuar.

— Seja forte. Sei que consegue. Esse sempre foi seu maior sonho. Além do mais, quantos testes e simulações a nave passou. Nada que terá lá fora poderá causar

dano a ela.

— O medo do desconhecido não é o que me fará desistir. Mas sim o pensamento de que nunca mais nos veremos — disse e comecei a chorar.

— Isso parte meu coração também, filha. O que me consola é saber que você está realizando um grande feito para a humanidade. Esse é um sacrifício pequeno em prol do futuro. Você tem que ser forte. Eu sempre estarei em seu coração e você no meu. Quem sabe quando eu morrer não poderei viajar para as estrelas em forma de espírito e ficar bem próximo de você?

— É um pensamento confortante — retruquei com um leve sorriso.

— Tenho um presente para você — papai me entregou um pequeno pacote. Abri rapidamente e percebi dois relógios idênticos dentro da caixinha. — São relógios atômicos. Um você levava para a viagem. O outro ficara aqui no laboratório. Sempre que eu vier aqui para lhe enviar alguma mensagem estarei olhando para ele e contando o tempo que estou longe de você. Quando você retornar poderá compará-los e saberá quanto tempo passou aqui na terra.

— Sim, mas quando retornar o senhor não estará mais aqui! — retruquei chorando novamente.

— É verdade, mas saberá que cada segundo do resto da minha vida eu estava pensando em você.

Nos abraçamos e choramos juntos pela última vez. Mais de mil anos nos separará no tempo. Nem mesmo a lápide dele poderei visitar. É bem provável que não venha existir. Nem a casa onde cresci e a escola onde estudei. Talvez a cidade inteira, ou até mesmo o país terão desaparecido! É uma ideia apavorante. Mais assustadora do que viajar milhões de quilômetros na escuridão do espaço sideral, tendo apenas uma nave como lugar para viver e somente um computador de bordo, de inteligência artificial, como companheiro.

Me despedi, não somente de meu pai, mas da humanidade que fica aqui na Terra, que talvez nem venha mais a existir. Um pensamento que pode levar qualquer outra pessoa a loucura. Os mistérios do universo e da gravidade são assustadores, mas, ao mesmo tempo, apaixonantes. Existe tão pouco que sabemos. E é isso que move meu coração. Desvendar os segredos mais profundos do universo.

A contagem começou. Apertei o relógio de meu pai. Única coisa que terei dele, além das memórias, e que me dará forças para desbravar o desconhecido.

UMA SEGUNDA OPORTUNIDADE

Davi M. Gonzales

O homem pouco havia mudado em todos esses anos. Continuava a se vestir de forma impecável e, se a memória não me falha, usava a mesma cor de terno que na primeira vez em que nos encontramos.

Naquela ocasião, ele acabara de ser demitido de uma renomada multinacional, onde ocupara um alto cargo na área de vendas. Isso explicava perfeitamente sua compostura e sua conversa exalando profissionalismo. É bem possível que eu tenha sido seu primeiro cliente no novo emprego.

Depois de apresentar os prospectos com os preços e condições, confidenciei-me que havia aceitado aquele trabalho por puro desespero e, não podia negar, por conta de um empurrãozinho de sua esposa: você sempre foi um excelente vendedor, então continue trabalhando naquilo em que é bom. De minha parte, não ignorava que toda aquela conversa tinha algo de calculado. Afinal, manter a familiaridade com um potencial cliente sempre foi uma boa estratégia, e ele fazia isso com perfeição.

Curioso como, depois de tanto tempo, eu ainda podia recordar os detalhes de nosso primeiro encontro. Sua voz mantinha um tom grave, exatamente da maneira como me lembrava. Impossível deixar de notar que os vinte anos passados não lhe fizeram assim tão mal. Sua memória, inclusive, continuava afiada, pois me reconheceu tão logo transpus a porta do escritório.

A ideia de procurá-lo nasceu de forma casual. Quando arrumava alguns objetos velhos no porão, encontrei a pequena caixa desbotada, cheirando a bolor. Em seu interior, por cima dos outros itens, deparei-me com o cartão de visitas amarelado. Imediatamente fui invadido por uma torrente de lembranças. De forma automática, girei o cartão entre os dedos. Em seu verso uma data, rabiscada à caneta, que se referia ao dia em que a transação fora consumada. O dia em que assinamos o contrato. Ao verificar a data, dei-me conta de que na próxima semana completaria vinte anos.

Havia me esquecido por completo do documento. Como a maioria dos contratos de prestação de serviços, este deveria conter alguma cláusula que orientasse quanto à garantia dos serviços prestados. Em geral, no caso de insatisfação do cliente, esses tratos podem ser desfeitos e, mediante uma taxa simbólica, tudo volta a ser como antes. Sorri, diante do pressuposto de que ninguém, nos dias de hoje, garante o que quer que seja pelo prazo de vinte anos. Ocorre que aqueles eram outros tempos. Tempos de ingenuidade.

Ainda com cartão entre os dedos, surgiu-me o vislumbre de que a cláusula de garantia poderia afinal ser a solução para meus problemas. A partir daí, bastou uma busca rápida na internet e, com facilidade, encontrei o endereço de seu novo

escritório.

O corretor parecia haver prosperado bastante nesses vinte anos. Estava muito bem alojado. Pisos modernos, paredes decoradas e um letreiro elegante na fachada da loja, com o nome da empresa em letras douradas: UMA SEGUNDA OPORTUNIDADE.

Recebeu-me com um sorriso largo no rosto, daqueles que os vendedores conseguem extrair com incrível facilidade, enquanto me oferecia um café. À medida que entornava a bebida forte e quase sem açúcar, ele falava pelos cotovelos, comentando as últimas notícias sobre o clima, o futebol, os clientes, a família, o cachorro... eu me perguntava se sua memória estaria tão aguçada ao ponto de se lembrar o que me levaria a procurá-lo na primeira vez, há vinte anos. Já me preparava mentalmente para repetir todo o ocorrido, mas, para minha surpresa, o homem não se fez de rogado:

— Vinte anos! É muito tempo, mas, quer saber? Lembro-me perfeitamente do seu caso. Você ia casar-se com Samira, embora gostasse de outra moça... Como se chamava mesmo?

— Bem, na verdade foi o inverso. Eu amava Samira e deixei que ela escapasse por entre os dedos. Ela deveria casar-se dentro de uma semana e, na ocasião, eu estava noivo de Juliana.

“Samira era uma paixão antiga, então, sempre que havia uma brecha, nós nos encontrávamos. Nós quatro vivíamos assim, confortavelmente. O que os olhos não veem, o coração não sente, não é mesmo?”

Aconteceu que, faltando uma semana para o casamento de Samira, com direito a papel passado, festa e viagem, ela me procurou. Propôs que desmanchássemos nossos respectivos noivados e nos uníssemos pelo restante de nossas vidas.

A garota havia planejado tudo: como havia muitos amigos em comum, continuaríamos, durante algum tempo, nos encontrando às escondidas e, acalmados os ânimos, poderíamos nos aproximar normalmente, como se estivéssemos iniciando um namoro. Odeio a praticidade das mulheres! Uma completa falta de romantismo! Você não acha que o amor deveria ser como um salto no escuro, sem garantias de que o outro o abraçará?

Tenho que admitir que a moça foi corajosa. Havia entregado todos os convites. Festa e viagem marcadas e pagas, sem mencionar o noivo, que era, reconhecivelmente, um sujeito violento. Ia desistir de tudo, apenas para ficar comigo. Alegava que, depois de casada, não poderia continuar com essa vida dupla. Uma decisão difícil, com certeza.

No dia em que ela me procurou, não pensei em nada disso, sequer considerei a proposta. O arrependimento só veio quando a vi subindo ao altar, onde se uniu ao noivo brutamontes”.

— Então, você procurou por nossos serviços. Lembro-me como se fosse hoje: parecia um coelho assustado e não possuía sequer um tostão para aplicar no negócio. Sabia que, durante muitos anos, você foi o único cliente a rejeitar nosso plano VIP-Máster-Mega-Plus? Uma oferta imperdível...

— Eu sei... foi mesmo a falta de dinheiro. Estava liso como um quiabo. Afinal, também preparava meu casamento... Com a Juliana... E não havia grana que chegas-

se. Aluguel, reforma, móveis, igreja, uma loucura. Sem mencionar o fato de que a Juliana é muito exigente.

— Pois é meu amigo, não se pode ter tudo...

— Não estou me queixando. O trabalho de vocês foi impecável. Há vinte anos estou com a Samira. Como ela havia previsto, o início foi um pouco conturbado, mas, você sabe, as mulheres sempre dão jeito para tudo. Deixou o noivo troglodita esperando no altar, fingiu uma crise nervosa. Explicou que precisava pensar melhor e, três meses depois, éramos namorados. Outros seis meses foram suficientes para o nosso matrimônio. Tudo funcionou como um relógio suíço.

— Nenhum efeito colateral? Reminiscências, impressões, flashes, déjà vus...

— Absolutamente nada. Foi como se existisse apenas a Primeira Oportunidade. Ninguém jamais suspeitou que Samira um dia houvesse se casado com o tiranosauuro. Parentes, padrinhos, pais, e nem ela própria experimentaram sequer a mais leve lembrança desse casamento. Ele simplesmente não ocorreu. O trabalho de vocês foi perfeito.

— Ótimo. Cliente satisfeito é cliente para sempre. Diga, por que nos procurou desta vez?

— Eu explico. Trata-se da antiga questão que sempre assolou os relacionamentos humanos: será que aquilo que eu desejo é mesmo o melhor para mim?

“Juliana era fútil, simplória e despreocupada. Ao seu favor, apenas algo de meigo em seu sorriso.

Já o que me atraiu em Samira foi a nossa cumplicidade no campo intelectual. Nunca nos faltou assunto. Passávamos horas discutindo os temas mais diversos, desde ciência e tecnologia, psicologia, filosofia, até misticismo e tudo o mais que pudesse estimular nossa maneira de ver o mundo. Ela era forte, arrojada e independente. Quando, a uma semana de seu casamento, recusei sua proposta, arrependi-me logo em seguida. Não havia mais o que fazer e então me ocorreu contratar os serviços de vocês, para reconstruir a situação.

Troquei Juliana por Samira e nossos primeiros anos foram muito bons. Ninguém jamais desconfiou que fôssemos amantes há muito tempo. Seu ex-noivo paquiderme ainda insistiu com ela durante algum tempo e, diante das negativas, acabou por desistir. Juliana no início ficou inconsolável, mas logo seu sorriso meigo atraiu outra pessoa e ela já não pensava mais em mim. Tudo parecia se haver ajeitado com naturalidade. Mas o tempo corrói nossas melhores expectativas e agora, vinte anos depois, já não considero tão atraentes as eternas elucubrações e verdades incontestáveis de Samira. De fato, nada mais nela me atrai. Tornou-se desagradável, desleixada e impertinente. Nem parece a mesma mulher por quem desmanchei meu noivado, depois de adquirir a Segunda Oportunidade. Hoje entendo que estaria melhor com Juliana. Por todos esses anos senti falta de seu sorriso meigo e de seu carinho. Há alguns dias a vi em uma loja, no centro. Não me notou, e não tive coragem de conversar com ela. Fiquei apenas observando a maneira como tagarelava com as pessoas. Seus gestos espontâneos, sua delicadeza, seu sorriso... Realmente uma moça encantadora”.

— Quer dizer que se arrependeu outra vez? Quer a Juliana de volta? Sinto não

poder ajudar. O problema é que não trabalhamos com Terceiras Oportunidades. Até tentamos entrar no ramo, mas nossa licença foi cassada logo no primeiro ano... mas posso lhe recomendar um colega que, com certeza, não vai decepcionar. Já está há muito tempo no mercado e sabe tudo sobre as Terceiras Oportunidades.

— Não é bem isso... na verdade, eu estive estudando o contrato e descobri que o período de garantia ainda não expirou. Então, imagino que possamos acionar a garantia e tudo voltará a ser como era antes. Eu casado com Juliana, vocês prestadores de serviços com idoneidade a toda prova, e todos nós vivendo satisfeitos e felizes para sempre...

— Humm... Deixe-me dar uma olhada na cláusula da garantia. Vejamos... Os serviços aqui discriminados serão garantidos pelo período de vinte anos... Blá, blá, blá... Humm... Os serviços onde forem constatadas imperfeições, vícios, defeitos ou incorreções, deverão ser corrigidos no prazo de 10 dias úteis, a partir da constatação...

“Aqui está! Sabia que isto estava em algum lugar: a garantia ora especificada não se aplica em caso de mau uso, uso indevido, negligência, etc, etc.

Sinto muito filho, creio que não poderemos ajudá-lo desta vez. Nossa garantia não cobre o mau uso de sua vida e de suas oportunidades”.

EU VIM DO PAMPA

Athos Ronaldo Miralha da Cunha

Eu vim do pampa. Enfatizo essa expressão porque ela me traz profundas recordações e uma saudade latente que pulsa forte em meu peito, embora passados cinquenta e tantos anos. Essa frase está enraizada em mim, pois com ela está enclausurada a esperança e a vontade de vencer. Eu vim do pampa e a impressão que tenho é que nunca cheguei a lugar nenhum. A minha vida é um eterno vir do pampa.

Já faz muito tempo que venho aqui nessa confeitaria e peço o mesmo de sempre: um cappuccino e uma torrada simples e fico nas minhas idas e vindas imaginárias. Às vezes me distraio e meus sonhos voltam para a pampa ou para os braços de Morgana. Minha eterna namorada ficou lá no passado, mas está presente nas minhas viagens diárias diante de uma xicrinha fumegante de cappuccino.

Eu venho aqui nessa confeitaria porque Mariana é uma excelente atendente e me trata com muito carinho. Eu sou um velho simpático. E Mariana é muito atenciosa. Posso dizer que somos bons amigos. Uma única vez eu trouxe um chimarrão para ela provar, mas ela não gostou. “Não curti” foi a expressão que usou e me alcançou a cuia com meio mate.

Mas preciso voltar um pouco para o passado, lá no começo de minha vinda do pampa. Mariana respeita meus pensamentos. Ela sabe que estou viajando.

Muito cedo saí de casa. Deixei um rancho humilde no interior de um pequeno povoado e alguns amigos de infância. Naquela manhã meu pai estava chimirreando a beira de um braseiro e ali ficou. Num silêncio pampeano de adeus. Minha mãe na porta do casebre enxugava as lágrimas com um lenço branco. Como minha mãe, meu pai deve ter enxugado suas lágrimas no lenço maragato. Não olhei para trás e assim deixei o pampa.

Nunca mais voltei para aquele rancho. Nunca mais reencontrei meus pais. Posteriormente, muitos anos após a minha despedida, soube de suas mortes por um conhecido, um amigo que também deixou o povoado. Talvez tenham morrido de saudade... desgosto. Eu nunca soube e jamais saberei. Mas o dia em que deixei a casa de meus pais eu nunca esqueci. Foi uma terça-feira perdida no final da década de 50. E por muitas vezes, no silêncio do meu ocaso, chorei de arrependimento e ausência. Ainda hoje, como um milagre da memória, ouço os latidos de meu cão, os soluços de minha mãe e o ronco da cuia do mate do velho naquele dia em que me desprendi do pampa. Nunca mais voltei, mas também nunca fui de outro lugar.

Deixei para trás uma vida simples de peão e um pacato futuro. Deixei no passado os banhos de açude e de chuvas nos verões de outrora. Nunca mais saboreei

as amoras do mato, nunca mais colhi pitangas. Nunca mais molhei meus pés numa sanga em uma mormacenta tarde de outubro. Nunca mais frequentei a igreja nos domingos pela manhã. Nunca mais...

Eu vim do pampa e trabalhei como balconista, como padeiro e com muito esforço cursei a faculdade de História, trabalhei muito e estudava mais ainda. E sonhava com o dia que levaria meu diploma para os velhos colocarem na parede do rancho.

Morei por um bom tempo numa pensão de um casal de anciãos. Um casal simpático que guardo saudáveis recordações. Foram os meus pais durante o curso de História.

Foi no curso de História que conheci Morgana. A única mulher que amei em toda minha vida. Era destemida, voluntariosa e guerreira. A palavra que ela mais gostava de pronunciar era liberdade. Foi com Morgana que aprendi o significado da palavra indignação.

Uma noite aconteceu algo estranho e cômico. Ainda hoje sorrio quando lembro. Certa feita levei Morgana para conhecer meu quarto na pensão da Vovó Leocádia. Andávamos abraçados pelo estreito corredor da pensão, nos beijávamos e caminhávamos simultaneamente. De repente esbarramos em um distraído hóspede que vinha em direção contrária lendo um livro de física quântica. Aquelas coisas de lunáticos. Nos desculpamos enquanto o jovem e promissor cientista Tateava o chão a procura dos óculos e do livro.

Aquela foi a primeira vez que Morgana pousou comigo. Foi a noite mais fascinante e maravilhosa que passei com a minha eterna voluntariosa de olhos verdes. Fizemos amor sob um naco de lua cheia que penetrava pela janela.

Morgana era uma leitora voraz. Lia tudo sobre teoria política. Seria uma excelente socióloga, mas como disse... os ocasos.

É aqui que começa minha verdadeira história. No momento em que me tornei também um coadjuvante ao lado de Morgana. E por algumas circunstâncias do destino ainda estou vivo para contar essas breves memórias de paixões e desencantos de uma longa noite nebulosa.

Estava a duas semanas sem por o pé na rua, sem olhar pela janela, sem ver a luz do dia ou o luar das noites silenciosas. Eu vivia isolado de mundo e de todos.

Eu passava os dias lendo jornais e livros, escrevia incessantemente e intencionalmente, gostava de colocar no papel minhas impressões sobre o mundo e o que eu mais gostava, a poesia. Gostava de fazer poesias que falavam das coisas belas da vida, de amor e liberdade, de chimarrão e rio. Uma única vez escrevi uma payada e ela veio em minha mente aos borbotões. Nos infundáveis dias, na solidão das tardes, chimarreava tranquilo ouvindo o som do silêncio nos momentos de introspecção. Naquelas minhas divagações eu entendia pouco de futuro, muito de passado no pampa e não compreendia o presente.

Num certo dia o mate descia quente e amargo, quando resolvi prestar uma homenagem ao meu velho pai, falecido — numa data para mim, incerta — lá no fundo de um rincão. Lamentei por anos a fio por não ter ido dar o último adeus.

Quando a cuia roncou um derradeiro mate, no instante em que o crepúsculo

enegrecia a tarde, na quietude das horas, escrevi em uma folha em branco como se tivesse copiando um poema da memória.

Ainda hoje lembro os versos de minha primeira e última payada.

O chimarrão que o maragato
Cevava na cuia morena
Descansando as chilenas
Pra sorver o verde regato
Que veio do tosco do mato
Mateando quieto e despacito
Com o olhar no infinito
Nos causos do seu silêncio
Manchou com erva o lenço
E chimarreou com seu piazito

E o guri cresceu assim
No gosto pelo chimarrão
Pra quem nasceu neste chão
Cevando mateadas em mim
Em largas proseadas sem fim
Nas vastas tardes da pampa
Quando o quero-quero canta
Na calmaria da terra gaúcha
Com a cuia feito garrucha
Identidade guapa que encanta

Quando o “Velho” anoiteceu
Num mês de maio fatal
Deixou de lado o buçal
Fez de conta que esqueceu
Todas as lidas que viveu
Com a cuia, bomba e sovêu
Cevou um mate com mel
E em silêncio foi embora
Batendo esporas na aurora
Em algum rincão do céu

Herança: a velha bomba
De alpaca e ouro folhada
Ficou um taura na internada
Num dedilhar de milonga
Na tarde cada vez mais longa
Daquele mesmo domingo
Que cevei um mate antigo
E sorvi a Última Payada

Naquela bomba de alpaca
Que sempre carrego comigo

Sobre o primeiro verso coloquei o seguinte título: Última Payada. Dobrei a folha ao meio e guardei, casualmente, na página 64 do livro que estava lendo e que consumia minhas horas naquele período de isolamento.

Tão logo fechei o livro, ouvi um ruído na porta, a fechadura estava sendo forçada. Embora sabendo que era Morgana que estava chegando sempre me assombrava um susto, estava se tornando paranoia e o coração acelerava. Era um alívio quando o sorriso da mulher que amava iluminava a pequena sala de jantar. Trazia alguns mantimentos para o dia-a-dia e a janta, uma pizza calabresa e cerveja. Morgana era o meu contato externo era o leva-e-traz das notícias que me mantinha vivo e com a esperança, pois os dias de clausura estavam me deixando cada vez mais irritado e perturbado.

— Severiano! Viste um fusca branco lá na esquina, tem dois caras dentro?

— Não! Desde que horas estão lá?

— Quando saí, no começo da tarde, o fusca já estava ali, mas apenas um no volante. Agora são dois. A mim parece muito estranho, temos que tomar cuidados redobrados de agora em diante.

Por uma fresta da janela semiaberta eu observava os dois homens dentro do carro. Após um breve silêncio exclamei apavorado.

— Malditos! Nos acharam!

Morgana tentava me acalmar, mas eu estava totalmente arrasado, caminhava de um lado para outro na sala tentando colocar os pensamentos em ordem. Precisava traçar alguma estratégia para as próximas horas. Tínhamos que mudar de esconderijo.

Naquela noite nebulosa de outono eu não consegui dar prosseguimento a leitura do livro de poesias, mas alguns versos ainda arrisquei colocar no papel, inspirados nos olhos verde-claros de Morgana. A eterna companheira, a inspiração para versos tenros e cantilenas. Desde que a vi pela primeira vez numa festa dos bixos na universidade nunca mais outros olhos verdes chamaram minha atenção. Ainda hoje passados tantos anos, acordo no meio da noite chamando pela minha querida. E por vezes choro. Me tornei um velho chorão.

— O que tu estás escrevendo, mais um poema, ou suas memórias? — pergunta Morgana recostada no sofá. Ela parecia tranquila.

— As minhas memórias? Eu escreverei no Chile diante de um cálice de vinho ou nos restaurantes e cafés de Paris. Romântico, não?

— Que pessimismo com o Brasil...

— Brincadeira! Estou escrevendo uma payada para o meu velho pai.

— Uma payada...

Naqueles tempos eu tinha um comportamento pouco convencional e sem

preconceitos. Me achava um poeta talentoso. Eu tinha a admiração de Morgana justamente por ser espirituoso e brincalhão. Dizem que as mulheres gostam de homens que as façam rir. Morgana ria de minhas bobagens.

— Posso ler, adoro as milongas pampeanas.

— Só depois de pronta, prometo que te mostro.

Após o lanche, baixei a cabeça sobre o papel e os versos brotaram na ponta do lápis. Quatro estrofes com dez versos cada, uma payada da pampa, a minha primeira e, definitivamente, Última Payada.

No lusco-fusco da sala, Morgana adormeceu no sofá. Levantei e fiz alguns alongamentos para relaxar e fui até a janela para uma espiada e constatei que o fusca continuava estacionado na esquina.

— Aqueles putos ainda estão lá. Temos que sair daqui hoje ou seremos mais dois assassinados.

Arrumei alguns pertences e deixei sobre a mesa o livro com o meu manuscrito e fui dar uma averiguada nos fundos da casa. Só escuridão e latidos de cachorros, numa noite que prometia.

Lá do pátio eu ouço barulhos e gritaria. A porta se rompe e, instantaneamente, quatro homens armados tomam conta da residência. Entraram atirando *a lo loco* como se diz no pampa. Morgana não teve tempo de uma mínima reação. Revistaram as dependências rapidamente, batendo coturnos no chão, coronhadas nas paredes e pontapés nos móveis. Uma avalanche casa à dentro. Em estado de choque eu estava na espreita oculto pela escuridão da noite em meio ao arvoredo.

— Ninguém sargento, tudo limpo. Somente essa vadia aqui no sofá. Até que ela era bem bonitinha...

O sargento entra calmamente no recinto, dá uma passada de olhos pela sala e senta-se sobre a mesa.

— Eu ainda pego estes vagabundos.

Neste instante, um pequeno papel sobre a mesa com alguns dizeres, chama sua atenção.

— Mas o comunista ainda é metido a poeta.

O sargento bate com os dois punhos sobre a mesa e da um pontapé em uma cadeira que estoura a vidraça da janela.

— Eu mato este corno comunista! Vamos embora daqui! Tragam o presunto para desova.

Até hoje não entendo como sobrevivi aquele período. Tem dias que entro em depressão e acho que fui um covarde naquela noite. Em outros momentos, penso que tomei a decisão certa em manter-me vivo. Num primeiro momento desejei vingança, depois me acostumei com a saudade e minha raiva foi arrefecendo. Restou a saudade que me mata um pouco a cada dia há cinquenta anos.

O corpo de Morgana nunca foi encontrado, entrou nas estatísticas dos desaparecidos políticos. Todas as manhãs eu rezo por ela antes de fazer a primeira refeição. Naquela noite após o assassinato de Morgana vagueei pela cidade, estava

transtornado e pouco me importava se seria abordado pela repressão. Todos os meus sonhos acabaram tragicamente, ainda hoje sou capaz de ouvir a voz do assassino de Morgana “Tragam o presunto para desova”. Abandonei tudo e todos. Tentei várias vezes voltar para o pampa. Mas eu não tinha mais raízes e minhas vindas para o pampa eram lapsos de vontade que logo se dissipavam. Dei aulas na rede privada de ensino e me aposentei como professor. Não tive um relacionamento perene, passei a maior parte da minha vida de solitário, morando em pensões familiares e hotéis de quinta categoria.

Mas tive uma filha que me proporcionou um motivo para viver e sobreviver à sofreguidão. E minha filha Mariana trabalha aqui na confeitaria. Ela que elabora meu cappuccino, minha torrada simples e sempre tem um delicado sorriso para ofertar.

Mariana sabe que se um dia eu não vir na confeitaria tomar o meu cappuccino com torrada é porque não virei mais. Possivelmente eu tenha voltado para o pampa. Talvez eu esteja escrevendo uma outra “Última payada”.

O que é a memória...? Ora, não seja cruel comigo e recorra às explicações graduadas e bem formadinhas. De maneira mais calorosa e prática não é ela a nossa máquina do tempo particular, uma fenda entre o possível e o impossível? Claro, você ainda pode voltar e usar a explicação formal e utilizá-la no seu trabalho científico, mas sinto informar que este conto, que será um resgate ao passado, ficará mais tempo caminhando solitário em tua memória, como é da natureza dela, a memória, ser como uma onça solitária à noite, vagando como uma intocável pelo tempo, à espera do momento oportuno para lhe devorar por inteiro. Pois as onças não tem piedade, nunca adianta pedir para que elas não venham, para que parem, ou vão embora, suas lágrimas apenas esparramam-se pelo chão como o sangue dos teus vasos arteriais que percorrem cada canto do teu corpo, assim são as lembranças que percorrem por cada vazio da vida, em cada detalhe por vezes imperceptíveis até serem agarrados pelos dentes do faminto animal que tu criou, pois é a finalidade unida com a prática.

Mas o que seria de nós se não fossem as onças que criamos para nos atacar...? Para que não se assuste, vou deixar que um felino me ataque e lhe mostrarei a natureza de sua alma e dela verás que é apenas a materialização do impalpável. Havia um medo em mim que me acompanhava pelos caminhos que eu ia, não importava como eu me sentia, quem me fazia companhia, ela sempre estava ali prestes para dar sua mordida fatal, não sabia explicar o motivo, a origem daquela sensação sufocante quando confrontado com aquela situação que era encarada até com um toque de dinâmica e bom humor por aqueles que me cercavam, mas para mim, nunca escorria de sua face um gota de brincadeira, como se a situação fosse uma fumaça, que começa aos poucos e logo se expande e toma dimensões quilométricas, e como um fantasma, apenas via quem acreditava, tudo tomava forma dentro de mim. Me sufocava. Me causava terror. Me atormentava. Eu era um louco que vivia no campo da razão, ou a razão que amava brincar às margens da loucura. Seus olhos estavam ali. Sempre me observando, esperando meu momento de desatenção.

Porém esta se diferenciava das outras, que atacavam para causar o maior estrago possível. Sim, esta tinha prazer em me ver morrer aos poucos, com sangrias regulares na minha alegria em viver, ela se irritava quando me via sorridente, e de súbito, arrebatava as veias em que corria a minha felicidade. Com o tempo me vi a entendê-la, e por certo tempo, confesso, a amei, achei que ela queria apenas me proteger, e por eu não a ter domesticada, ela não sabia uma maneira mais leve de cumprir o seu papel, por aqueles momentos ela queria apenas me avisar que eu estava confiante demais, e a desatenção me faria ser um inocente, uma ovelha perdida

fora do rebanho, e ela estaria ali como uma onça, sim, porém não ansiava a minha ruína. Pois a minha ruína é sua ruína. Somos dependente um do outro, uma união perfeita da criação. Oh, a amei por muito tempo! Até que de tanto me doar, todo o meu sangue se esgotou um dia. E à beira da morte, quando eu não mais sabia a diferença de ver a vida ou permanecer fora, quando o último sol se apagava, veio o guia com suas roupas velhas de palavras, ou cães, trilhando esquivos caminhos por toda a minha paisagem de solidão que fui arrastado para longe de tudo e todos, apenas ela, de guarda, com suas lembranças incisivas decorando-lhe a boca, e erguendo-me como uma peça valiosa de ouro, me salvou.

Olhei para trás dentro de mim mesmo, e a vi, estava lá, roendo os meus ossos, não que sua intenção fosse me matar, mas sim, me manter seguro dentro si, ela era diferente das outras onças, repetirei, mas ainda pensava como uma, seus olhos estavam fixos como poças de ódio, porém permaneceu calma, uma folha num lago, eu estava seguro e agora ela podia descansar, e num leve vento desapareceu como uma verdadeira onça-pintada, mesmo que tenha levado dentro de si, parte da minha vida. Mas as onças e as memórias são criadas por nós e mantidas famintas para que procurem nossa carne durante nossa existência, são os soldados mais letais, e como soldados naturais, nos protegem, mesmo que seja de nós mesmo.

COVERGE

Os capítulos deste livro são compostos por variações da família Montserrat, criada por Julieta é designer gráfica e proprietária do ZkySky, um estúdio de design que co-fundou em 1989, depois de se formar em Typeface Design. Ela vive e trabalha em Montserrat, o primeiro e mais antigo bairro de Buenos Aires. Descrição via: <https://fonts.google.com/specimen/Montserrat>

O texto é composto em Crimson Text. A Crismson é uma fonte serifada desenvolvida especialmente para livros impressos, autoria de Sebastian Kosch.

Saiba mais em: <https://fonts.google.com/specimen/Crimson+Text>

Projeto Beta por
Coverge | Design Multidisciplinar
www.coverge.com.br
#universocoverge